

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICO PASTORAL

LUCIANO LIMA SANTANA

**“CHEIOS DO ESPIRITO SANTO, PARA SERVIR” (AT 6,3):
UMA ABORDAGEM PNEUMATOLÓGICA DO DIACONADO,
EM VISTA DA MISSÃO”**

Curitiba
2017

LUCIANO LIMA SANTANA

**“CHEIOS DO ESPIRITO SANTO, PARA SERVIR” (AT 6,3):
UMA ABORDAGEM PNEUMATOLÓGICA DO DIACONADO,
EM VISTA DA MISSÃO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação “stricto senso” em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Teologia. Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

Curitiba
2017

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

Santana, Luciano Lima
S232c “Cheios do Espírito Santo, para servir” (At 6.3) : uma abordagem
2017 pneumatológica do diaconado, em vista da missão / Luciano Lima Santana ;
orientador: Marcial Maçaneiro. – 2017.
92 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2017

Bibliografia: f. 90-92

1. Diaconia. 2. Pneumatologia. 3. Espírito Santo. 4. Missão da Igreja.
I. Maçaneiro, Marcial. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 262.15

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 146
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
LUCIANO LIMA SANTANA**

Aos vinte e três dias, do mês de novembro de dois mil e dezessete, às dez horas e trinta minutos reuniu-se na sala de Defesa - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Marcial Maçaneiro, Clélia Peretti e Maria Freire da Silva, para examinar a dissertação do candidato Luciano Lima Santana, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no segundo semestre de dois mil e quinze. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "CHEIOS DO ESPIRITO SANTO, PARA SERVIR" (AT 6,3) – UMA ABORDAGEM PNEUMATOLÓGICA DO DIACONADO, EM VISTA DA MISSÃO". O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, O Candidato foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 12 h 25 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

Presidente/Orientador

Profa. Dra. Clélia Peretti

Convidada Interna

Profa. Dra. Maria Freire da Silva

Convidada Externa

CIENTE

Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

Ao Pai Misericordioso, a Jesus Cristo, filho amoroso e libertador, e ao Espírito Santo fonte da graça que me chamou à vida e à vocação.

Aos meus pais e avós, *in memoriam*.

A Magna, minha esposa, mulher guerreira e companheira, a Gabriela, Letícia e Isabel, minhas filhas, riqueza da minha vida, meu alicerce, pelo apoio incondicional e encorajamento.

A Dom Luís Gonzaga Silva Pepeu, Arcebispo Metropolitano de Vitória da Conquista - BA, por me possibilitar a oportunidade de crescimento humano e cristão, através do estudo.

A Dom Estevam dos Santos Silva Filho (Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Salvador - BA), meu padrinho de crisma e irmão na fé, pelo incentivo e encorajamento.

A Dom Valdemir Ferreira dos Santos (Bispo da Diocese de Amargosa – BA) pela amizade e presença em minha caminhada cristã.

Aos presbíteros e irmãos diáconos da Arquidiocese de Vitória da Conquista pelo testemunho e amizade.

A Dom Celso José Pinto da Silva, grande incentivador do Dicanodo.

Aos irmãos leigos e leigas da Arquidiocese de Vitória da Conquista pelo testemunho e compromisso.

Aos irmãos diáconos do Regional Nordeste 3, pelo testemunho missionário.

Ao Mons. Antônio Catelan, pelo primeiro incentivo e orientações para inscrição no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC – PR.

Aos amigos Marcio D'Esquivel, Girlande Almeida e Pe. Marcos Santana pela presença, apoio e incentivo.

Ao Pe. Antônio José de Almeida, pelo acolhimento no programa e pelas primeiras orientações.

Ao orientador, Prof. Marcial Maçaneiro pela competência, segurança e entusiasmo.

Ao diretor, coordenador, professores, funcionários e colegas da PUC - PR pelos conhecimentos adquiridos.

Ao Pe. Ademar Lino de Souza (SVD) e comunidade Filosófica em Curitiba, pela acolhida e alegria.

A Comunidade dos Padres Missionários do Sagrado Coração de Jesus (MCS) em Curitiba, pelo acolhimento, testemunho e amizade.

Ao Mons. Bruno Baldacci e a dona Ianê Silveira Cardoso, *in memoriam*.

RESUMO

Esta dissertação situa-se na área de teologia sistemática, com preocupação teológico-pastoral, como reza o título: *“Cheios do Espírito Santo, para servir” (At 6,3): Uma abordagem pneumatológica do diaconado, em vista da missão*. Trata-se de uma leitura do diaconado a partir dos dados magisteriais e teológicos, com abordagem pneumatológica decorrente do contexto de Atos 6,3: o serviço se inscreve na experiência do Espírito Santo, que qualifica os diáconos para a missão. Este trabalho insere-se no quadro da eclesiologia de comunhão, proposta pelo Concílio Vaticano II, com destaque para Igreja como Povo de Deus habitado pelo Espírito Santo. Aqui, está a dinâmica ministerial que tem promovido a passagem de um modelo funcional de diaconado, para um modelo missionário que tenha presente os apelos da nova evangelização. Deste modo, a pesquisa assinala a interface entre pneumatologia e diaconado, valorizando ao mesmo tempo sua origem na Igreja de Pentecostes e seu caráter sacramental, como expressão e manifestação da diaconia da própria Igreja. Isto será feito mediante a leitura qualitativa das fontes, à luz de Atos 6,3. Destacam-se os documentos do magistério a respeito da diaconia e do diaconado do Povo de Deus, com a interpretação dos autores: Yves Congar, Jürgen Moltmann, Walter Kasper, Lina Boff, Francisco Taborda, Agenor Brighenti, Antônio José de Almeida e Paulo Suess, entre outros. No primeiro capítulo, a pesquisa aborda o contexto bíblico e histórico no contexto originário de Pentecostes. No segundo capítulo, discute-se a questão do diaconado como ministério presente na Igreja a partir de Pentecostes, destacando o seu caráter pneumatológico-sacramental, para além da sua dimensão funcional na estrutura eclesial. No terceiro capítulo, com base no magistério do Papa Francisco, apontam-se os apelos missionários que se fontalizam na obra do Espírito Santo, para dinamizar e promover um diaconado em saída missionária. Por fim, ponderam-se as implicações do diaconado em dinâmica missionária, revendo sua história, seus destaques teológicos, seu caráter sacramental em face da ação do Espírito na Igreja – que articula dons carismáticos e dons hierárquicos. Objetivou-se, deste modo, através da pesquisa, pontuar as perspectivas para o diaconado em si, para o lugar do diaconado na Igreja, sobretudo no horizonte da missão em disposição de saída. Assim, a pesquisa constata que no desenvolvimento histórico do diaconado houve ênfase no modelo funcional pós-cristandade, com necessária revisão dos elementos pneumatológicos. Acredita-se, pois, que isso favorece a revisão deste modelo, cuja finalidade é a promoção da ênfase missionária sob a guia do Espírito de Pentecostes.

Palavras-chave: Diaconado, Pneumatologia, Igreja, Ministérios, Missão.

ABSTRACT

This dissertation is about the theological-pastoral area, inserted in the research line of PPGT Bible and Evangelization (2015). The research is linked to the teacher's project guide "Pneumatology and Christian experience" (2016-2017), and its title is: "Full of the Holy Spirit, to serve" (Acts 6, 3) - A pneumatological approach of the diaconate in the mission view. It is about a reading of the diaconate from the magisterial and theological data, with a pneumatological approach resulting from the context of Acts 6,3: the service is part of the experience of the Holy Spirit who qualifies the deacons for their mission. This work is part of the ecclesiology of communion proposed by the Second Vatican Council, highlighting the Church as the People of God, inhabited by the Holy Spirit. It is about the ministerial dynamic which has promoted the transition from a functional diaconate model to a missionary model that takes into account the calls of the new evangelization. Thus, this research analyzes the interface between pneumatology and diaconate, while valuing its origin in the Church of Pentecost and its sacramental character, as an expression and manifestation of the Church's own diaconia. This will be done by qualitative reading of the sources, according to Acts 6,3. It highlights the documents of the magisterium on the diaconia and the diaconate of the People of God, with the interpretation of authors such as Yves Congar, Jürgen Moltmann, Walter Kasper, Lina Boff, Francisco Taborda, Agenor Brighenti, Antônio José de Almeida and Paulo Suess, among others. In the first chapter the research addresses the biblical and historical context, in the context of Pentecost; in the second chapter the diaconate is addressed as a ministry present in the Church from Pentecost, emphasizing its pneumatological-sacramental character, in addition to its functional dimension in the ecclesial structure. In the third chapter, based on the teaching of Pope Francis, it is pointed out the missionary appeals that are typified in the work of the Holy Spirit in order to invigorate and promote a diaconate in missionary outreach. In conclusion, we consider the implications of the diaconate in missionary dynamics, reviewing its history, its theological highlights, its sacramental character, related to the action of the Spirit in the Church - in whose action the charismatic and hierarchical gifts are articulated. Therefore, the aim of this study is to point out the perspectives that the research brings to the diaconate itself, to the function of the diaconate in the Church, especially on the horizon of the mission, in a disposition of exit. As a result the research shows that, in the historical development of the diaconate, there was an emphasis on the post-Christendom functional model, with a necessary revision of the pneumatological

elements that favor the revision of this model, for the promotion of a missionary model, under the guidance of the Spirit of Pentecost.

Key words: Diaconate, Pneumatology, Church, Ministries, Mission.

SIGLAS

- AG** – *Ad Gentes*, Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja (7.12.1965).
- AL** – *Amoris Letitia*, Exortação Apostólica sobre o Amor na Família, de Francisco (19.03.16).
- CCP** – Comunidade de Comunidades uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia – Doc. 100 CNBB (30.04.2014).
- CIE** – *Carta Iuvenescit Ecclesia*, Congregação para Doutrina da Fé. (14.06.2016).
- CTI** – Comissão Teológica Internacional.
- DAP** – Documento de Aparecida. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007.
- DCE** – *Deus Caritas Est*, Carta Encíclica sobre o Amor Cristão, de Bento XVI (25.12.2005).
- DD** – Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja do Brasil, Doc. 96 CNBB, 2011.
- DId** – Didaqué.
- DP** – Documento de Puebla, III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, 1979.
- DSD** – Documento de Santo Domingo. IV Conferência do Episcopado Latino Americano, 1992.
- DVi** – *Dominum et Vivificantem*, Encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo, de João Paulo II (18.05.1986).
- EA** – *Ecclesia in America*, sobre o Encontro com Jesus Cristo Vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América, de João Paulo II (22.01.1999).
- EG** – *Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, de Francisco (24.11.2013).
- EM** – *Evangelii Nuntiandi*, Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo, de Paulo VI (08.12.1965).
- GS** – *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje.
- Ivc** – Iniciação à vida cristã. Itinerário para formar discípulos missionários, Doc 107, CNBB, 2017.
- LG** – *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja (21.11.1964).
- Mml** – Missão e ministério dos cristãos leigos e leigas – Documento 62 CNBB, 1999.
- PDV** – *Pastoris Dabo Vobis*, Exortação Apostólica sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais, de João Paulo II (25.03.1992).
- PR** – PONTIFICAL ROMANO.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 A DIACONIA NA IGREJA..... | 12 |
| 2.1 A DIACONIA NO SER E NA MISSÃO DA IGREJA..... | 12 |
| 2.2 IGREJA COMO COMUNHÃO TRINITÁRIA..... | 12 |
| 2.3 DA REALIZAÇÃO TRINITÁRIA DA IGREJA À SUA MINISTERIALIDADE..... | 15 |
| 2.4 IGREJA POVO DE DEUS..... | 17 |
| 2.5 O SENTIDO DO TERMO DIACONIA..... | 20 |
| 2.6 A DIACONIA NO SER E NA MISSÃO DA IGREJA..... | 25 |
| 2.7 O CARÁTER SACRAMENTAL DA DIACONIA..... | 25 |
| 2.8 OS SERVIÇOS ECLESIAIS COMO EXPRESSÃO DA DIACONIA DA IGREJA..... | 26 |
| 2.9 ASPECTOS FUNDAMENTAIS DO MINISTÉRIO DIACONAL..... | 30 |
| 2.10 ASPECTOS HISTÓRICOS..... | 31 |
| 3 O DIACONADO PERMANENTE: TEOLOGIA E DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA..... | 34 |
| 3.1 A DIACONIA DE CRISTO SOB A UNÇÃO DO ESPÍRITO..... | 34 |
| 3.2 A DIACONIA DA IGREJA..... | 36 |
| 3.2.1 AS MULHERES E A DIACONIA..... | 39 |
| 3.2.2 A DIACONIA DE MARIA NA MISSÃO DA IGREJA..... | 40 |
| 3.3 PENTECOSTES, EVENTO PARA A IGREJA..... | 42 |
| 3.4 O DIACONADO: SUA PERSPECTIVA NEOTESTAMENTÁRIA E PATRÍSTICA..... | 45 |
| 3.5 O DIACONADO: DA PÁTRISTICA AO VATICANO II..... | 47 |
| 3.6 DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DO DIACONATO..... | 54 |
| 3.7 OS MINISTÉRIOS ECLESIAIS (UM SÓ ESPÍRITO, DIFERENTES MINISTÉRIOS)..... | 58 |
| 4 O DIACONADO EM SAÍDA MISSIONÁRIA..... | 63 |
| 4.1 IGREJA EM MISSÃO..... | 63 |
| 4.2 IDENTIDADE MISSIONÁRIA DO DIÁCONO..... | 71 |
| 4.3 APÓSTOLOS EM SAÍDA MISSIONÁRIA..... | 74 |
| 4.4 SERVIR COMO DISCÍPULOS E MISSIONÁRIOS: FAMÍLIAS..... | 77 |
| 4.5 PROMOÇÃO HUMANA E PASTORAIS SOCIAIS..... | 78 |

| | |
|---|-----------|
| 4.6 MUNDO DO TRABALHO E DOS TRABALHADORES..... | 80 |
| 4.7 SERVIÇO DA CARIDADE..... | 81 |
| 4.8 O MINISTÉRIO DA CARIDADE NA IGREJA DA AMÉRICA LATINA..... | 83 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 87 |
| REFERÊNCIAS..... | 90 |

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação propõe aprofundar a reflexão sobre a vocação e missão do diácono permanente na Igreja do Brasil. A abordagem do diaconado a luz da dimensão pneumatológica situa um novo olhar para este ministério, enfatizando a sua dimensão missionária sob a ótica da novidade deste ministério para toda a diaconia da Igreja.. O tema situa-se na área de Teologia Sistemática da Linha de Pesquisa do PPGT “Bíblia e Evangelização”, vinculado ao projeto de pesquisa do orientador “Dimensão, Pneumatológica da Fé e Questões Ecumênicas” (2015-2016).

O objeto formal se define como a dimensão pneumatológica do diaconado, para uma Igreja em Saída Missionária. Partindo desta compreensão, toma-se por objeto material: os documentos do magistério a respeito da diaconia e do diaconado do Povo de Deus, com a interpretação dos autores: Yves Congar, Jürgen Moltmann, Walter Kasper, Lina Boff, Francisco Tabora, Agenor Brighenti, Antônio José de Almeida e Paulo Suess, entre outros.

O papa Paulo VI, em 21 de novembro de 1964, solenemente promulga, na terceira sessão plenária do Concílio Vaticano II, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, fruto de intenso trabalho e orações dos padres conciliares, que procuraram reavivar a visão bíblica sobre o serviço e, a partir desse, situaram a hierarquia sob esse prisma. Diversas proposições foram apresentadas para a Igreja, entre elas, encontra-se a restauração do diaconado permanente na Igreja Latina.

O diaconado permanente situa-se no contexto da vida e da ação pastoral da Igreja. A restauração do diaconado não é um retorno somente a origem da Igreja, é muito mais que isso, ela vem responder a uma nova visão ministerial de Igreja.

É importante salientar que os padres conciliares viram grandes motivações para a restauração do diaconado, fundamentações estas que serviram de base para as decisões tomadas no Concílio Vaticano II. A história e as perspectivas pastorais que tanto motivaram os padres conciliares eram, na verdade, motivações do grande protagonista da Igreja: o Espírito Santo. Impulso divino que conduziu a Igreja à restauração do quadro completo da hierarquia – bispos, presbíteros e diáconos. Para revitalizar as comunidades cristãs e fazer com que estas se tornassem mais próximas das comunidades da Igreja primitiva, sob a ação do Espírito Santo, os Apóstolos fundaram, nos primeiros séculos, e vemos confirmada em Atos dos Apóstolos, o grande sopro Divino sobre toda a Igreja, tornando-a mais viva e mais evangelizadora.

O diaconado permanente é um enriquecimento de suma importância para a missão evangelizadora da Igreja. Para que homens impelidos pelo Espírito à vida litúrgica, pastoral, caritativa e missionária sejam fortificados, como na Igreja Primitiva, pela imposição das mãos, para exercerem este ministério diaconal, tendo a graça santificante do sacramento da ordem.

Ao incentivar a restauração e a importância da pessoa do Diácono Permanente para a evangelização no mundo atual, a Igreja Latina valoriza e motiva os diáconos permanentes em sua missão, o que é um grande incentivo àqueles que se sentem chamados ao serviço eclesial sem, contudo, abandonarem seus afazeres no mundo secular.

Entende-se que o diácono permanente é um sujeito ativo na evangelização. O servo fiel do Pai segue os passos de Jesus Cristo, que se fez servo de todos e esteve nas mais diversas esferas da sociedade. Assim, é o diácono permanente que deve fazer a ponte entre Igreja e mundo, mundo e Igreja.

No primeiro capítulo, a pesquisa aborda o contexto bíblico e histórico, no contexto originário de Pentecostes. No segundo capítulo, tem-se uma abordagem do diaconado como ministério presente na Igreja a partir de Pentecostes, destaca-se o seu caráter pneumatológico-sacramental, para além da sua dimensão funcional na estrutura eclesial. No terceiro capítulo, com base no magistério do Papa Francisco, apontam-se os apelos missionários que se fontalizam na obra do Espírito Santo, para dinamizar e promover um diaconado em saída missionária.

O trabalho realizado nesta dissertação pondera as implicações do diaconado em dinâmica missionária, rever sua história, seus destaques teológicos e seu caráter sacramental, em face da ação do Espírito na Igreja, presente na articulação dos dons carismáticos e dos dons hierárquicos. Objetiva-se, deste modo, pontuar as perspectivas que a pesquisa traz para o diaconado em si e para o lugar do diaconado na Igreja, sobretudo no horizonte da missão em disposição de saída. Assim, a pesquisa constata que no desenvolvimento histórico do diaconado, houve ênfase no modelo funcional pós-cristandade, com necessária revisão dos elementos pneumatológicos que favorecem a revisão deste modelo, e a promoção de um modelo de ênfase missionária, sob a guia do Espírito de Pentecostes.

Por meio do processo de

2 A DIACONIA NA IGREJA

Ao falar em diaconia ou serviço na Igreja e da Igreja, referimo-nos a esta instituição como continuadora da missão de Jesus Cristo, que é oferecer ao mundo a graça da Salvação. A diaconia encontra diferentes modos de expressar a ação salvífica, seja pelo *kerigma* ou pelo *koinonia*. Ela é o serviço da Igreja no campo sócio-político-cultural. Esse ministério se expressa em tudo o que a Igreja realiza em favor da humanidade e da criação inteira, redimidas no mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. O termo diaconia deriva fundamentalmente da fonte neotestamentária.

2.1 A DIACONIA NO SER E NA MISSÃO DA IGREJA.

A Diaconia da Igreja não se define apenas por um certo setor ou atividade da Igreja, pois não se trata de um departamento da instituição. Ela é a própria identidade da Igreja, que não apenas exerce diaconia, mas se define e se identifica pela diaconia: a Igreja de Jesus, ou é diaconia ou não é Igreja de Jesus. É por ela que Jesus se define a si mesmo: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e entregar a sua vida pela multidão" (Mc 10,45). E o seu testamento na última ceia foi o gesto típico da diaconia: lavar os pés (Jo 13,1-15). Por isso, Paulo designou Jesus como "diácono dos circuncisos", enquanto veio "cumprir as promessas feitas aos pais." (Rm 15,8). Nesse sentido, toda a missão de Jesus é diaconia e esse é o compromisso da missão servidora da Igreja como continuadora da ação e exemplo de Jesus Cristo, que em Pentecostes recebe o Espírito Santo como fonte da missão e do ser da própria Igreja.

2.2 IGREJA COMO COMUNHÃO TRINITÁRIA

Para uma compreensão da Igreja e sua missão como diaconia de Cristo faz-se necessário retomar a constituição e a realização da mesma como Comunhão, a exemplo da comunhão trinitária, e como Povo de Deus. Esta abordagem encontra-se, especialmente, na concepção do Concílio Vaticano II, de fonte bíblica e patrística, ao apresentar e afirmar a Igreja como mistério e realidade histórica.

O Concílio Vaticano II, ao recordar à Igreja a sua vocação e missão de comunicar a boa notícia do Reino, faz resplandecer a Luz de Cristo no rosto da mesma. Ele a apresenta um caminho a percorrer como Comunidade aberta para o mundo, bem como enquanto sacramento

visível da salvação. Seus membros, constituídos pelo batismo como povo sacerdotal, são corresponsáveis pela evangelização e pelo testemunho de santidade.

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc. 16,15). Cristo Nosso Senhor, Pontífice escolhido de entre os homens (cf. Hebr. 5, 1-5), fez do novo povo um “reino sacerdotal para seu Deus e Pai” (Ap.1,6; cfr. 5, 9-10). Na verdade, os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cf. 1 Ped. 2, 4-10) (LG 10).

Como povo sacerdotal, a comunidade cristã é chamada a oferecer ao mundo o testemunho de entrega e doação amorosa da sua própria vida. Pelo testemunho e serviço é chamada a comunicar a razão da sua fé, a alegria e a esperança em Cristo Jesus.

Por isso, todos os discípulos de Cristo, perseverando na oração e louvando a Deus (cfr. At., 2, 42-47), ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus (cfr. Roma 12,1), dêem testemunho de Cristo em toda a parte e àqueles que lha pedirem dêem razão da esperança da vida eterna que neles habita (cfr. 1 Ped. 3,15). (LG 10).

Plasmada pelo Espírito Santo, a Igreja é enriquecida pela variedade de dons e carismas, que constituem a sua riqueza e potencial criativo, para chegar à humanidade enquanto servidora e eminentemente diaconal. Cheia do Espírito, a Igreja cumpre a sua diakonia e missão salvífica.

Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cfr. Jo. 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cfr. Ef. 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cfr. Jo. 4,14; 7, 38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cfr. Rom. 8, 10-11) (LG 4).

Pela eficácia do Espírito Santo a Igreja é enriquecida com dons hierárquicos e carismáticos para ao servir ao Povo de Deus. Através da graça do batismo e da crisma torna-se povo cheio do Espírito, cuja missão é conduzir a humanidade à salvação.

O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cfr. 1 Cor. 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cfr. Gál. 4,6; Rm. 8, 15-16. 26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cfr. Jo. 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef. 4, 11-12; 1 Cor. 12,4; Gál. 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: “Vem” (cfr. Apoc. 22,17) (LG 4).

A Igreja é sacramento universal da salvação e ícone da Trindade encarnada na história, pois é chamada a realizar a missão que lhe foi confiada pelo Pai na força do Espírito

Santo, que é “protagonista da missão”, como define o teólogo Bruno Forte, na sua compreensão da Igreja como Mistério:

A Igreja oferece-se como o lugar do encontro e da iniciativa divina e da obra humana, a presença da Trindade no tempo e do tempo na Trindade, irredutível a uma apreensão puramente humana, todavia a Igreja de homens que vivem plenamente na história [...] A Igreja é ícone da Trindade santa; na comunhão estrutura-se à imagem e semelhança da comunhão trinitária. Se a Igreja é, mediante uma não –médiocre analogia, comparada ao mistério do Verbo encarnado. Pois a natureza assumida indissolavelmente unida a ele serve ao Verbo divino como órgão vivo da salvação, semelhante o organismo social da Igreja serve ao Espírito Santo de Cristo que o vivifica para o aumento do corpo (cf. Ef 4,16) (LG 8) (FORTE, 2005, p 17 e 22).

A compreensão originária da Igreja como comunhão (*koinonía / communio* (cf. LG 1)) encontra-se na relação pericorética da Trindade. A comunhão expressa o ser de Deus enquanto Trindade e depois alcança a humanidade. A fonte da comunhão é o ser trino de Deus: a Trindade é *arché* da Igreja e da criatura humana. Esta mesma comunhão se manifesta em todo o agir salvífico de Deus, demonstrado em toda a economia de salvação. A concepção da Igreja-Comunhão se dá a partir da redescoberta da origem trinitária da Igreja (LG 2-4), que se fundamenta na comunhão, na unidade e na diversidade. Segundo Bruno Forte,

[...] para realizar o seu desígnio de unidade na variedade dos homens e dos povos, o Pai mandou seu Filho e o Espírito, Senhor e vivificador, que congrega toda Igreja [...] é ele o princípio de unidade na doutrina dos apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações (At 2,42-47 e LG, n. 13).

A origem trinitária da Igreja expressa no Concílio Vaticano II, tem suas raízes no Novo Testamento, com destaque para a teologia paulina (cf. 1 Cor, 12; Rm, 12). Nela, a Igreja afirma-se como querida pelo Pai (LG 2), estabelecida no tempo pela missão salvadora de Cristo (LG 3) e manifesta pelo Espírito Santo em Pentecostes (LG 4). A teologia Paulina a respeito da Igreja a caracteriza enquanto manifestação pneumatológica e carismática (cf. 1 Cor 12,11;27), desígnio universal da salvação, que se desenvolve trinitariamente. Na concepção do teólogo Antônio Almeida, esta é uma das maneiras de se compreender o Mistério:

Desde sempre a misericordiosa decisão do Pai em favor dos seres humanos; na plenitude dos tempos, a missão salvífica do Filho encarnado, que é revelada e manifestada de modo visível, podendo neste sentido aplicar-se a Igreja (ALMEIDA, 2012, p.99).

Deste modo, compreende-se a riqueza da natureza da Igreja, que revela ao mundo a Graça abundante derramada sobre Ela no mistério da encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Em Pentecostes, torna-se plena e habilitada para continuar no mundo aquilo que a constituiu, ou seja, a sua missão de servir e salvar.

2. 3 DA REALIZAÇÃO TRINITÁRIA DA IGREJA À SUA MINISTERIALIDADE

É pela ação do Espírito Santo, como unção de Cristo e dos cristãos, que a Igreja é constituída como povo sacerdotal, profético e régio, dotado de dons hierárquicos e carismáticos. A manifestação do Espírito Santo como doador dos dons favorece a compreensão da diversidade da missão de toda a Igreja (cf. 1 Cor 12,11).

Na *Lumen Gentium*, a Igreja é apresentada pela sua identidade trinitária: “desta maneira aparece a Igreja toda: o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” (LG, n. 4). Isto é, essa mesma Igreja, que tem sua origem no mistério trinitário, pela missão do Filho e do Espírito Santo, por livre e amorosa iniciativa do Pai, encontra na mesma Trindade seu modelo.

Dessa forma, a Igreja não está reduzida às coordenadas da História, do visível e do disponível. A fonte mais profunda de origem da Igreja encontra-se na Santíssima Trindade. A Igreja é, no mundo, o reflexo e a vivência do mistério trinitário. É a comunhão existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo que deve caracterizar toda a comunhão eclesial. Dessa maneira, aparece a Igreja toda como “o povo de Deus reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG, n. 1.4). Nesta perspectiva, o Concílio redescobre a dimensão carismática de todo o povo de Deus, a riqueza e a variedade dos dons que o Espírito infunde em todo batizado, com vistas à utilidade comum (LG, n. 4.7) (SILVA, 2011, p.119).

Para o Concílio Vaticano II, a compreensão da Igreja como mistério de comunhão encontra-se no modelo da Trindade, que é a comunhão plena e perfeita. Esta nova eclesiologia, em vista de uma renovada e plena percepção do mistério eclesial, reside na leitura trinitária da Igreja, qual seja, o povo reunido em torno do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. LG 4, final).

Conforme proposto acima, partimos do princípio trinitário da Igreja, isto é, a Trindade como *arché* (princípio originário) da Igreja, para destacar a sua dimensão pneumatológica. Nela, o Espírito Santo se revela como doador dos dons e dinamizador dos ministérios. “Há diversidade de *charísmata*” (1 Cor 12, 4); “temos *charísmata* que são diferentes” (Rm 12, 6); “cada um recebe de Deus o seu próprio *chárisma*, um de uma maneira, outro de outra” (1 Cor 7, 7).

A diversidade entre os membros do corpo não é uma anomalia a evitar. Pelo contrário, é uma necessidade benéfica que torna possível o cumprimento das diversas funções vitais. «Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Há, pois, muitos membros, mas um só corpo» (1 Cor 12, 19-20). Paulo, em Rm 12, 6, e Pedro, em 1 Pe 4, 10, atestam uma estreita relação entre os carismas particulares (*charísmata*) e a graça (*chárís*) de Deus. Os carismas são reconhecidos como uma manifestação da «multiforme graça de Deus». Não se trata, portanto, de meras capacidades humanas. A sua origem divina expressa-se de diversas formas: de acordo com alguns textos, eles provêm de Deus (cf. Rm 12, 3; 1 Cor 12, 28; 2 Tim 1, 6; 1 Pe 4, 10); segundo Ef 4, 7, provêm de Cristo; segundo 1 Cor 12, 4-11, do Espírito. Uma vez que esta última passagem é a mais insistente (nomeia sete vezes o

Espírito), os carismas são habitualmente apresentados como «manifestações do Espírito» (1 Cor 12, 7). É claro, no entanto, que esta atribuição não é exclusiva nem contradiz as duas precedentes. Os dons de Deus implicam sempre todo o horizonte trinitário, como sempre foi afirmado pela teologia desde os seus inícios, tanto no ocidente como no oriente¹.

Um dos elementos fundamentais para compreender o mistério da Igreja é que a mesma está fundamentada no Espírito Santo, já que Ele é quem a faz ser uma em Cristo. É pela participação da comunhão eucarística, na fração do pão, que os fiéis são elevados à comunhão com Ele e entre si (LG, n. 26).

O Espírito Santo é o grande dinamizador dos ministérios e doador dos dons. É por meio dele que a Igreja é ornada e enriquecida para cumprir a sua missão. Deste modo, o Concílio Vaticano II, na sua volta às fontes bíblicas e patrísticas, recorda através da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, de forma emblemática, a eficácia do Espírito Santo na missão da Igreja: “O Espírito [...] conduz a Igreja à verdade total (cf. Jo 16, 13) e unifica-a na comunhão e no ministério, enriquece-a e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos” (Cf. *Ef* 4, 11-12; 1 Cor 12, 4; *Gál* 5, 22) (LG 4). Logo em seguida, descreve o caráter pluriforme e providente do mesmo Espírito na vida da sua Igreja:

Além disso, este mesmo Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas “distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz” (1 Cor. 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ; “a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum” (1 Cor. 12,7) (LG 12).

A Igreja recebe a graça e o ministério de acolher, discernir e confirmar a manifestação do Espírito no desenvolvimento da missão da comunidade eclesial, enriquecida pelos diversos carismas, a fim de que favoreçam a diversidade e a comunhão. Desse modo, diversidade de dons e carismas não significa uma confusão ou desordem na vida eclesial. Não se trata de cada um fazer o que lhe apraz, mas sim, através do próprio Espírito, serem chamados a colaborar para que a Igreja, ao exercer o seu ministério, seja geradora de caridade e unidade.

Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Não se devem porém, pedir temerariamente, os dons extraordinários nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas; e o juízo acerca da sua autenticidade e reto uso,

¹Cf. *Carta Iuvenescit Ecclesia aos Bispos da Igreja católica Sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da igreja aos Bispos da Igreja católica*. Roma, 15 de maio 2016. Disponível em: http://www.seminariopropedeutico.org.br/arquivos/Carta_Iuvenescit_Ecclesia-PT.pdf. Acesso em novembro de 2017.

pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom (cfr. 1 Tess. 5, 12. 19-21). (LG 12).

O caráter ministerial da Igreja, como já foi dito, tem sua origem e raiz na Trindade, que por sua força e natureza, dispõe a sua Igreja em ordem missionária. Neste sentido, nenhum carisma ou ministério existe para si mesmo, mas para a missão que é a razão de ser da própria Igreja. Igreja peregrina que é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo (AG 2).

Na sua compreensão teológica, Bruno Forte define a unidade da Igreja como imagem da comunhão trinitária. Ela vive da diversidade, cuja expressão é a multiplicidade das Igrejas, dos carismas e dos ministérios suscitados pelo Espírito Santo para o crescimento do único Corpo de Cristo.

A Igreja, estruturada sobre a exemplaridade trinitária, deverá manter distância da uniformidade que nivela e mortifica a originalidade e a riqueza dos dons do Espírito, e de toda contraposição lacerante que não resolva na comunhão as tensões entre carismas e ministérios diversos, em fecundo acolhimento recíproco das pessoas e das comunidades na unidade da fé, da esperança e do amor (FORTE, 2005. p. 23).

É na Santíssima Trindade que se encontra o modelo de ministerialidade na Igreja e da Igreja. A ação ministerial se realiza na dinâmica trinitária, isto é, ao receber o dom do Pai por meio do Filho e do Espírito Santo, torna-se servidora habilitada na comunidade eclesial, com o propósito de anunciar o Reino definitivo.

2.4 IGREJA POVO DE DEUS

A proposta do Concílio Vaticano II é recuperar a compreensão de Igreja Povo de Deus, conforme seus elementos bíblicos originários. Assim, a Constituição Dogmática sobre *Lumen Gentium*, antes de tratar da hierarquia (cap. III) e dos leigos (cap. IV), fala do povo de Deus (cap. II). Trata-se da Igreja na sua totalidade, naquilo que é comum a todos os membros. O texto conciliar aponta para a necessária superação da distância entre hierarquia e laicato, a partir de uma eclesiologia de comunhão que recupera a categoria teológica “Povo de Deus”, segundo o Novo Testamento. A compreensão de uma Igreja como povo escolhido de Deus será a tônica do documento *Lumen gentium*. Assim escrevem os padres conciliares:

Com efeito, os que creem em Cristo, regenerados não pela força de germe corruptível mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo (cfr. 1 Ped. 1,23), não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cfr. Jo 3, 5-6), são finalmente constituídos em «raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus» (1 Ped. 2, 9-10) (LG 9).

A noção de Povo de Deus exprime a profunda unidade, a comum dignidade e fundamental habilitação de todos os membros à participação na vida da Igreja e à corresponsabilidade na missão. Assim, ao referir-se a "atividade missionária da Igreja", o Concílio se expressa:

Como membros de Cristo Vivo, a Ele incorporados e configurados pelo Batismo e também pela Confirmação e a Eucaristia, obrigados se acham todos os fiéis ao dever de cooperar na expansão e dilatação de seu corpo, para o levarem quanto antes à plenitude. Empenhem-se com afinco na obra da evangelização (AG 36).

A noção de Povo de Deus habitado pelo Espírito Santo exprime a profunda unidade existente entre a Trindade e os membros do Corpo entre si. Povo sacerdotal, profético e régio, convocado e enviado, Povo messiânico ungido para a missão, Povo cheio do Espírito Santo, morada de Deus, sob o fundamento que é Cristo, no qual os apóstolos constroem a Igreja (1 Cor 3,11). Povo da esperança e do serviço, que se reconhece chamado e enviado a dar o testemunho das obras daquele que os enviou. Não se trata de um conceito sociológico, de um povo qualquer, mas do Povo de Deus, povo por ele eleito e enviado em missão.

Cristo Nosso Senhor, Pontífice escolhido de entre os homens (cfr. Hebr. 5, 1-5), fez do novo povo um "reino sacerdotal para seu Deus e Pai" (Apor. 1,6; cfr. 5, 9-10). Na verdade, os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cfr. 1 Ped. 2, 4-10) (LG 13).

Desse modo, o Concílio Vaticano II não temeu romper com os modelos ultrapassados de uma Igreja fechada em si mesma, clericalizada com suas eclesiologias redutoras. Do contrário, se propôs a lançar a Igreja no novo horizonte de abertura e disposição evangelizadora. Ele afirma que todos são corresponsáveis pela missão que se realiza na diversidade de ministérios, dons e carismas (cf. LG 4 e 12). O Concílio Vaticano II, na sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, ao aprofundar o mistério da Igreja, apresenta uma questão crucial sobre a sua natureza e missão e põe em primeiro plano a noção de Povo de Deus (LG 9). Além disso, acentua a dignidade batismal (LG 10), reafirma que todos somos igualmente filhos de Deus, irmãos de Jesus Cristo e santificados pelo Espírito Santo. Enfim, apresenta uma nova visão de Igreja, ao pôr em evidência o conjunto de toda a comunidade cristã (LG 13).

Esse mesmo Concílio recuperou a compreensão de Igreja como Povo de Deus. Deste modo, expressa e compreende a realidade mais profunda e íntima da Igreja, pois ela é o Povo de Deus da nova e da eterna aliança. Tal compreensão é fundamentalmente bíblica, por isso a Igreja se situa numa linha histórico-salvífica, atuante no hoje da história humana (Lc 6, 12-16;

Lc 10,1-24; At, 1, 1-13; 1 Cor 3, 16-17; 1 Cor 12, 12-30; Ef 2,14-22; 1 Pd 2, 1-10). As teologias Lucana e Paulina explicitam claramente a perspectiva da eleição ou escolha dos apóstolos, dos discípulos e de toda a comunidade cristã em vista da missão. Povo convocado e enviado, habitado pelo Espírito Santo com dons e carismas para o serviço e para a missão.

A Igreja é a comunidade dos que acolhem a Palavra e nela são introduzidos pelo Batismo (At 2,41). Desse modo, todos os seus membros, pelo fato de terem sido batizados, são consagrados e recebem a unção no Messias: “Não sabeis que todos os que fomos batizados no Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados?” (Rm, 6,4).

Ao refletir a respeito da recuperação do conceito de “Povo de Deus” do Concílio Vaticano II, Comblin retoma a compreensão do mesmo, como uma teologia fundamentada na Sagrada Escritura, tanto no Antigo como no Novo Testamento, como se expressa a seguir:

Ao propor de novo o tema do Povo de Deus no centro da eclesiologia, o Vaticano II é fiel a uma das suas orientações básicas que era o retorno à Bíblia. Tomando o tema povo de Deus como eixo, a doutrina conciliar está em continuidade evidente com a Bíblia. Não se trata de volta ao Antigo Testamento, como dizem alguns autores. O Novo Testamento inteiro explícita ou implicitamente está construído sobre o tema do Povo de Deus. Os evangelhos mostram Jesus no meio do Povo de Deus, agindo entre o povo, novo Israel que começa com discípulos. Os outros livros do Novo Testamento elaboram a teologia do novo Povo de Deus. A teologia de São Paulo tomou o conceito de povo de Deus como o seu conceito básico. Mas os outros livros bíblicos também seguem esse caminho: “Fez de nós um reino, sacerdotes para Deus, seu Pai” (Ap 1,6). “Eles serão o seu povo e ele será o Deus que está com eles” (Ap 21,3). “Vós, porém sois a raça eleita, a comunidade sacerdotal do rei, a nação santa, o povo que Deus conquistou para si, para que proclaméis os altos feitos daquele que das trevas vos chamou para sua luz maravilhosa; vós que outrora não éreis seu povo, mas agora sois o povo de Deus” (1Pd 2,9-10) (COMBLIN, 2002, p.29).

O Concílio Vaticano II, ao evocar a categoria teológica Povo de Deus, recupera a compreensão da missão servidora da Igreja, qual seja, a presença da liberdade entre os homens e o serviço ao mundo. É o pertencimento ao Povo de Deus e o Dom do Espírito que constituem uma Igreja cheia do Espírito para dar a vida ao mundo. Como bem recorda Condina (1993), a Igreja é, ao mesmo tempo, Povo de Deus e Templo do Espírito Santo:

Povo de Deus, como prolongamento e herdeira de Israel; Corpo de Cristo, em forma de comunidade, é seu corpo total, a dimensão eucarística e sacramental da igreja. E por fim Templo do Espírito Santo, enquanto realizadora das promessas escatológicas dos profetas. O Espírito faz da Igreja uma realidade pneumática (Rm 8, Gl 3). A Igreja é morada do Espírito Santo (CODINA, 1993, p. 47-48).

Como Templo do Espírito Santo, a Igreja manifesta a força do mistério que a anima e a sustenta no caminho da missão (Ef 2, 14-22). É o próprio Espírito que edifica e sustenta a obra daqueles a quem Ele chama e capacita para missão (1 Cor 12,28).

A Igreja, enquanto marcada e selada “com Espírito Santo e fogo” (Mt 3,110, continua a obra do Messias, abrindo para o crente as portas da salvação (cf. 1 Cor

6,110. Paulo afirma isso desse modo: “Vocês são uma carta de Cristo redigida por nosso ministério e escrita não com tinta, mas com o Espírito do deus vivo” (2 Cor 3,3). O mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade até que o Corpo de Cristo alcance a estatura de sua Cabeça (cf. Ef 4,15-16). Deste modo, pela eficaz presença de seu Espírito, até a parusia Deus assegura sua proposta de vida para homens e mulheres de todos os tempos e lugares, impulsionando a transformação da história e seus dinamismos. Portanto, o Senhor continua derramando hoje sua Vida pelo trabalho da Igreja que, com “a força do Espírito Santo enviado desde o céu” (1 Pe 1,12), continua a missão que Jesus Cristo recebeu de seu pai (cf. Jo 20,21) (DAp, n. 151).

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* afirma que o mistério da comunhão se dá na totalidade do Povo de Deus. Ela manifesta a universalidade da salvação, da qual a Igreja é sacramento. É o Povo de Deus, guiado pelo Espírito Santo, que atualiza a ação evangelizadora e missionária de Cristo, com vistas a expandir o Reino de Deus.

Assim, este povo messiânico, embora não abranja atualmente todos os homens e por vezes apareça como pequeno rebanho é, contudo, para todo gênero humano germe firmíssimo de unidade, esperança e salvação. Constituído por Cristo para a comunhão de vida, caridade e verdade, é por Ele ainda assumido como instrumento de redenção de todos, e é enviado ao mundo inteiro como luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5,13-16) (LG, n. 9).

Ser Povo de Deus significa ser povo em comunhão, que com suas características de sujeito histórico, vive e cumpre a sua missão em cada realidade. A missão da Igreja é empenhar-se cada vez mais para apresentar ao mundo o Evangelho da salvação, colaborando para que a humanidade, na busca da verdade, justiça e paz, encontre a salvação.

2. 5 O SENTIDO DO TERMO DIACONIA

Por ser a comunidade dos discípulos e das discípulas de Cristo – ungido pelo Espírito para servir e não para ser servido, e que veio para lavar os pés da humanidade (cf. Lc 4,14-21; Jo 13,1-17) – a Igreja é por natureza *diaconal*, isto é, servidora.

Nessa passagem de Lucas, o pneuma é e sempre será o Espírito Santo com o qual Jesus é ungido e enviado. A unção de Jesus com o Espírito Santo está relacionada diretamente com os pobres (*ptochois*). Para estes, Jesus vem anunciar-lhes a libertação do rebaixamento a que são submetidos, resgata-lhes a dignidade de pobres e realizar a antiga promessa dos patriarcas e profetas de devolver-lhes a esperança e a alegria que sempre buscaram (BOFF, 2003, p. 37).

Sem o serviço aos pobres, a Igreja não seria uma comunidade cristã. Desde os primórdios do cristianismo a diaconia integrava a identidade da comunidade, a partir do serviço das mesas, da fração do pão, e escuta da Palavra (cf. At 4,32-37). É preciso ter clareza de que outra não é a vocação e missão da Igreja senão servir, é o que afirmam os padres conciliares na Constituição *Gaudium et spes*:

Eis a razão por que este sagrado Concílio, proclamando a sublime vocação do homem, e afirmando que nele está depositado um germe divino, oferece ao gênero humano a sincera cooperação da Igreja, a fim de instaurar a fraternidade universal que a esta vocação corresponde. Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objetivo: continuar, sob a direção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido (GS 3).

O termo diácono vem do grego antigo *διάκονος* (*minister* ou *diaconus*: ministro ou diácono). É usado em diferentes sentidos na literatura neotestamentária: aquele que serve à mesa (cf. Mt 20,26; 22,13, 11; Jo 12,26; Mc 9,35-10,43); ministro de uma aliança nova (cf. 2Cor 3,6; 11,14); o servo de um poder espiritual (cf. Ef 3,6; Cl 1,23; Gl 2,17; Rm 15,8); o servidor do Evangelho, de Cristo, de Deus (cf. 2Cor 11,23), os servos da Igreja (cf. Cl 1,25; 1 Cor 3,5), as autoridades pagãs a serviço de Deus (cf. Rm 13,4). (ALMEIDA, 2012. p. 131).

Não há como pensar a diaconia da Igreja e na Igreja separando-a da unção, pois o próprio Cristo realiza a sua diaconia pela unção. (Lc 3,21-22; Lc 4,18). A Igreja só assume o seu caráter diaconal e pneumatológico pela manifestação do Espírito em Pentecostes. (At 2,1-11). Sem unção não há diaconia nem missão.

Concebe-se então o Espírito como Pessoa de escuta atenta e ativa (*diakonia*) quando a palavra se manifesta na prática da ação histórico-salvífica do próprio Deus[...]. Para anunciar o projeto do Pai, Jesus foi ungido com o Espírito do Senhor, e nós participamos desta unção salvífica para anunciar o tempo da plenitude, quer dizer, o tempo da salvação trazida por Jesus e legitimada pelo Espírito Santo (BOFF, 2003. p. 203 e 207).

A palavra *διάκονοι* (*diaconi* – *diáconos*) é utilizada poucas vezes como designação de ministros locais, em poucas passagens do Novo Testamento. Já o termo *diakonia* e o verbo *diakonéo* são usados uma centena de vezes no Novo Testamento, mas só pouquíssimas vezes no sentido “técnico” de diácono como ministério na Igreja, distinto e unido ao ministério do bispo e do presbítero. Segundo os historiadores e biblistas, a passagem de At 6, 1-6, a partir de Irineu de Lião (+202), passou a ser atribuída pela tradição como criação do diaconato por parte dos apóstolos (ALMEIDA 2012, p.131).

Os exegetas e teólogos que estudam a questão dos ministérios excluem a possibilidade de At, 6-16 está relacionado ao termo “técnico” ou ao ministério diaconal. Segundo os exegetas modernos, só em Tm 3, 8.12 se falaria mais diretamente dos diáconos. Considerando as ambiguidades acerca da interpretação de At 6, 1-6, Brown afirma, em *Introduzione al Nuovo Testamento*:

Em At 6, 1-6, o verbo *diakonêin* é relacionado com o serviço das mesas, daqui nasceu a ideia de que os diáconos serviam à mesa e distribuíam alimentos. Todavia, é historicamente errado considerar Estevão e os outros helenistas escolhidos naquela ocasião de que falam os Atos; no máximo, poderíamos nos perguntar se Lucas não os situasse no contexto dos diáconos por ele conhecido nas Igrejas do anos 80 (BROWN, p. 865).

Em meio à diversidade de opiniões e interpretações, não há dúvidas de que as diversas acepções do termo estejam relacionadas ao serviço, seja ele ministerial ou mesmo pagão, nas reuniões ou cultos. Na perspectiva cristã, evidentemente, a diaconia é parte integrante da vida comunitária, pois ser cristão significa colocar-se a serviço dos outros.

A expressão diaconia, então, significa o serviço desenvolvido, individual ou coletivamente, a favor dos outros. Trata-se das diferentes formas do ministério apostólico a serviço na comunidade. Do serviço caritativo das coletas a favor dos pobres, que se tornou bem cedo uma “diaconia quotidiana”. Ainda, o ministério missionário e profético da palavra ou do Evangelho, é também ministério da nova aliança e gloriosa diaconia do Espírito para a reconciliação com Deus em Cristo.

É esta a *diaconia* da Igreja: atestar a Boa-nova do amor de Deus por todos os homens, sem exceção e sem exclusão, e trabalhar desse modo para a reconciliação da humanidade consigo mesma e com Deus... À espera do Reino, o único ministério da Igreja é a edificação da humanidade em povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. O serviço da fraternidade eclesial é ser o sacramento da fraternidade universal com que Deus sonha, uma parábola da humanidade reconciliada (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 138).

Nesta mesma concepção, Almeida apresenta a visão da teologia paulina acerca da diversidade de carismas na Igreja, distinguindo-os qualitativamente como carismas e dons a serem almejados por todos os membros da comunidade, a partir da experiência pneumatológica da Igreja.

Podem-se encontrar as listas dos carismas em diversas cartas paulinas. Os dons são expressos, numa primeira forma, com uma série de substantivos: “profecia”, “diaconia”, “ensinamento”, “exortação”, “sabedoria”, “inteligência”, “fé”, “capacidade de curar”, de “fazer obras de misericórdia”. Depois se apresenta um elenco de substantivos de caráter pessoal: “apóstolos”, “profetas”, “doutores”, “evangelistas”, “pastores”. “Nestas listas, Paulo não põe tudo no mesmo nível: em alguns casos, enumera os dons seguindo certa ordem [cf. 1Cor 12,31; 14,1] e insiste em que se aspire aos dons melhores [cf. 1Cor 12,31; 14,1]” (ALMEIDA, 1989, p. 16).

A Igreja realiza a sua missão pelo testemunho e ação missionária dos apóstolos, na experiência de fé e na acolhida dos dons a ela oferecidos pelo Espírito Santo. Ela tem como seu fundamento Jesus Cristo, que na concepção paulina, é a cabeça do Corpo, isto é, a sua Igreja é animada por seu Espírito.

A diversidade carismático-ministerial é querida por Deus, é obra do Espírito [cf. 1Cor 12, 4-11; 12, 28; Rm 12, 6]. Todo ministério é dom [chárisma] de Deus: Deus é quem os ‘estabelece’ na Igreja [cf. 1Cor 12, 28]; é Cristo que ‘outorga’ a cada um uma função diferente [cf. Ef 4, 11]. Esta diversidade se dá no interior da Igreja [1Cor 12,2 8: ‘en té ekklesía’] e visa à edificação [oikodomé] do corpo de Cristo [Ef 4, 12; cf. 1Cor 14, 3-4; 14, 12; 2Cor 12, 19] (ALMEIDA, 1989, p. 21).

Nas perspectivas lucana e paulina, os ministérios são de algum modo, carismas, dons do Espírito Santo para o bem de todos (cf. Rm 12,3-8; Ef 4, 1-16). Os ministérios dos apóstolos, profetas e doutores estão à frente dos carismas dados à Igreja. Os nomes dos ministros oficiais, nesta época, e pelo menos nas Igrejas relacionadas com o centro missionário de Antioquia, são “apóstolos”, “profetas” e “doutores”, o que significa que eles são, essencialmente, ministros da palavra. Esses ministérios, porém, não constituem todos os dons oferecidos por Deus à Igreja; existe, além deles, grande variedade de dons e funções que são designados com vocabulário muito variável (LEMAIRE, 1975, p. 107).

Esta diaconia – a qual os ministros são convocados a viver – encontra sua plenitude no próprio Cristo que fazendo-se servo, doa-se integralmente para a salvação da humanidade (cf. Mc 10,45). Ao preterir ou reduzir a diaconia, a Igreja não seria plena, ou não cumpriria plenamente a sua missão enquanto continuadora da obra e missão salvífica de Jesus Cristo. Se o fundamento da missão cristã é o amor, este amor se traduz na diaconia da própria Igreja, conforme recorda Almeida:

A diaconia, por um lado, é dimensão importante da própria existência cristã. Ser cristão significa colocar-se a serviço dos outros, até a renúncia e ao dom de si mesmo, por amor. Para tanto, o batismo confere a cada cristão o mesmo dinamismo de serviço que está em Cristo (cf. Fl 2,5ss.). Participando do testemunho, da liturgia e do serviço de Cristo e da Igreja, o cristão coopera com Cristo na salvação dos seres humanos. Membros do corpo de Cristo, todos são chamados a tornar-se servos uns dos outros com os carismas que receberam de Deus para a edificação da Igreja e dos irmãos na fé, na esperança e no amor (cf. 1Pd 4,10; cf. 1 Cor 12, 1-11. 28-30; 4,1-2; 1 Pd 3,7) (ALMEIDA, 2012, p. 131).

A fonte e princípio da diaconia da Igreja se dá na ressurreição do Senhor que, comunicando o dom do seu Espírito a cada batizado, capacita-os com a diversidade de dons e carismas para o serviço do Reino que se abre a toda a humanidade. No cumprimento da sua missão, os ministros deverão sempre colocar-se no seguimento do Senhor e na missão permanente de testemunhar o evangelho e anunciar a salvação.

A diaconia da Igreja brota no batismo, que configura e consagra o Povo de Deus como povo sacerdotal, profético e régio, comunidade ungida pra servir como Jesus serviu. O batismo é o sacramento que comunica isto efetivamente, incorporando o crente ao corpo diaconal da Igreja, que é o corpo de Cristo, ou seja, o batismo dá acesso ao messias-servo, nos associa a ele que é, originalmente, o fundamento da Igreja. A diaconia da Igreja é a expressão da relação livre e amorosa daqueles que se reconhecem amigos e não servos, porque participam da obra de Cristo, que por seu Espírito comunicou a todos a obra redentora e salvífica que passa pela história humana:

O Vaticano II nos familiarizou com a tríplice função profética, sacerdotal e régia de Cristo e de seu Corpo eclesial do qual ele é a Cabeça. Todos os batizados participam

nessa tríplice função. O ministério na Igreja indica, atesta e toma consciência de que essa tripla função do Corpo eclesial deve ser reconhecida como ação do Cristo e do seu Espírito (BORRAS – POTTIER, 2010, p. 139).

As *diakoníe* (serviços) não somente na vivaz comunidade de Corinto, são consideradas verdadeiras atividades carismáticas e por isso consideradas graça, dom que une àquele que, despojando-se da sua natureza divina, fez-se humano e, entre a humanidade, servo vivendo entre os seus “como aquele que serve”. Esta conformidade com Cristo “servo” é doada pelo Espírito Santo através da mediação de irmãos habilitados a realizar a obra de santificação que leva o discípulo a unir, na sua existência renovada, o agir e o existir e, por isso, a unificar o amor para com Deus e ao próximo no serviço cultural realizado de acordo com a verdade.

Como se percebe no Novo Testamento, a diaconia se configura como lugar cristológico e sintético, como verdadeira categoria bíblico-teológica, caracterizando um dúplice e eloquente sentido. Por um lado, indica a peculiar disposição de obediente e eficaz “servidão” que, à imitação do Mestre, caracteriza a atitude do discípulo a Deus, a Cristo, aos irmãos e a toda a humanidade. Por outro lado, configura os singulares ministérios eclesiais, vale dizer, aqueles encargos pessoais, confiados por Cristo a alguns eleitos para edificar em santidade e justiça o seu corpo.

À semelhança do ministério sacerdotal dos bispos e dos padres, que não suprime o exercício do sacerdócio comum dos batizados, mas está a seu serviço para que estes comecem a se organizar na única mediação sacerdotal do Cristo, o ministério diaconal não suprime a diaconia ou ministério de todo o Corpo eclesial, mas promove sua missão para que o Cristo continue, por meio dele, a sua diaconia, que não é outra senão sua *kénoses* para salvação do mundo. A diaconia da Igreja não é a parte reservada aos diáconos, nem sua especialidade: Também o seu ministério está a serviço dos carismas e dos dons multiformes do Espírito Santo, no conjunto do povo de Deus (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 143).

Assim sendo, o serviço ou diaconia não deve ser entendido como uma tarefa confiada somente a um grupo. Diaconia não é tarefa, antes de qualquer coisa, é consequência do discipulado e missão de todos os batizados. Diaconia é o caminho obrigatório da Igreja de Cristo, que em tudo se fez Servo por excelência. A Igreja é enviada a evangelizar mediante o serviço à humanidade, isto é, pela sua diaconia.

2.6 A DIACONIA NO SER E NA MISSÃO DA IGREJA

Ao ressaltar a dimensão servidora da Igreja, isto é, a Igreja como sacramento do “serviço” de Cristo à humanidade, Agenor Brighenti destaca alguns aspectos que fundamentam a sua missão e a dimensão da caridade constitutiva da sua dimensão ministerial:

“O serviço” constitutivo do “ser” eclesial, de sua essência como instituição mediadora da salvação de Deus em Jesus Cristo. Por isso, a Igreja é “corpo de serviço de Deus no mundo”. Se a Igreja não for servidora, não serve para nada, pois ela existe para prolongar o significado último da eucaristia, que é o lava-pés. Nessa perspectiva, o Concílio Vaticano II gestou uma nova autocompreensão da Igreja, denominando-a “servidora da humanidade, para levá-la a Cristo e instaurar o Reino de Deus” (LG, n 8). No mesmo número da *Lumen gentium* apresenta a Igreja, em relação ao Reino como caminho de kénosis”. Da mesma forma com que Jesus se fez servidor, último entre os últimos, a Igreja é a serva do Reino, cuja função, enquanto seu sacramento, é “desaparecer”, para que ele “cresça” (Jo 3,30). Enquanto estrutura hierofânica, seu papel é transparecer o divino através do humano, tendo humildade de nunca pretender identificar-se com ele. Fazendo-se última entre os últimos, corpo de serviço de Deus no mundo, enquanto caminho de kénosis do Reino, precisa ser “a Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos (João XXIII) (BRIGHENTI, 2006, p.131).

Constituída como povo de Deus, Templo do Espírito Santo, comunidade dos batizados, a Igreja é essencialmente servidora, chamada a se identificar com o gênero humano em todas as circunstâncias da sua existência: nas dores, dificuldades, alegrias e esperanças.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história (GS 1).

A Igreja está no mundo para servir. Os ministérios, dons e carismas na Igreja existem para o serviço, assim como o próprio Cristo, que veio ao mundo para servir e não para ser servido (Mc 10,45).

2.7 O CARÁTER SACRAMENTAL DA DIACONIA

Na compreensão cristã, o serviço é muito mais que uma boa ação. Ele está revestido de um caráter sacramental, é o sinal e o instrumento do serviço de Jesus Cristo e de seu Reino no mundo. Além de ser uma ação permeada pela graça, a diaconia se insere no horizonte da fé e opera pela caridade.

A Igreja, em sua raiz fundante e enquanto instituição, traz o caráter sacramental do serviço e da caridade enquanto sinal concreto da ação de Jesus no mundo. Assim sendo, a sua

ação se expressa no serviço dispensado à humanidade, em especial no serviço aos mais pobres e excluídos da sociedade. Ao descrever o caráter sacramental da Igreja, Agenor Brighenti afirma:

Da mesma forma que Jesus tem, em seu serviço, a atestação do seu messianismo e de presença do Reino no mundo, a Igreja é um sacramento crível, na medida em que também ela se fizer testemunha e extensão dos sinais realizados por Jesus. Se a ação da igreja não for eficaz na história, ela perde seu caráter sacramental, de continuidade da obra redentora de Jesus. A Igreja, como instituição do tempo intermédio – entre a inauguração e a consumação do Reino de Deus na metahistória – existe para servir a toda a humanidade. Não se trata de qualquer serviço, mas de uma “ação sacramento” de um Reino do qual ela é sinal e instrumento. Como se trata da salvação do mundo – de toda a humanidade e da obra da criação – seu serviço vai além de uma ação individual. Reveste-se de um caráter social, estrutural, libertador (BRIGHENTI, 2006, p.132).

2.8 OS SERVIÇOS ECLESIAIS COMO EXPRESSÃO DA DIACONIA DA IGREJA

Sensível aos sinais dos tempos e aos apelos do Espírito Santo na História, o Concílio Vaticano II introduziu duas categorias que ajudam a expressar melhor a diaconia da Igreja em dois âmbitos distintos: os serviços *ad intra* e *ad extra*. Segundo essa classificação, os primeiros, estão voltados para o interior da Igreja, para que ela possa ser testemunha da vivência da fé no mundo; os segundos, têm a finalidade, como diz a *Gaudium et spes*, de “oferecer ao gênero humano a sincera colaboração da igreja para alcançar a fraternidade universal” (n 1). Para Agenor Brighenti, os serviços de caráter *ad intra* podem ser assim definidos:

[...] as diferentes iniciativas para vivência pessoal e comunitária do tríplice ministério recebido no batismo – a pastoral profética, a pastoral litúrgica e a pastoral da caridade; e os diversos setores de pastoral, necessários para a realização efetiva do tríplice ministério; os diferentes ministérios, expressão da diversidade dos carismas postos a serviço da comunidade; a ação social, expressão da comunhão de bens e da solidariedade interna, enquanto condição para o testemunho de uma comunidade fraterna; a atenção aos mais desvalidos da comunidade; enfim, os ministérios da coordenação, da presidência e da animação da comunidade, em vista de um testemunho de comunhão. Papel importante, também, cumprem os serviços voltados para a educação, capacitação e formação na fé, em vista dos serviços *ad intra* e *ad extra* (BRIGHENTI, 2006, p.134).

A partir da compreensão de que os serviços *ad extra* se expressam na presença da Igreja, em colaboração com todas as pessoas de boa vontade, em favor da edificação do Reino de Deus a partir desse mundo, Agenor Brighenti descreve a dimensão *ad extra*:

[...] estão os serviços na promoção da solidariedade com os excluídos e desvalidos da sociedade, para além dos membros da Igreja. A solidariedade é a expressão da compaixão de Deus, sensível ao grito dos indefesos e injustiçados. Também não se pode esquecer do profetismo, da presença pública da Igreja, do seu dever de anúncio e denúncia, desde a liberdade da Palavra. Os serviços eclesiais *ad extra* assumem, hoje o caráter de “pastoral social”, em seus diferentes serviços, enquanto respostas

às necessidades concretas das pessoas, em especial os mais pobres (BRIGHENTI,2006, p. 135).

Por outro lado, percebendo os grandes desafios da mudança de época (DAp, n. 44) que por hora atravessa-se, faz-se necessário forjar uma nova compreensão e assimilação dos diversos serviços. Para passar da pastoral de conservação ou manutenção, para uma ação ministerial e missionária, que qualifica o povo de Deus como povo missionário, é preciso entender que isso dá somente pela ação do Espírito, que põe a Igreja em saída.

Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve se isentar de entrar decididamente, com todas suas forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé. (DAp, n. 365).

Como já foi dito, diaconia quer dizer serviço, o diácono é um servidor. A dimensão ministerial da Igreja é uma questão de diaconia. A Igreja não existe para si mesma, senão para servir a toda a humanidade. Isto é o próprio Cristo quem afirma: “Vim para servir e não pra ser servido” (Mc 10,45). Não se pode entender nem viver a ministerialidade da Igreja sem assimilação do Espírito de diaconia.

A diaconia é uma das dimensões da ação pastoral da comunidade. O Concílio Vaticano II representou toda a Igreja sob o signo da diaconia. No Novo Testamento destacamos a diaconia como elemento matriz do qual vão nascer todos os ministérios da Igreja. Cristo, é a fonte e matriz da diaconia. Dentro desta matriz está o primeiro elemento teológico, o mais importante, o fundamental, do qual decorrem todos os outros, a diaconia de Cristo. A diaconia de Cristo não se limita a um conjunto de atividades caritativas para com o próximo, mas é o ato sacerdotal de Cristo por excelência, sua morte redentora, que é apresentada como um serviço (DURAN, 2007, p.38-39).

A diaconia envolve a vida toda das primeiras comunidades cristãs. Nesse aspecto, destaca-se a diaconia da coleta. Esta diaconia transcende o ato puramente material de recolher dinheiro e se tornar ao mesmo tempo comunhão, liturgia, graça e bênção. Esta diaconia vai além do serviço doméstico, se transforma em meio de salvação, já que é um serviço guiado por Deus e pelo seu Espírito. É realizada em nome de Cristo, ordenado à santificação e comunhão dos fiéis.

A diaconia no Novo Testamento também é referida como exercício do ministério do diácono. E mesmo que os textos Fl, 1,1 e 1 Tm, 3, 8.12 não nos oferecem muitos elementos sobre suas funções, do contexto geral pode se deduzir que os diáconos aparecem ao lado dos bispos-presbíteros, numa posição “inferior”, isto é, não para presidir, mas para servir, com funções que foram sensivelmente similares: governo, pregação, assistência caritativa e organização do culto eucarístico.

A partir de Pentecostes, a Igreja experimenta de imediato fecundas irrupções do Espírito, vitalidade divina que se expressa em diversos dons e carismas (cf. 1 Cor 12,1-11) e variados ofícios que edificam a Igreja e servem à evangelização (cf. 1 Cor 12,28-29). Através destes dons, a Igreja propaga o ministério salvífico do Senhor até que Ele de novo se manifeste no final dos tempos (cf. 1 Cor 1,6-7). O Espírito na Igreja forja missionários decididos e valentes como Pedro (cf. At 4,13) e Paulo (cf. At 13,9), indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo (cf. At 13,2) (DAp, n. 150).

Na Igreja Antiga destacam-se três elementos teológicos: a configuração do ministério diaconal como ministério; o significativo e estreito relacionamento do ministério diaconal com a eucaristia, e a distinção entre ministério diaconal e sacerdócio ministerial.

A respeito do lugar teológico do diácono dentro da hierarquia, a Igreja Antiga continuou a tradição apostólica, porém iniciou um caminho de estruturação e institucionalização dos ministérios. A distinção dos três graus ministeriais é progressiva. Santo Inácio de Antioquia dizia: “Todos devem reverenciar aos diáconos como a Jesus Cristo, ao bispo como a imagem do Pai, aos presbíteros como ao senado de Deus e ao colégio dos Apóstolos”.²

Santo Inácio de Antioquia faz uma clara distinção, primeiro entre hierarquia e fiéis, e depois o ministério hierárquico tripartite. O ministério hierárquico tem um caráter presidencial. A tarefa da hierarquia é presidir a caridade e promover a concórdia. Para Santo Inácio, a obra do diácono não é só uma ajuda ao próximo, mas torna visível Deus Pai, já que ela é extremamente salvífica. É um sinal da caridade divina para com a humanidade. A “tripartição” inaciana do ministério ordenado, em que o bispo tem a plenitude do ministério e tem como seus colaboradores os presbíteros e os diáconos, permanece na Igreja até os dias atuais.

Durante o período da Igreja Antiga encontramos como uma constante este elemento da relação da diaconia da caridade com a eucaristia. Pudemos verificar que este ministério não é exclusivo do diácono, não é próprio nem independente: é sempre desempenhado em nome, no lugar e sob a direção do bispo.

Providencial e muito frutífera teologicamente foi a frase de Hipólito de Roma, segundo o qual, aos diáconos lhes são impostas as mãos não para o sacerdócio, mas para o ministério. Há distinção entre sacerdócio e ministério (TESTAMENTO DO SENHOR, I,33-38).

² LIMA, Alessandro (Trad.). *Epístola de Inácio de Antioquia aos Tralianos*, 107 d.C. Disponível em: <http://www.veritatis.com.br/carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-tralianos/>. Acesso em: novembro de 2017.

O Concílio Vaticano II, a partir da sua eclesiologia e compreensão da ministerialidade da Igreja, põe em evidência o serviço do Povo de Deus. Isso torna clara a distinção entre “sacerdócio ministerial” e ministério-serviço”. Trata-se de graus de participação diferentes no único sacerdócio de Cristo. Mas, não é como se ministério e sacerdócio fossem duas coisas paralelas ou dois componentes do ministério do bispo. Na compreensão da ministerialidade da Igreja, o Concílio compreende que existe um ministério que ora age na dimensão sacramental de Cristo servo, ora age na dimensão sacramental de Cristo sacerdote. No entanto, não são duas realidades distintas e separadas, mas dimensões do agir de Cristo servo-sacerdote. Agir que tem lugar na ação conjunta de bispo, presbítero e diácono.

O grande desafio proposto pelo Concílio é devolver a força sacramental ao ministério ordenado. Desta forma, ao torná-lo sinal de serviço e não de poder, ele faz com que o homem de hoje possa aceitá-lo. O Vaticano II reafirma que o sacramento da ordem é único. Dessa unidade sacramental participam realmente, e de forma própria, o episcopado, o presbiterado e o diaconato.

A participação no mesmo sacramento deve levar a uma vivência colegiada do sacramento da ordem. A unidade no sacramento traz como consequência o fortalecimento da fraternidade. Perceber a estrutura tripartite do sacramento simplesmente como funcional, hierárquica, e de afirmação de poder, descaracteriza completamente o ministério ordenado, torna-o ministério da unidade e da caridade.

Outro aspecto teológico que destacamos a respeito do diaconato no Vaticano II, é que todo sacramento é graça de Deus. Os diáconos, ao receberem o sacramento da ordem, são fortalecidos com a graça sacramental. O diaconato é graça e dom do Espírito Santo para a sua Igreja e aqui está outra grande novidade: o sacramento da ordem como carisma e não apenas como “poder”. O carisma do diácono é ser sinal sacramental de Cristo Servo e animador do serviço na comunidade cristã. A graça sacramental do diaconato faz sentir os seus efeitos, em primeiro lugar, no próprio diácono, depois na própria família, na comunidade onde serve, e na comunidade do ministério ordenado.

Ao participar da graça sacramental, que é propriamente a ação do Espírito Santo invocado na ordenação, o diácono é constituído como ministro da Igreja, “cheio do Espírito para servir” (At 6,3). Os sete homens dirigirão um novo estilo de comunidade, pois são escolhidos pela comunidade. De boa fama, cheios do Espírito e de sabedoria, estes mesmos critérios são exigidos para escolher um bispo ou diácono (ver 1 Tm, 3). A imposição das mãos indica a transmissão do dom que a pessoa possui. Ou seja, os Sete têm agora o mesmo poder e

carisma dos Doze. Estão preparados para chefiar comunidades seguindo o Espírito de Jesus (STORNIOLO, 1993, p. 70-71).

Neste sentido, o ministério diaconal se situa, na perspectiva da missão, numa Igreja em saída, na qual, cada ministério e carisma se complementam na criatividade permanente do Espírito que sempre renova a Igreja e os seus ministros.

A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo a serviço da instauração do reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que envolve escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos nos quais Deus se manifesta (DAp, n. 366).

2.9 ASPECTOS FUNDAMENTAIS DO MINISTÉRIO DIACONAL

Jesus Cristo fez-se servo obediente, tornou-se igual aos homens. Veio para servir e não para ser servido. Eis a grande característica do ministério diaconal: configurar-se a Cristo enquanto Cabeça, no sentido novo e original de ser “servo”. Para tanto, a vida do ministro ordenado deve ser marcada pela atitude de serviço ao povo de Deus, realizado sempre com ânimo alegre (cf. PDV, n. 21).

A esse respeito, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* considera os diáconos pertencentes ao grau inferior da hierarquia. Esses são ordenados não para o sacerdócio, mas para o ministério.³ Ocupar esta função é estar a serviço do povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade (LG 29). Os diáconos, de acordo com tal perspectiva, são homens que foram promovidos à Sagrada Ordem do diaconato. Possuem os requisitos exigidos pelo Código de Direito Canônico, conforme o cân. 1029:

tenham fé íntegra, sejam movidos por reta intenção, possuam a ciência devida, gozem de boa reputação e sejam dotados de integridade de costumes, virtudes comprovadas e outras qualidades físicas e psíquicas correspondentes à ordem a ser recebida.

Tendo como base esses pressupostos, é pertinente conhecer alguns aspectos fundamentais do ministério diaconal na perspectiva pastoral. É precioso entender que o diácono possui uma vocação especial, tem um carisma próprio, que necessita ser respeitado e aceito no contexto do ministério eclesial. Embora presente na Igreja desde os primórdios, mesmo tendo passado por um longo período de declínio e tenha caído numa funcionalidade e

³ Cf. *Constitutiones Ecclesiae aegyptiacae*, III, 2: ed. Funk, *Didascalia*, II, p. 103. *Statuta Eccl. Ant.* 37-41: *Mansi* 3, 954.

grande clericalização, hoje é um ministério com grandes possibilidades de colaborar com a missão evangelizadora e libertadora da Igreja.

Por sua natureza e pela graça do Espírito Santo, o diácono pode tornar-se ainda mais presente nas fronteiras mais distantes, fronteiras estas, não somente geográficas, mas existenciais ou específicas: nos campos da educação, saúde, justiça, comunicação e tantos outros. Através do ministério diaconal podem fazer crescer a presença da Igreja no mundo. O ministério é dom divino, é vocação, é chamamento de Deus para o homem servir não individualmente, mas sim integrado no contexto da cooperação de todos que se propõem a servir a Cristo na Igreja.

A missão e função do diácono não se devem avaliar como critérios meramente pragmáticos, por estas ou aquelas ações que poderiam ser exercidas por ministros não ordenados ou por qualquer batizado; nem tampouco como solução para a escassez numérica de presbítero²¹ que afeta a América Latina. A conveniência do diácono se depreende da sua contribuição eficaz para melhor cumprimento da missão salvífica da Igreja, graças a uma atenção mais adequada à tarefa evangelizadora (PUEBLA, 698).

2.10 ASPECTOS HISTÓRICOS

Os ministérios foram instituídos na Igreja desde os primórdios do cristianismo, com uma dupla finalidade: servir a Deus na celebração e ao Povo de Deus, sobretudo, os mais necessitados. Para receber qualquer ofício na Igreja era necessário passar por um rito especial, por meio do qual o fiel era constituído apto a desempenhar algum ministério eclesiástico (*Ad Pascendum*, 1972, p. 3). No tempo dos Apóstolos, o ministério diaconal era posto em relevo. A Igreja o acolhia como um ministério de grande importância (*MINISTERIA QUAEDAM*, 1972, p. 13).

Os Padres da Igreja tinham um olhar especial para o ministério diaconal e percebiam que a fidelidade a Cristo, a integridade moral e a submissão ao bispo eram consideradas requisitos necessários para o desempenho do ofício. Desse modo, Santo Inácio de Antioquia afirma:

O ofício de diácono não é outra coisa senão o ministério de Jesus Cristo, o qual antes de todos os séculos estava junto do Pai, até que por fim se nos manifestou [...]: É necessário, pois, que também os diáconos, que são ministros dos ministros de Jesus Cristo, agradem a todos, por todos os modos. Eles, efetivamente, não são apenas diáconos dos alimentos e das bebidas, mas ministros da Igreja de Deus (*MINISTERIA QUAEDAM*, 1972, p. 14).

O diaconato foi florescendo na Igreja de maneira admirável. Aqueles que almejavam o sacerdócio buscavam dar boas provas de si mesmos através do serviço diaconal. Com o passar dos tempos, houve mudanças na disciplina do diaconato permanente, de modo que

ficou mais rígido o processo de admissão e, por essa razão, decresceu o número de ordenações, até que na Igreja Latina desapareceu quase completamente o ministério do diácono permanente. No Concílio de Trento (séc. XVI) houve uma proposta de restaurar as Sagradas Ordens na Igreja, mas foi no Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) que se restaurou o diaconato como grau próprio e permanente da hierarquia (*MINISTERIA QUAEDAM*, p. 16-18).

Em 18 de junho de 1967, o papa Paulo VI promulgou a Carta Apostólica, sob a forma de *Motu Próprio Sacrum Diaconatus Ordinem*, com o qual se estabeleceu as normas sobre a restauração do diaconato permanente. Na mencionada carta, Paulo VI declara sua estima pela ordem do diaconato permanente, tendo como origem apostólica o serviço do heroico protomártir Estevão (*SACRUM DIACONATUS ORDINEM*, 1967, p. 14). No dia 17 de junho de 1968, Paulo VI aprovou o novo rito para a recepção da Sagrada Ordem do diaconato, presbiterato e episcopado (*MINISTERIA QUAEDAM*, 1972, p. 19).

Em seu discurso conclusivo da última sessão do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI reafirma o caráter diaconal e servidor de toda a Igreja, e manifesta que não é outra a missão da comunidade cristã, senão servir:

Uma outra coisa julgamos digna de consideração: toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades. A Igreja declarou-se quase a escrava da humanidade, precisamente no momento em que tanto o seu magistério eclesial como o seu governo pastoral adquiriram maior esplendor e vigor devido à solenidade conciliar; a ideia de serviço ocupou o lugar central (PAULO VI, 1965, p.5).

A Igreja se coloca a serviço da humanidade ao cooperar com a promoção da paz e a superação das relações desumanas e violentas. Esta mediação fundamental é uma ação da instituição que através dos seus órgãos competentes, busca meios de tornar os homens e as mulheres protagonistas no contexto social em que vivem. Eles tornam-se agentes de transformação em busca de um mundo mais justo e solidário sem perder as suas convicções de fé.

Jesus se define a si mesmo como diácono do Pai, quando, no *Evangelho de Marcos*, diz: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e entregar a sua vida pela multidão." (Mc 10,45). Na última ceia, exerceu a sua diaconia ao lavar os pés (Jo 13,1-15). Desse modo, conclui-se que toda a missão de Jesus é diaconia. Por isso, Jesus Servo é contemplado como princípio e paradigma de toda a missão de seus discípulos e discípulas (Mc 10,43-45; Lc 22,26s. e Jo 12,25s.): seguir a Jesus é servir (cf. Mc 9,33-37). O serviço é, assim, a própria identidade do discipulado. Não se é discípulo(a) e, por consequência, se

exerce o serviço, pois só é possível ser discípulo na medida em que se é servidor. Neste sentido, ser discípulo significa ser diácono servidor.

O Papa emérito Bento XVI, na *Carta Apostólica sob a forma de motu próprio intima ecclesiae*, de 2012, sobre o serviço da caridade, ao considerar as diversas realidades de dor e sofrimentos humanos, retoma a compreensão da diaconia da Igreja. Através do *motu próprio*, ele discorre a respeito da diaconia da caridade na igreja e apresenta orientações seguras para o serviço da Igreja aos mais pobres e abandonados pela sociedade.

A NATUREZA ÍNTIMA DA IGREJA exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (kerygma-martyria), celebração dos Sacramentos (liturgia), serviço da caridade (diakonia). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros» (Carta enc. Deus caritas est, 25). Portanto, também o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência (cf. *ibidem*); todos os fiéis têm o direito e o dever de se empenharem pessoalmente por viver o mandamento novo que Cristo nos deixou (cf. Jo 15, 12), oferecendo ao homem contemporâneo não só ajuda material, mas também refrigério e cuidado para a alma (cf. Carta enc. Deus caritas est, 28). A Igreja é chamada à prática da diakonia da caridade também a nível comunitário, desde as pequenas comunidades locais passando pelas Igrejas particulares até à Igreja universal; por isso, há necessidade também de «organização enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado» (cf. *ibid.*, 20), uma organização articulada mesmo através de expressões institucionais (BENTO XVI, 2012).⁴

Na audiência Geral em Roma, o Papa Francisco retoma a reflexão sobre o serviço na vida da Igreja. O mesmo, reafirma a natureza e sua missão de serva, pois trata-se de uma igreja que exerce no meio do mundo a sua diaconia. Outra não é a missão da Igreja, senão evangelizar. A diaconia é, assim, a atitude daqueles que identificados com o seu Senhor, colocam os seus dons e carismas a serviço dos outros, especialmente dos que mais necessitam.

Mas nosso Senhor, ao lavar os pés dos discípulos, os chama ao “serviço” como “o caminho a percorrer para viver a fé n’Ele e para dar testemunho do Seu amor”. Tendo-se Ele feito servo, fez também os homens servos uns dos outros (“Também vós deveis lavar os pés uns dos outros” – Jo 13,12-14), revelando, assim, “a maneira de Deus de agir conosco”. Esta “servidão” não tem nada a ver com “servilismo”: é o “novo mandamento” do amor, um “serviço concreto que prestamos uns aos outros” e que não é feito apenas de “palavras”. O amor é um “humilde serviço” realizado “no silêncio”, como pediu Jesus: “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mt 6,3). Isso implica “disponibilizar os dons que o Espírito Santo nos concedeu” e, ao mesmo tempo, “partilhar os bens materiais para que ninguém fique em necessidade”, de acordo com um estilo de vida que “Deus também sugere a muitos não cristãos como caminho de verdadeira humanidade” (PAPA FRANCISCO, 2016).⁵

⁴ BENTO XVI. *Carta Apostólica sob a forma de motu próprio intima ecclesiae*, 2012. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20121111_caritas.html. Acesso em: novembro de 2017.

⁵ PAPA FRANCISCO. *AUDIÊNCIA GERAL. Praça São Pedro, Quarta-feira, 25 de maio de 2016*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2016/documents/papa-francesco_20160525_udienza-generale.html. Acesso em: novembro de 2017.

Corresponde à natureza da Igreja e é sua missão, servir e doar a vida. Como recorda o Papa Francisco na Audiência Geral, ocorrida em Roma, em 16 de março de 2016, a Igreja não existe para si mesma, mas para servir a humanidade como verdadeira discípula daquele que “esvaziou-se de si mesmo para colocar a sua vida a serviço” (Fl 2,6). Vale citar:

“Servir” e “ajudar”, esquecer-se de si mesmo e pensar nos outros: estas são atitudes que lembram o lava-pés, onde “o Senhor nos ensina a ser servos, mais servos, como Ele foi servo por nós, por cada um de nós”. (PAPA FRANCISCO, 2016).⁶

O Concílio Vaticano II marca a transição da Igreja e ratifica sua finalidade como comunidade dos seguidores e servidores de Jesus. É a Igreja do serviço. O ministério diaconal recorda que, a exemplo de Cristo, a Igreja existe para “lavar os pés uns aos outros” (Jo 13,14), curar os doentes, consolar os aflitos e anunciar a todos que “a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9). Mais do que mestra e senhora, a Igreja apresenta-se como servidora da humanidade, participa de suas alegrias e sofrimentos, assumindo-os como seus (ALMEIDA, 2005, p. 111-112).

3 O DIACONADO PERMANENTE: TEOLOGIA E DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA

Neste capítulo, a proposta é fazer uma abordagem pneumatológica do ministério diaconal a partir das fontes bíblicas, patrísticas e pastorais, contudo, sem um maior aprofundamento nos aspectos históricos. Esta abordagem visa, sobretudo, recordar ou recuperar elementos *pneumatológicos* que apontam para a identidade e missão do ministério diaconal. A fonte originária deste ministério foi Pentecostes, que enriqueceu a Igreja com a variedade de dons e carismas para o pleno cumprimento da sua missão.

3.1 A DIACONIA DE CRISTO SOB A UNÇÃO DO ESPÍRITO

Cheio do Espírito Santo, [Jesus] cumprimiu sua missão (cf. Lc, 4,16-18) e enviou depois os discípulos com a força do mesmo Espírito (cf. Jo, 20,21-23). Assim, o Evangelho mostra que o próprio Jesus escolheu e enviou ministros para o anúncio da salvação (Mc 16,15). Cristo realizou Sua missão profética e confiou aos Doze Apóstolos a comunidade, para que estes anunciassem a todos os povos e nações a Boa Nova do Evangelho pregado por Ele (Mt 24,14). Os Apóstolos não cessaram de testemunhar Jesus vivo e ressurreto e as

⁶ *Idem.*

maravilhas do Reino de Deus. Desde os Doze até hoje, o ministério apostólico mantém-se vivo na Igreja e em suas comunidades.

Jesus define a si mesmo pela sua diaconia: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e entregar a sua vida pela multidão." (Mc 10,45). E o seu testamento na última ceia foi o gesto típico da diaconia: lavar os pés (Jo 13,1-15). Deste modo, Paulo designa Jesus como "diácono dos circuncisos", enquanto veio "cumprir as promessas feitas aos pais" (Rm 15,8). Toda a missão de Jesus é diaconia.

Jesus Servo é princípio e paradigma de toda a missão de seus discípulos e discípulas (Mc 10,43-45; Lc 22,26s; Jo 12,25s.): seguir a Jesus é servir (cf. Mc 9,33-37). O serviço é, assim, a própria identidade do discipulado. Não se torna discípulo(a) e depois se exerce o serviço, só se é discípulo na medida em que se é servidor. Ser Discípulo é fazer-se diácono, servidor como o próprio Jesus se fez. Sendo Deus, esvaziou-se de si mesmo e se fez servo.

Ao Partir da perspectiva lucana a respeito da ação do Pneuma, a qual "designa a força de Deus necessária para realizar ações específicas", compreende-se a manifestação do Espírito em Jesus que veio para salvar. Percebe-se uma novidade do seu ministério e missão: foi enviado pelo Pai, e ungido pelo Espírito para servir e dar a sua vida ao mundo (cf. Lc 4,18-19; cf. Is 61,1-2).

A raiz pneumatológica dos textos lucanos (Lc, 4 quanto At 6) se refere vigorosamente ao Espírito como agente e dinamizador dos ministérios, para que a obra messiânica de Cristo perdure na Igreja. Tem-se uma arquitetura trinitária na Igreja-Servidora, que incide na compreensão e prática dos ministérios ordenados. "Cheios do Espírito e de sabedoria" (At 6,3) é graça que remete à liberdade do Espírito para qualificar ministros. A expressão "que encarregamos de servir" indica a deliberação apostólica na linha da presidência ou liderança dos apóstolos, após Pentecostes, que é quando o Espírito unge a Igreja como comunidade messiânica.

A vida e o ministério de Jesus Cristo são marcados pela força do Espírito, que o mantém intimamente unido ao Pai. Em sua missão, não veio comunicar a si mesmo e nem fazer a sua própria vontade, mas realizar a vontade salvífica do Pai, pela força do Espírito, conforme descreve Lucas.

Desde o princípio Jesus é possuidor do Espírito de Deus porque nascido do Espírito (Lc 1, 35). Nesta narrativa, Lucas fala do Pneuma como ação criadora de Deus que dá início à gravidez de Maria por obra do Espírito Santo (BOFF, 2003, p. 26).

Enviado pelo Pai para servir e dar a sua vida para salvar, Jesus assume a especial missão de libertar e devolver a vida e a dignidade a todo o gênero humano, especialmente aos pobres e excluídos de ontem e de hoje.

A unção de Jesus com o Espírito está relacionada diretamente com os pobres (*ptochois*). Para estes, Jesus vem anunciar-lhes a libertação do rebaixamento a que estão submetidos, resgatar-lhes a dignidade de pobres e realizar a antiga promessa dos patriarcas e profetas de devolver-lhes a esperança e a alegria que sempre buscaram (BOFF, 2003, p.37).

A obra do Espírito prossegue e acompanha Jesus ao longo de sua vida: seu batismo (Lc 3,21-22) 3,11); no deserto (Lc 3,21-22); na inauguração de seu ministério (Lc 4,18); na sua pregação e seus milagres (Lc 4,14-15); em seu ministério Pascal (Jo 19,30). Ele é o ungido do Pai que veio fazer da sua vida uma diaconia para devolver à humanidade a alegria da filiação divina e do dom da vida em plenitude, manifestada a todos na sua comunhão com o Pai e o Espírito.

O Espírito de Deus preside todo o mistério de Jesus. Através das obras, dos gestos e das palavras que ele realiza no meio do povo de sua raça, Jesus comunica-lhes este mesmo espírito. Com sua prática, Jesus, portador do Espírito por excelência, começa a nova criação, isto é, faz nascer o novo homem e a nova mulher (BOFF, 2003, p.42).

Moltmann afirma que a História de Jesus de Nazaré, tanto sob o seu aspecto cronológico quanto teológico, pressupõe a ação do Espírito Santo:

O Espírito, portanto, deve ser entendido como sujeito propriamente dito desta especial relação de Deus com Jesus e desta especial relação de Jesus com Deus. Por isso o Espírito também “conduz” Jesus à história de mútua interação com Deus, seu Pai, em que “por obediência” Ele há de aprender seu papel de Filho messiânico (Hb 5,8). As expressões do “descer” do Espírito sobre Jesus e do “repousar” do Espírito sobre Ele levam a que o Espírito seja entendido como shekina de Deus. É o autolimitar-se e o auto rebaixar-se do Espírito em empatia na pessoa de Jesus e na história de sua vida e de sua paixão, da mesma maneira como de acordo com a ideia dos rabinos o Espírito de Deus ligou-se à história da vida e da paixão do povo de Israel (MOLTMANN,2010, p.67).

3.2 A DIACONIA DA IGREJA

O Espírito conduz a Igreja na missão e a enriquece com a variedade de dons e carismas, para que configurada a Cristo Sacerdote, Profeta e Rei, cumpra na Terra a missão de anunciar o Reino de Deus a todos os povos. Cheios do Espírito, os batizados assumem com coragem a missão e se colocam a caminho e a serviço da humanidade inteira.

A partir de Pentecostes, a Igreja experimenta de imediato fecundas irrupções do Espírito, vitalidade divina que se expressa em diversos dons e carismas (cf. 1 Cor 12,1-11) e variados ofícios que edificam a Igreja e servem à evangelização (cf. 1 Cor 12,28-29). Através destes dons, a Igreja propaga o ministério salvífico do Senhor até que Ele de novo se manifeste no final dos tempos (cf. 1 Cor 1,6-7). O Espírito na Igreja forja missionários decididos e valentes como Pedro (cf. At 4,13) e Paulo (cf.

At 13,9), indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo (cf. At 13,2) (DAp, n. 150).

As Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil, no tocante a diaconia da Igreja, recordam que o anúncio sobre o Reino e o fazer estabelecer este Reino no meio dos povos, é missão da Igreja:

O Bom Pastor, que deu a vida pelas ovelhas (Jo 10,15) e recriminou o mercenarismo (Jo 10,12), deixou claro que todo ministério profético, sacerdotal e pastoral não é um privilégio, pois é sacramento de sua diaconia para todos. Assim como Cristo assumiu em tudo a condição humana, menos no pecado, também a Igreja é chamada a testemunhar a diaconia de Cristo compartilhando ‘as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo os pobres e de todos os que sofrem’ (GS 1). Comunidade dos salvos (At 2,48), corpo do Senhor (1Cor 12,27), esposa de Cristo (Ef 5,25), povo messiânico (LG 9), sacramento de salvação (LG 48), constituída e organizada como realidade teândrica (LG 8), a Igreja recebeu a missão de anunciar o Reino de Deus e de Estabelecê-lo no meio de todos os povos (LG 5) (CNBB, 2017).

No âmbito da diaconia da Igreja situam-se os diversos ministérios, que são carismas do Espírito Santo para o serviço eclesial junto à comunidade. A variedade dos serviços é conhecida na Igreja desde os tempos apostólicos, alguns na orientação e coordenação, outros voltados às necessidades concretas das comunidades. Estes ministérios podem ser divididos em: ministérios ordenados ou hierárquicos e ministérios não ordenados (confiados, reconhecidos ou instituídos). A missão da Igreja, por sua natureza, está revestida de caráter universal.

O convite de Jesus à sua diaconia é direcionado aos cristãos e amplia-se por ser um convite divino a todos os seres humanos. A missão do cristão deve ser fruto do encontro com o Senhor na sua palavra, na Eucaristia e na sua pertença a comunidade. Não se pode falar de serviço espelhado na diaconia de Cristo sem a vivência em comunidade. Assim como é impossível falar de diaconia do povo, diaconia da Igreja e da pessoa do diácono, sem compreender a vivência comunitária que se dá no âmbito das paróquias, das diaconias, das comunidades eclesiais, das pastorais, dos movimentos e dos grupos. A diaconia não pode ser entendida somente como uma ação clerical, institucional, ou ainda como atividade de alguns, pois diaconia é a própria essência do cristianismo. Ainda, ela é o rosto de Jesus Cristo expresso no agir da comunidade e do serviço dos cristãos na sociedade, chamados a anunciar a Boa Nova da salvação.

Cristo, único Mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5), Sumo e Eterno Sacerdote (Hb 7,26), sendo, ao mesmo tempo, Sacerdote e Vítima, entrou uma única vez no santuário celeste e selou a nova e eterna aliança em seu sangue (Hb 9; Lc 22,19; Mt 26-28). Cristo ofereceu ao Pai o sacrifício perfeito, entregando-se a si mesmo (Hb 7,27), e constituiu um reino de sacerdotes (Ap 1,6), para que atualizem sua obra redentora. Por isso, escolhe e envia ministros para anunciar a Boa Nova da salvação (Mc 16,15). (CNBB, 2017)

Ao longo da história da Igreja, a questão ministerial, dada a sua dinamicidade, tipificou-se em diversas formas. A reflexão teológica e pastoral atual distingue os ministérios nos seguintes grupos: a) ministérios simplesmente reconhecidos, ligados a um serviço significativo para a comunidade, mas considerados não permanentes, podendo vir a desaparecer, quando variam as circunstâncias; b) ministérios confiados, conferidos ao seu portador por algum gesto litúrgico simples ou alguma forma canônica; c) ministérios instituídos, conferidos pela Igreja através do rito litúrgico, chamado instituição; d) ministérios ordenados, chamados também pastorais ou apostólicos, reconhecidos e conferidos ao seu portador pelo sacramento da Ordem e que visa constituir os ministros da unidade da Igreja na fé e na caridade, de modo que a ela se mantenha, na tradição dos Apóstolos e, através deles, fiel a Jesus, ao seu Evangelho e à sua missão (CNBB, 1999).⁷

São João Paulo II reafirma a verdade de que a Igreja é, portanto, plena do Espírito Santo, conduzida por Ele na unidade, na verdade a caminho da salvação. É o mesmo Espírito que faz a Igreja sempre renovada e fiel aos desígnios do Pai e do Filho:

Na economia da salvação, portanto, entre o Espírito Santo e Cristo subsiste uma ligação íntima, em virtude da qual o Espírito da verdade opera na história do homem como “um outro Consolador”, assegurando de modo duradouro a transmissão e a irradiação da Boa Nova revelada por Jesus de Nazaré. Por isso, no Espírito Santo Paráclito, o qual continua incessantemente no mistério e na atividade da Igreja a presença histórica do Redentor sobre a terra e a sua obra salvífica, resplandece a glória de Cristo, como atestam as palavras de São João que vêm a seguir: “Ele (isto é, o Espírito) glorificar-me-á, porque receberá do que é meu para vo-lo anunciar”. (DV 7).

A missão da Igreja consiste em continuar a obra salvífica do Filho, enviado pelo Pai na ação do Espírito Santo, que conduz a sua Igreja e a orna de dons e carismas para a realização da sua ação missionária, acolher, animar a diversidade e manifestar a unidade dos carismas. De tal modo, os bispos afirmam que a Igreja é por natureza cheia do Espírito com dons hierárquicos e carismáticos:

Contudo, foi no dia de Pentecostes, em que desceu sobre os discípulos para ficar para sempre com eles (20), que a Igreja foi publicamente manifestada diante duma grande multidão, que a difusão do Evangelho entre os gentios por meio da pregação, teve o seu início, e que, finalmente, a união dos povos numa catolicidade de fé foi esboçada de antemão na Igreja da nova Aliança, a qual fala em todas as línguas e entende e abraça todas as línguas na sua caridade, superando assim a dispersão de Babel (21). Pelo Pentecostes começaram os «atos dos Apóstolos», como pela descida do Espírito Santo sobre Maria fora concebido Cristo, e como pela descida do mesmo Espírito Santo sobre Cristo, quando orava, fora o Senhor impelido à obra do

⁷ CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristão leigos e leigas*. Edição aprovada na 37ª Reunião Assembleia Geral da CNBB. São Paulo: 1999. Disponível em: http://www.cnlb.org.br/?wpfb_dl=7. Acesso em outubro de 2017.

seu ministério (22). O Espírito Santo é quem «unifica na comunhão e no ministério, e enriquece com diversos dons hierárquicos e carismáticos» (24) toda a Igreja através dos tempos, dando vida às instituições eclesiais (25), sendo como que a alma delas, e instilando nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo. Por vezes precede visivelmente a ação apostólica (26), como também incessantemente a acompanha e dirige de vários modos (27) (AG 4).

A eficácia da ação do Espírito Santo é explícita na obra missionária e ministerial da Igreja, embora, por vezes, se acentuem as atitudes humanas fechadas, que empobrecem ou esvaziam a riqueza da Igreja. Veja o exemplo do clericalismo, que tende a desvalorizar a diversidade ministerial. Entretanto, o mesmo Espírito continua agindo na sua Igreja para fazê-la sempre mais renovada e atuante na ordem da missão.

3.2.1 AS MULHERES E A DIACONIA

Por ser a diaconia considerada uma dimensão importante da própria existência cristã, cabe também destacar importância do indispensável papel desenvolvido pela mulher na missão da Igreja. Como a graça batismal confere a cada cristão a graça do Espírito Santo e o configura na mesma missão de Cristo, as mulheres, maioria do povo de Deus, exercem diversos ministérios e serviços indispensáveis na vida da Igreja. Neste contexto, há uma pergunta que acompanha a comunidade cristã: houve diaconisas na Igreja? Sem nenhuma pretensão de esgotar esta questão e sem ignorá-la, pontuaremos alguns aspectos importantes que atestam ou apontam para a presença de diaconisas nas comunidades primitivas. Alguns autores consideram que havia diaconisas e outros afirmam que se trata de um termo para se referir as esposas dos diáconos. A esse respeito, Almeida destaca alguns dados significativos.

Com efeito, Paulo não só recomenda à comunidade de Roma “Febe, nossa irmã, *‘he diákonos’* (= ministra ou diacona) da Igreja de Cesaréia” (cf. Rm 16, 1-4), como fixa os requisitos a serem preenchidos pelas mulheres-diaconos (cf. 1 Tm 3,11). No século III, aparecem os termos *diakonissa* ou *diákona* em algumas regiões, indicando a titular de um ministério feminino (ALMEIDA, 2012, p.132-133).

Na *Didascalia*, o bispo aparece à frente de uma pequena comunidade ajudado por diáconos e diaconisas (*Didascalia apostolorum* 2, 26,4-7), que têm um papel caritativo e são “uma só alma em dois corpos” (*Didascalia apostolorum*, 3, 13, 1-7). O diácono é escolhido pelo bispo para “ocupar-se das muitas coisas necessárias”, enquanto as diaconisas, servem “para o serviço das mulheres” (*Didascalia apostolorum*, 3, 12-1). Os homens devem passar pelo diácono para chegar ao bispo; as mulheres, pela diaconisa. Enquanto o diácono acompanha os homens no batismo, cabe à diaconisa ungir as mulheres, instruir as neófitas, visitar as mulheres cristãs e as doentes. (Constituições apostólicas VIII, 20 e 22). As

diaconisas assumem o seu ministério com a imposição das mãos (*epithesis cheiron*), que confere ao Espírito Santo (Constituições apostólicas VIII, 20 e 22). Com o passar do tempo as diaconisas passaram por um processo de desvalorização, dado o fortalecimento da cultura androcentrica e patriarcalizante: “A diaconisa não abençoa e não faz nada que os presbíteros e diáconos fazem por ocasião do batismo das mulheres, por motivo de decência.” (SALAMINA, [ano 375] p. 79,3,6.). Neste contexto histórico, o diaconato exercido por mulheres desaparece.

O diaconato das mulheres é um tema relevante na vida e missão da Igreja. Assim sendo, no ano de 2016, em um encontro com participantes da Assembleia Plenária das Superiores Gerais em Roma, o Papa Francisco manifestou a sua intenção de “constituir uma comissão oficial que possa estudar a questão do Diaconato das mulheres” e fez o anuncio dos membros, ao constituir uma comissão mista composta por bispos, teólogos, religiosas e teólogas leigas.

3.2.2 A DIACONIA DE MARIA NA MISSÃO DA IGREJA

O evangelista São Lucas apresenta Maria como o protótipo do seguidor de Jesus; mostra-nos como, a partir do seu sim, ela acolhe, pela fé, fazer parte do projeto divino. Colocou-se totalmente à disposição do projeto salvífico de Deus. Acreditou naquele que a chamou e colocou-se como discípula e diaconisa do Mestre; como alguém disponível ao serviço: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 1,37). Pelo seu testemunho de escuta da Palavra de Deus, de oração, e de pronta e fiel disponibilidade ao serviço do Reino até à cruz, ela tornou-se o exemplo do verdadeiro seguidor de Jesus. O próprio Jesus enaltece a sua mãe como ouvinte da Palavra, que a torna membro da grande família espiritual que é a Igreja: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que escutam a Palavra de Deus e a cumprem» (Lc 8, 18-21) e «Felizes antes aqueles que escutam a Palavra de Deus e a guardam» (Lc 11, 27-28). Com a sua vida, a sua obediência e a sua proximidade junto a seu Filho, é a perfeita discípula, diaconisa e modelo de seguimento para todos, e uma escola de fé: «Fazei tudo o que Ele vos disser». Mais ainda, não se exaltou por ser a mãe de Jesus; colocou-se ao serviço dos ensinamentos do seu filho Jesus. Maria, nas palavras de Santo Agostinho, «cumpriu perfeitamente, a vontade do Pai, e, por isso, Maria é maior por ter sido discípula de Cristo do que por ter sido mãe de Cristo; mais ditosa é Maria por ter sido discípula de Cristo do que por ter sido mãe de Cristo».

A festa litúrgica, que celebra a encarnação de Jesus, chamada “Solenidade da Anunciação do Senhor” (25 de março), une estreitamente Jesus, Maria e o Espírito Santo. Jesus é a razão de ser de todos os privilégios e da própria missão de Maria. O Espírito Santo consagra Maria, fecunda-a e, ao mesmo tempo une-se à missão salvadora de Jesus, tornando-o o Cristo, o Ungido de Deus. Vários momentos da vida terrena de Jesus mostram-no cheio do Espírito Santo (Lc 4,1; Jo 1,33), movido pelo Espírito Santo (Lc 4,18) e tendo o Espírito Santo como testemunha de sua messianidade e de sua doutrina (Lc 12,12; Jo 14,26; 16,13).

Quando a Igreja declara que o Espírito Santo é sua alma (Lumen Gentium,7), está reconhecendo nele a vida que a sustenta, a dinamiza, a santifica e lhe é garantia de fidelidade. Maria é o ícone da Igreja. Cheia do Espírito Santo, por sua obra e graça, ela deu à luz o Filho de Deus. A Igreja, sempre por obra e graça do Espírito Santo, gera os filhos para Deus. Se Maria foi verdadeiramente Mãe do Jesus histórico, concebido em Nazaré, nascido em Belém, crucificado e morto em Jerusalém, ela é também a verdadeira Mãe da Igreja, corpo místico do Cristo ressuscitado, vivo e presente até os confins do mundo e até o fim dos tempos, modelo de discipulado e diaconia da Igreja.

A vocação de Maria para o seguimento do caminho de Jesus vai se concretizando desde cedo, principalmente quando Deus irrompe em sua vida na Anunciação (Lc 1). Naquele instante Maria é uma mulher simples de Nazaré e desposada com José, inicia todo um caminho de conhecimento e transformação, que em Lucas, é o caminho do discipulado, que só pode ser percorrido numa atitude de fé; Maria demonstrou sua fé em todos os passos como discípula do Reino (DAp, n. 382).

O Espírito desce sobre Maria em Pentecostes e também desce sobre os apóstolos e outros membros da comunidade, os consagra e os torna testemunhas de Cristo ressuscitado. Também a Mãe de Jesus é parte desse grupo de pessoas “que ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem” (At 2,4).²⁷ Maria esteve presente assim no primeiro anúncio do evangelho. O missionário é o apóstolo do kerigma ou o primeiro anúncio. Maria, virgem e mãe, forma parte do anúncio do evangelho. Anuncia-se a Cristo verdadeiro homem, filho de Maria, e verdadeiro Deus, pois Maria Virgem concebeu por obra do Espírito Santo; Cristo é o Redentor e Salvador, e Maria, figura da Igreja, está associada à obra redentora. Assim, Maria faz parte do primeiro anúncio missionário, como a mulher da qual, por obra do Espírito Santo, nasce Cristo, o Filho de Deus Feito homem, nosso Salvador.

Maria é “tipo”, figura e personificação da Igreja, que é virgem, mãe e missionária. A Igreja se sente identificada com Maria na missão universal, pois ela foi a primeira evangelizada e se tornou também a primeira discípula, a primeira missionária na visitação à sua prima Isabel, anunciando a Boa-Nova ao levar o Cristo no seu ventre para proclamá-lo como o Messias, Salvador e Redentor. Assim Maria personifica para a Igreja a figura do discípulo missionário, como foi preconizada pela Conferência de Aparecida.

3.3 PENTECOSTES, EVENTO PARA A IGREJA

Com a Ascensão de Jesus Cristo ao céu, o Espírito Santo se manifesta e realiza a sua missão na Igreja. Embora presente desde sempre, mais diretamente por meio do próprio Cristo, que tudo realizava “cheio do Espírito”, em Pentecostes dá-se início a missão da comunidade como continuadora da missão do próprio Cristo, que continua vivo e presente em sua Igreja.

Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cfr. Jo. 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cfr. Ef. 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cfr. Jo. 4,14; 7, 38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cfr. Rom. 8, 10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cfr. 1 Cor. 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cfr. Gál. 4,6; Rom. 8, 15-16. 26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cfr. Jo. 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef. 4, 11-12; 1 Cor. 12,4; Gál. 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo (3). Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: «Vem» (cfr. Apoc. 22,17) (LG 4).

O Espírito Santo constitui o elemento fundante da Igreja enquanto revelação da Graça e distribuição dos dons e crismas para a missão. A Igreja não existe por si mesma e para si mesma, mas para comunicar a todos a obra da salvação realizada em Jesus Cristo.

Com a exaltação de Jesus e o envio do Espírito (ver Mt 16,18; Jo 7,39) irrompeu no mundo o reino de Deus (At 2,33; ver 1,3,6; 2,20-36; 4,10s.). O tempo da Igreja é essencialmente o tempo do Espírito de Deus. A Igreja e o Espírito se pertencem inseparavelmente um ao outro, como corpo e alma. Segundo Paulo, a Igreja é o Corpo glorificado de Cristo, o qual é todo permeado pela força vivificante do Espírito Santo (1 Cor 12,13; Ef 4,2s.), o qual sela a entrega a Cristo e a incorporação no seu corpo místico, como sela um tratado com o carimbo nele gravado (Ef 1,13; 4,30). O mesmo significa a compreensão dos cristãos com um templo em que mora o Espírito de Deus (1 Cor 3,16; Ef 2,22; 1 Pd 2,4s) (BAUER, 1998, p. 380).

Não há possibilidade de separar o Espírito da Igreja, nem a Igreja do Espírito. Para Irineu, existe uma correlação entre a Igreja e o Espírito, isto é, eles são indissociáveis. A Igreja não existe senão pelo Espírito, e o Espírito não vive senão para a Igreja: é uma troca de

amor que existe entre a Igreja e o Espírito. Assim, se pode compreender a antiga fórmula de Irineu de Lyon: “Onde está a Igreja, ali também está o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, ali também está a Igreja e toda a graça” (*ADVERSUS HAERESSES* 3, 24.1).

O mesmo Espírito que ressuscitou Jesus é comunicado à Igreja em Pentecostes, para que continue a sua obra em favor da humanidade e a serviço do Reino. Os Apóstolos, com a força do Espírito, acolhem a graça de testemunhar e servir. Com a sabedoria do Espírito e animados por Ele testemunham a mensagem com alegria e coragem até o martírio.

Com a ressurreição, começa a grande missão do Senhor glorificado de derramar o Espírito Santo sobre a totalidade dos fiéis, antes de mais nada, porém sobre os Apóstolos (ver Is 28,6). Conforme os Sinóticos e os Atos, o “batismo de fogo”, o Espírito de Deus, que o Batista prometera (Mt 3,11; Mc 1,8; Lc 3,16; ver Jo 1,22,23), de que Jesus mesmo falará (Lc 24,49; At 1,2,4.5.8; 11,16) e pelo qual suspira (Lc 12,48), foi concedido por Cristo somente na festa de Pentecostes aos Apóstolos (At 2,4,33; ver 2,17) (BAUER, 1988, p. 378).

Os Padres da Igreja tinham profunda clareza sobre ação do Espírito Santo nas comunidades cristãs. Clemente de Roma (95), no primeiro século, lembra aos Coríntios que “se espalhou sobre todos uma abundante força do Espírito” (*Epistula ad Corinthios* 2,2). Inácio de Antioquia (110) afirma que o Espírito é também fonte de Unidade. Numa comunidade onde não há esta atenção ao Espírito, ocorrem divisões, ocorrem desentendimentos, uma verdadeira Torre de Babel se instala e ninguém se entende. (*Epistula ad Filadelphos* 4,1).

Santo Inácio de Antioquia afirma claramente que o ofício de Diácono não é outra coisa senão o ministério de Jesus Cristo, o qual antes de todos os séculos estava junto do Pai, até que por fim se nos manifestou (Ad Magnesios, VI, 1: *Patres Apostolici*, ed. F. X. Funk, 1, Tübingen 1901, p. 235.); e acrescenta esta advertência: “É necessário, pois, que também os Diáconos, que são ministros dos mistérios de Jesus Cristo, agradem a todos, por todos os modos.” Eles não são apenas Diáconos dos alimentos e das bebidas, mas ministros da Igreja de Deus (Ad Trallianos, II, 3: *Patres Apostolici*, ed. F. X. Funk, 1, Tübingen 1901, pp. 245).

O Espírito Santo constitui o Corpo de Cristo, que é a Igreja manifestando o Espírito de Caridade, comunhão e serviço. A diversidade de dons e carismas são elementos vitais para a sua missão e realização da obra salvífica de Cristo. Na unidade se revela a força do Espírito que conduz a caridade, que é o princípio e o fim da igreja: amar e servir.

Assim faz o Espírito Santo no corpo de Cristo, que é a Igreja. Ele se comporta, no corpo de Cristo, como alma no corpo humano. É o princípio motor e inspirador de tudo. Qual, então, o sinal mais seguro de se ter recebido o Espírito Santo? Falar em línguas, fazer milagres? Não! É amar a unidade, manter-se unido firmemente à Igreja (CANTALAMESSA, 2013, p.147).

Sobre recordar aos fiéis a Graça do Espírito na vida da Igreja, que é por Ele organizada na variedade de dons, ministérios e carismas, São Basílio recorda:

E a organização da Igreja, não é claro e incontestavelmente ser obra do Espírito? Ele mesmo deu à Igreja ‘primeiro apóstolos, segundo profetas, terceiro doutores, depois poder de milagres, os dons da cura, de assistência e de governo, de falar em línguas estranhas’ (cf. 1 Cor 12,28). Esta ordem se organiza segundo a diversidade de dons do Espírito (BASÍLIO, XVI, 39).

A compreensão de que a Igreja não subsiste sem o Espírito animou e acompanhou a missão apostólica dos primeiros cristãos até os nossos tempos. De fato, sem o Espírito a Igreja não cumpre a sua missão. A Igreja necessita essencialmente do Espírito Santo, conforme recorda o Papa Paulo VI:

Mais de uma vez nos perguntamos(...) que necessidade percebemos, em primeiro e último lugar, para esta nossa Igreja bendita e amada. Devemos dizê-lo, quase com estremecimento e suplicantes, porque é o seu mistério e a sua vida, bem o sabeis: o Espírito, o Espírito Santo, animador e santificador da Igreja, seu alento divino, o vento das suas velas, seu princípio unificador, sua fonte interior de luz e de força, seu sustentáculo e seu consolador, sua fonte de carismas e de cantos, sua paz e sua alegria, seu penhor e prelúdio de vida bem-aventurada e eterna. A Igreja tem necessidade de seu perene Pentecostes; tem necessidade de fogo no coração, de palavras nos lábios, de profecia no olhar. [...] Tem necessidade, a Igreja, de readquirir o anseio, o gosto e a certeza da sua verdade [...] E tem ainda necessidade, a Igreja, de sentir refluir por todas as suas humanas faculdades a onda do amor, daquele amor que se chama caridade, e que está precisamente derramada em nossos corações justamente pelo Espírito Santo que nos foi dado (ENSINAMENTOS DE PAULO, VI, 1972, Vol X, p.1210).

Constituída e habitada pelo Espírito Santo, que a enriquece com os seus dons e carismas, a Igreja é sempre renovada pelo frescor do Espírito que a sustenta e conduz, para que comunique o Evangelho da vida a todos os povos. Assim recorda o Papa João Paulo II, na sua Encíclica *Dominum et Vivificantem*:

Como escreve o Concílio, «o Espírito Santo habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1 Cor 3, 16; 6, 19); e neles ora e dá testemunho da sua adopção filial (cf. Gál 4, 6; Rom 8, 15-16. 26). Ele introduz a Igreja no conhecimento de toda a verdade (cf. Jo 16, 13), unifica-a na comunhão e no ministério, edifica-a e dirige-a com os diversos dons hierárquicos e carismáticos e enriquece-a com os seus frutos (cf. Et 4, 11-12; 1 Cor 12, 4; Gál 5, 22). Faz ainda com que a Igreja se mantenha sempre jovem, com a força do Evangelho, renova-a continuamente e leva-a à perfeita união com o seu Esposo (DV 25).

A Igreja habitada pelo Espírito, fonte de vida e renovação da fé cristã, comunidade dos batizados, assume a mesma missão de Cristo, que é amar, servir e anunciar a toda a boa nova do evangelho. O Papa Francisco lembra que o Espírito foi dado à sua Igreja para que ela produza frutos, conforme a teologia paulina.

Neste ponto, podemos nos perguntar: por que esta água pode saciar plenamente a nossa sede? Sabemos que a água é essencial para a vida; sem água morremos, ela sacia, lava, torna fecunda a terra. Na carta aos Romanos encontramos esta expressão: “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (5:5). Água viva, o Espírito Santo, dom do Ressuscitado que habita em nós,

nos purifica, nos ilumina, nos renova, nos transforma para que nos tornemos participantes da própria vida de Deus, que é Amor. Por isso, o apóstolo Paulo afirma que **a vida do cristão é animada pelo Espírito e seus frutos**, que são “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5:22-23). **O Espírito Santo nos introduz à vida divina como “filhos no Filho Unigênito”** (PAPA FRANCISCO, 2013).⁸

Neste mesmo horizonte, a Congregação para Doutrina da Fé recorda que há profundas relações entre os dons carismáticos e hierárquicos e que há uma relação intrínseca entre as missões do Verbo Encarnado e o do Espírito Santo. Como Templo do Espírito, a Igreja é profundamente enriquecida pelos diversos dons, carismas e ministérios, frutos do mesmo Espírito.

Para poder apreender as razões profundas da relação entre dons hierárquicos e carismáticos é oportuno fazer referência ao seu fundamento teológico. De facto, a necessidade de superar qualquer tipo de contraposição estéril ou intrínseca justaposição entre dons hierárquicos e carismáticos é exigida pela própria economia da salvação, a qual compreende a relação intrínseca entre as missões do Verbo incarnado e do Espírito Santo. Na realidade, todos os dons do Pai implicam a referência à ação conjunta e diferenciada das missões divinas: todos os dons provêm do Pai, por meio do Filho, no Espírito Santo. O dom do Espírito na Igreja está ligado à missão do Filho, consumada plenamente no seu mistério pascal. O próprio Jesus relaciona o cumprimento da sua missão com o envio do Espírito à comunidade dos crentes³⁴. Por isso, o Espírito Santo não pode, seja de que forma for, inaugurar uma economia diversa à do *Logos* divino incarnado, crucificado e ressuscitado.⁹

Vale ressaltar que não há qualquer contraposição entre os dons hierárquicos e os dons carismáticos, muito menos incompatibilidade ou risco de um ministério se contrapor ao outro, quando cada um assume de maneira adequada e corresponsável o ministério que lhe fora confiado pela Igreja. Neste sentido, há um empobrecimento na compreensão dos ministérios, quando por causa da visão demasiadamente clericalizada, só se valoriza o ministério presbiteral e se despreza os demais ministérios, inclusive o diaconal. Outra questão muito grave é quando os próprios diáconos reduzem o seu ministério a uma mera suplência do presbítero ou substituição dos leigos. Na perspectiva carismática e ministerial, os ministérios se complementam e favorecem a unidade e a diversidade na vida da Igreja.

3.4 O DIACONADO: SUA PERSPECTIVA NEOTESTAMENTÁRIA E PATRÍSTICA

⁸PAPA FRANCISCO. *Catequese do papa 6: eu creio no Espírito Santo*. Disponível em: <http://www.igrejanossasenhoraodobrasil.com.br/catequese-do-papa-6-eu-creio-no-espírito-santo/>. Acesso em: novembro de 2017.

⁹ CF. *Carta Iuvenescit Ecclesia aos Bispos da Igreja católica Sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da igreja aos Bispos da Igreja católica*. Roma, 15 de maio 2016. Disponível em: http://www.seminariopropedeutico.org.br/arquivos/Carta_Iuvenescit_Ecclesia-PT.pdf. Acesso em: novembro de 2017.

Os documentos do Magistério da Igreja atestam o nascimento do diaconado na Igreja primitiva. Esta origem do serviço diaconal está situada nos tempos apostólicos, a partir da instituição dos sete ministros: Estevão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau. Esta instituição está documentada em Atos dos Apóstolos, no qual os apóstolos escolhem sete homens de “boa reputação, repletos do espírito de sabedoria” (At 6, 1-6). Esta é a interpretação do Magistério, embora não haja concordância por parte dos exegetas. Os Apóstolos, impondo as mãos, transmitem a missão e também a graça que a possibilita pela ação do Espírito Santo. Missão essa de servir à mesa – diaconia da mesa. Porém, no decorrer dos trechos bíblicos não mais os veremos no serviço à mesa, mas sim pregando corajosamente a Palavra – diaconia da Palavra. Ao analisar o texto da oração de ordenação diaconal, Taborda recorda a omissão do serviço da Palavra como sendo próprio do diácono:

[...] Mesmo que exegeticamente já não se possam identificar os Sete com os diáconos, a tradição é constante em estabelecer essa relação. [...]. O texto da prece não contempla o ministério da Palavra próprio ao diácono, embora a tripologia dos Sete o sugira, pois, logo depois de narrar sua instituição, Lucas se compraz em relatar a ação evangelizadora de Estevão e Filipe (cf At 6,8). [...] (TABORDA, 2011, p.312).

Os diáconos eram os colaboradores dos Apóstolos, tanto na ordem material ao dirigirem a comunidade, cuidar dos pobres e distribuírem as esmolas, como na ordem espiritual, na pregação e administração do batismo. Filipe é visto em Atos dos Apóstolos batizando (At 8, 38). Encontra-se também documentação crível da existência do serviço diaconal na Carta aos Filipenses (Fil 1,1), quando São Paulo faz saudação aos episcopos e diáconos. Nesse caso, cabe ressaltar que por episcopos entende-se presbíteros ou anciãos e os diáconos são os assistentes destes.

É em São Paulo, na sua Primeira Carta a Timóteo (1 Tim 3, 8-13), ao falar das qualidades e virtudes necessárias para a digna realização do ministério diaconal, que se tem o único texto sagrado que seguramente afirma a existência de diáconos. Paulo afirma que:

Igualmente os diáconos sejam dignos, não de duplas palavras, não dados à bebida nem ao lucro vergonhoso; devem conservar com consciência limpa o mistério da fé. Também eles devem ser provados primeiro, e, se forem achados irrepreensíveis, exercerão seu ministério... Os diáconos sejam fiéis às suas mulheres, bons chefes de seus filhos e de sua casa. Pois os que exercem bem o diaconato obtêm um posto elevado e autoridade em questões de fé cristã (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, p.2854).

A *Didaqué*, cerca do ano 70 d.C., dá testemunho da presença dos diáconos na Igreja primitiva, onde era de competência destes: a assistência aos necessitados, administração temporal dos bens da Igreja, colaboração nos atos litúrgicos, bem como servir a comida na ágape. Na missa, ofereciam pão e vinho ao bispo, distribuíam a comunhão aos presentes,

como eram encarregados, e além disso, a levavam aos ausentes. Instruir a catequese e a proclamação do Evangelho era também função diaconal (Did 15,2).

A *Traditio Apostolica* (Tradição Apostólica), supostamente atribuída a Hipólito de Roma (170? - 235 d.C.), escrita no século III, diz que na ordenação somente o bispo impõe as mãos, pois o diácono é ordenado “não para o sacerdócio, mas para o serviço do bispo, para fazer o que este lhe indique”. Diz ainda que o diácono tem a função de mostrar ao bispo as necessidades da comunidade. Aparece aqui a liturgia da ordenação diaconal (*Traditio Apostolica* 8).

Na *Didascalia Apostolorum*, a Doutrina dos Dozes Apóstolos, compêndio de normas eclesiásticas oriundas da Síria, escrito por volta de 250 a 300 d.C., orienta quanto à quantidade de diáconos e que estes sejam suficientes para cada cidade. Além disso, define que o Diácono é como o ouvido, a boca, o coração e a alma do Bispo (*Didascalia Apostolorum*, II, 44, 4; ed. F. X. Funk, 1, Paderborn 1906, p. 138.). O Diácono, diz-se, está à disposição do Bispo para servir a todo o Povo de Deus e assumir o cuidado dos doentes e dos pobres.¹⁰ Com justeza e com fundamento, ele é chamado de amigo dos órfãos, dos que cultivam a piedade, das viúvas, fervente no espírito e amigo das coisas que são boas (*Testamentum D. N. Iesu Christi*, I, 38; ed. e trad. latina de I. E. Rahmani, Mogúncia 1899, p. 93.). A ele, ainda é confiada a incumbência de levar aos doentes retidos em casa a Sagrada Eucaristia, (*S. Iustini, Apologia* I, 65, 5 e 67, 5; *S. Iustini, Apologiae duae*; ed. G. Rauschen, Bonn 19112, pp. 107 e 111) de administrar o Batismo (*Tertuliani, De Baptismo*, XVII, 1: *Corpus Christianorum*, I, *Tertuliani Opera, pars I*, Turnholt 1954, p. 291.) e de ocupar-se da pregação da Palavra de Deus, segundo o desejo e a vontade expressa do Bispo (*Didascalia Apostolorum*, II, 44, 4; ed. F. X. Funk, 1, Paderborn 1906, p. 138).

3.5 O DIACONADO: DA PÁTRISTICA AO VATICANO II

A patrística e os Concílios também relatam a história do diaconado na Igreja e são testemunhas de contestação inegável. Na patrística, encontra-se a confirmação da estrutura hierárquica e ministerial da Igreja. Na compreensão dos santos padres, o reconhecimento do ministério dos diáconos é claramente visto.

Para santo Inácio de Antioquia (67 – 110 d.C.), a estrutura eclesial não se dá sem a presença do bispo, do presbítero e do diácono, trata-se do reconhecimento do tríplice

¹⁰ Cf. *Traditio Apostolica*, 39 e 34; *La Tradition Apostolique de Saint Hippolyte. Essai de reconstitution*, par B. Botte, (Münster 1963), p. 87 e 91.

ministério. O diácono, na visão deste, se assemelha em seu ministério, ao próprio ministério de Jesus Cristo que foi o servo de todos, ele é ministro do ministério de Cristo. Não são diáconos apenas para servirem comida e bebida, vai muito além, são ministros da própria Igreja. O diácono é motivo de comunhão entre o bispo e a comunidade, pois este convive diretamente com a mesma (Epístola aos Tralianos, 3,1).

São Policarpo (70 – 155 d.C.) diz que “os diáconos devem ser inocentes diante da face de Sua justiça, como sendo servos de Deus e de Cristo, e não dos homens”. Por isso, devem ser irrepreensíveis e ter a conduta de vida conforme o ensinamento de Jesus Cristo, o verdadeiro servo do Pai (*Traditio Apostólica* 8).

O Pastor de Hermas, escrito por Hermas entre 142 a 155 d.C., é considerado um dos escritos mais respeitados na antiguidade cristã. Ele caracteriza a Igreja representada por uma torre onde os diáconos estão entre as pedras da construção que se ajustam bem umas às outras:

Ouve agora o que se refere às pedras que entram na construção. As pedras quadradas e brancas, que se ajustam bem entre si, são os apóstolos, os bispos, os doutores e os diáconos. Todos esses, caminhando segundo a santidade de Deus, desempenharam com pureza a santidade seu ministério de bispos, doutores e diáconos a serviço dos eleitos de Deus. Uns já morreram e outros ainda vivem. Estes são os que estiveram sempre de mútuo acordo, conservaram a paz entre si e se ouviram reciprocamente. É por isso que na construção da torre suas juntas se ajustavam bem (HERMAS, Cap. XII).

Os Santos Padres não têm a mesma visão sobre os diáconos. Eles têm em comum o pensamento da exclusão na consagração eucarística e na administração do sacramento da penitência. Assim, cada bispo é que põe limites ao serviço do diácono, conforme lhe for interessante, observa individualmente a necessidade local e a capacidade que cada um possui.

Ao abordar os aspectos históricos sobre o diaconado ou a diaconia na Igreja, se faz necessário também, recordar os diversos fatores que contribuíram para o declínio deste ministério na vida da Igreja. Do séc. VII ao séc. XII o diaconado vai decrescendo em importância até tornar-se, na Igreja Latina, mera passagem para o presbiterado. Os diáconos tornam-se figuras decorativas com a função de assistir o sacerdote na liturgia “para pôr o corporal sobre o altar e para alcançar o pão e o cálice” (ALCUÍNO (supostamente): *De divinis officiis liber*, cap. 36. PL 101, 1235). São ainda chamados de “proclamadores do Evangelho”, mas o seu “ministério próprio é ler o Evangelho” na missa (IVO DE CHARTRES: *Serm. II. PL* 162, 518).

É interessante que continuam a usar as expressões tradicionais, mas na prática, suas funções são puramente litúrgicas. Há também os que tentam sustentar o sentido do diaconado em extinção, Hugo de São Vítor (†1141). No típico caso de Pedro Cantor (†1197), na melhor

tradição, fala-se da função do diácono, qual seja, pregar com autoridade, anunciar o Reino de Deus e cuidar dos pobres. Mas, finalmente, ele tem que se render à evidência de que o diácono é mera figura ornamental e o denomina “*secretarius altaris* [secretário do altar]”, útil para dar com sua presença maior fausto à celebração eucarística, seja nas igrejas maiores, seja nas rurais.¹¹

Da redução de importância à extinção prática do diaconado como grau permanente será um passo. “Provavelmente jamais se saberá com plena evidência qual a razão determinante do declínio do diaconado.”¹²

Uma série de fatores poderiam ser enumerados a título de hipótese (F. PRAT: “Les prétentions des diacres romains au IV^e siècle”. *RSR* 3 (1912) 468 (cit. BORRAS – POTTIER: ob. cit., 47). DOMAGALSKI: art. cit., 44-56 (cit. ib.)). Os conflitos de poder entre diáconos e presbíteros constituem o primeiro fator. São notáveis justamente na Igreja de Roma. O conflito no séc. IV está documentado na discussão entre Ambrosiaster (atuante por volta de 375) e Jerônimo († 420). A importância dos diáconos em Roma pode ser visualizada, quando se considera que a maioria dos bispos de Roma, até fins do séc. IX, foi eleita dentre os diáconos, o que era possível graças à prática, tradicional em Roma, da ordenação *per saltum*. A maior proximidade dos diáconos com o povo, sua atividade caritativa e catequética que os aproximava do cotidiano das pessoas, o conhecimento que assim adquiriam da comunidade, os fazia mais populares e queridos que os presbíteros. Uma primeira mostra do temor que inspirava seu poder, é a redução do número de diáconos a sete, com base numa interpretação de At 6, já então contestada. O limite no número de diáconos obrigou a dar parte de suas funções a outros clérigos, especialmente aos subdiáconos.¹³

Um segundo fator que se pode mencionar para o declínio do diaconado é o processo de sacralização e sacerdotalização do ministério. A entrada das massas na Igreja torna impossível a eucaristia presidida pelo bispo com seu presbitério, cercado pelos diáconos. A solução poderia ter sido a multiplicação de bispos. Em vez disso, preferiu-se redefinir a relação bispo–presbítero e, com isso, a ordem diaconal perde importância. A partir do ano 500, quatro situações são possíveis para um diácono. Todas quatro levarão a assumir o presbiterado. A primeira, é ele ser enviado sozinho a uma comunidade sem padre. Nada mais natural que o próprio povo deseje que ele seja ordenado presbítero. A segunda, é ir para uma

¹¹ PEDRO CANTOR, *Verbum abbreviatum* LX. PL 205, 184-185.

¹² WINNINGER, P; CONGAR, I. CROCE: “*Histoire du diaconat*”. In: *Le diacre dans l’Église et le monde d’aujourd’hui*. Paris: Cerf. 26-61, 1966.

¹³ ANDRIEU, M. *La carrière ecclésiastique des papes et les documents liturgiques du Moyen Âge*”. *Ver SR* 21, p. 90-120; PEDRO LOMBARDO: *Sent.* 1.4, dist. 24, 8. *PL* 192, 903, 1947.

comunidade colaborar com um presbítero sobrecarregado de trabalho. Com a baixa expectativa de vida na Idade Média, a morte do presbítero levava a Igreja ordenar como presbítero, o diácono que já adquirira experiência com o falecido, e era o que acontecia. A terceira, é a função possível ao diácono, de servir na Igreja do bispo. Ele acaba dedicando-se exclusivamente à liturgia, tornando-se excelente cantor (o *Exsultet* se torna tarefa do diácono!) e some entre os cônegos do cabido, absorvido pelo clero da catedral. A quarta, é tornar-se arqui-diácono, o encarregado da formação do clero, com grande poder, verdadeiro vigário do bispo. Diante da estranha situação de um diácono comandar o presbitério, a função de arqui-diácono acaba sendo atribuída a um presbítero. O Concílio de Trento praticamente a abolirá, criando a função de vigário geral e outros “oficiais” do bispo. A sacerdotalização do ministério culminará, na teologia escolástica, com a definição do ministério a partir do sacerdócio, com o que se desqualifica tanto o diácono como o bispo.¹⁴

Um terceiro fator, intimamente ligado ao anterior, é a mudança na concepção de eucaristia. Ela é, cada vez mais, vista em si mesma e não em referência à Igreja. Com isso, o ministério passa a ser visto a partir do poder de consagrar. O diácono, sem esse poder, pouco vale. Unido a essa visão teológica, surge um problema econômico: não recebendo estipêndios de missa, o diácono não tem sua subsistência assegurada. As numerosíssimas “fundações” de missas por falecidos garantia o sustento dos presbíteros que chegam a celebrar até três missas por dia (séc. XIII). Torna-se comum a missa sem comunidade, sem diácono, só com a participação de um ajudante. Não havia diáconos suficientes para tantas celebrações. Os presbíteros se multiplicam, sem que essa multiplicação tenha sido acompanhada do mesmo fenômeno no diaconado.

Um quarto fator é a transformação de duas dimensões essenciais que o diácono assumia na Igreja: a gestão dos bens econômicos e a caridade para com os pobres. Com o crescimento da Igreja e sua oficialização pelo Império, o patrimônio eclesial se tornara muito grande, sendo desaconselhável entregar a mãos inexperientes. O Concílio de Calcedônia imporá aos bispos a nomeação de um ecônomo (que, de resto, pertenceria ao clero). O serviço da caridade será cada vez mais assumido pela Vida Religiosa nascente. O verdadeiro pobre agora é o monge que recebe esmolas para redistribuí-las aos miseráveis, que procuram a portaria do mosteiro. Assim, o diácono perde suas duas funções fundamentais.

¹⁴ Cf. CLERCK: “Des laïcs ministres des sacrements?” *MD* n° 194 (1993) 27-47 / CONCÍLIO DE TRENTO: *Decreta super reformatione* (sessão XXIII, 15.7.1563), cân. 17. In: Giuseppe ALBERIGO et al. (ed.), *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*. Bologna: Istituto per le Scienze Religiose, 1973, 750.

Pedro Lombardo (†1160), o Mestre das Sentenças, exalta o diaconado enquanto sacramento, mas só menciona suas funções litúrgicas:

[...] cabe ao diácono assistir o sacerdote e servir em tudo quanto trata dos sacramentos de Cristo: no batismo, na crisma, na patena e no cálice, também levar as ofertas e pô-las sobre o altar, arrumar a mesa do Senhor, vestir [ajudar o padre a paramentar-se], levar a cruz [processional] e pregar [ler] o Evangelho e a epístola para o povo [...] Cabe a ele, ainda, o ofício das preces e a recitação do nome dos catecúmenos. Admoesta que se tenha ouvidos para o Senhor, dá a paz e a anuncia (PEDRO LOMBARDO: *Sent.* 1.4, dist. 24, 8. *PL* 192, 903).

Tomás de Aquino não chega a tratar do sacramento da ordem na *Suma Teológica*. Por isso, não tem um tratado sistemático do diaconado. Nos poucos textos em que se refere ao diaconado, retoma a tradição patrística (em especial o Pseudo-Dionísio). A função dos diáconos é “purificar”, como a do presbítero é “iluminar” e a do bispo “aperfeiçoar”. Purificam, “porque expulsam os impuros da assembleia dos fiéis ou os dispõem com santas admoestações a receberem os sacramentos afastando os impuros”. O ministério da Palavra cabe ao diácono “*per modum catechizantis*” (“à maneira de quem catequiza”), pois “ensinar, isto é, expor o Evangelho compete propriamente ao bispo”. Os diáconos têm, portanto, uma função de mediação “entre o sacerdote e o povo, como partícipes da força iluminadora própria do sacerdote”. É marcante a influência do Pseudo-Dionísio¹⁵. Em resumo, o diaconado se torna, sobretudo, uma dignidade litúrgica e um degrau de passagem para o presbiterado.

O Concílio de Trento, nos decretos de reforma, reprova a inexistência de representantes deste grau da hierarquia em muitas dioceses da Igreja Latina. Num decreto, exorta à restauração do diaconado permanente. Mas esse decreto ficou letra morta.¹⁶

O *Código de Direito Canônico*, de 1917, ignorava o diaconado permanente e confirmava como letra morta o Decreto de Trento. A competência ordinária do diácono é reduzida a expor e repor o Santíssimo Sacramento (CIC 1917, cân. 1274, 2).

O clero imperial abandonou progressivamente a dimensão do serviço, adotando a concepção do sacerdócio para todos os graus do ministério. Com a sacerdotização do ministério, os presbíteros passaram a exercer funções reservadas aos bispos e aos diáconos. Ao mesmo tempo, receberam responsabilidades cada vez mais autônomas nos lugares onde atuavam. Para agravar essa situação, os diáconos tornaram-se subordinados aos presbíteros.

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO: *STh* III q. 64, a. 1, obj. 1. In: DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA: *De ecclesiastica hierarchia*, cân. 5, p. 1, § 3, p. 3, 504.

¹⁶ ALBERIGO Giuseppe. et al. (ed.), *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*. Bologna: Istituto per le Scienze Religiose. In: CONCÍLIO DE TRENTO: *Decreta super reformatione* (sessão XXIII, 15.7.1563), cân. 17. 1973.

Sem vinculação específica com a comunidade, nem ligação precisa com o bispo, acabaram não tendo mais função específica.¹⁷

O Concílio de Nicéia, no ano de 325, confirma no cânon XVIII, os diáconos como servidores do bispo e em nível inferior aos presbíteros, como também dispõe sobre a eucaristia e lugar no presbitério:

Veio a conhecimento do sagrado e grande Sínodo que, em alguns distritos e cidades, os diáconos administram a Eucaristia aos presbíteros, onde nem o cânon nem o costume permitem que eles que não tem o direito de oferecer deem o Corpo de Cristo à aqueles que tem este direito. E também veio a ser conhecido que alguns diáconos agora tocam a Eucaristia mesmo antes dos bispos. Façam tais práticas serem totalmente abolidas, e façam os diáconos ficarem em seus próprios limites, sabendo que são ministros dos bispos e inferiores aos presbíteros. Façam-nos receber a Eucaristia segundo sua ordem, depois dos presbíteros, e façam ou os bispos ou presbíteros administrarem a eles. Além do mais, não deixem os diáconos sentarem-se com os presbíteros, pois isto é contrário ao cânon e a ordem. E se, depois deste decreto, alguém se recusar a obedecer, que seja deposto do diaconato.¹⁸

Como já havia atestado o apóstolo Paulo, o ministério diaconal faz uma expressiva saudação aos bispos e aos diáconos (Fl 1,1). Nesse caso, os episcopos são os encarregados de assistir e dirigir a comunidade, enquanto que os diáconos são seus assistentes imediatos. Já no período apostólico, o diácono aparece associado ao bispo: enquanto este serve a comunidade, aquele é seu auxiliar nesse serviço (TABORDA, 2011, p. 201).

Os termos episcopos e diáconos, mencionados na saudação paulina, provêm das expressões gregas – *epískopoi* e *diákonoi* – respectivamente. Para elucidar esses termos, Taborba, faz uma breve explanação:

Ambos os termos (*epískopoi* e *diákonoi*) aparecem no plural, embora se refiram a uma só comunidade. O termo *epískopoi* evoca a ideia de pessoas que vigiam, que têm, pois, a supervisão da comunidade, um cargo de direção ou administração. Os *diákonoi* são os servidores da mesa. Significaria que se dedicam ao serviço dos pobres e necessitados? Ou servem à mesa no ágape comunitário? Ou servem o alimento eucarístico? Mas também poderiam ser servidores da Palavra, já que neste sentido Paulo usa frequentemente o termo em questão (TABORDA, 2011, p. 91).

Os ministérios instituídos no tempo apostólico se revestem, porém, de característica toda especial, pois ao mesmo tempo que são realidades humanas, criações que trazem a marca do seu tempo e da sua origem, têm, em última análise, fundamento na vontade de Jesus Cristo. Goerdert destaca a importância dos diversos ministérios nas comunidades primitivas:

Desde os tempos apostólicos, a Igreja conheceu larga variedade de funções, umas de cunho mais oficial, ligadas à coordenação e orientação das comunidades (ministérios ordenados ou hierárquicos), outras mais relacionadas às necessidades práticas das comunidades (GOERDET, 1995, p.20).

¹⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, “O diaconato: evolução e perspectivas”. SEDOC, v. 35, n. 297, p. 521-614, 2003.

¹⁸ SCHAFF, Phillip. *Cânones do Concílio de Nicéia*. Disponível: <http://www.ecristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/documentos-historicos/canones-do-concilio-de-niceia.html>. Acesso em: novembro de 2017.

De outra parte, a missão confiada por Cristo aos Apóstolos deve durar até o fim dos tempos. Por essa razão, os apóstolos instituíram sucessores. Entre os ministérios que desde os primeiros tempos são exercidos na igreja, o lugar principal é ocupado por aqueles, que constituídos no episcopado, conservaram a sucessão apostólica. Por isso, os bispos, por instituição divina, sucedem os apóstolos como pastores da Igreja (LG 20). Divinamente instituído, o ministério eclesiástico é exercido em diversas ordens por aqueles que desde a antiguidade são chamados bispos, presbíteros e diáconos (LG 28).

O Concílio Vaticano II reconhece como instituição divina o ministério eclesiástico, que encontra sua expressão máxima no *múnus episcopal*. A tríplice forma de exercício desse ministério (bispo, presbítero, diácono) é de instituição eclesiástica.

A diaconia na Sagrada Escritura e na teologia da Igreja primitiva surge como uma característica do cristão enquanto tal: um modo de ser, uma realidade existencial do cristão. É, sobretudo, característica daqueles que são constituídos pastores do povo de Deus (LG 24).

Sendo a Igreja ícone da Trindade e, por isso mesmo, templo do Espírito, pois na comunidade dos batizados o Espírito manifesta a cada um os dons necessários para o bem de todos, não se pode compreender o ministério diaconal dissociado de uma comunidade eminentemente carismática, isto é, uma comunidade conduzida pela ação do Espírito que a orna de dons e carismas para o testemunho do advento do Reino de Deus no tempo presente e futuro na vida da comunidade.

O dom não é considerado pela satisfação que dá ao sujeito: o que se estima no dom é o serviço que presta: os dons correspondem a diversos papéis sociais, diversos papéis que concorrem para a “construção” da comunidade. (...) Na medida em que os dons são considerados como ministérios, eles cabem dentro da perspectiva do Povo de Deus, quer dizer, do futuro que há de ser edificado. Os vários dons são formas da “palavra” que procede do Espírito e constrói o Povo de Deus (COMBLIN, 1978, p. 94-95).

Dentro dessa visão geral da diaconia, o Novo Testamento revela a existência de serviços especializados em favor da comunidade. Dentre os vários ministérios, merecem particular menção os apóstolos, os profetas, os doutores e os evangelistas (1 Cor 12, 28; Ef 4,11). Além desses, destacam-se também outros ministérios: mestres e pastores (Ef 4,11; 1Pd 5,2-4); ministros e diáconos (Fl 1,1; 1Tm 3,8ss); presbíteros e anciãos (At 11,30; 1Tm 4,14; Tg 5,14; 1 Pd 5,11); bispos e supervisores (At 20,28; Fl 1,1; Tt 1,7).

A maioria dos autores, contudo, reduz a três lugares a menção de diáconos no novo testamento: Fl 1,1; 1 Tm 3,8.12. “Diferente de todos os usos gerais de diáconos é a aplicação do termo ao possuidor de determinado encargo na comunidade. Este uso encontra-se em passagens onde vemos o lento aparecimento de uma organização eclesiástica, isto é, nas passagens onde a Vulgata adotou o termo latino diaconus (Fl

1,1; 1 Tm 3, 8.12), enquanto de modo geral, ela traduz diákonos por minister” (ALMEIDA, 2011, p.365).

Desde cedo, se faz sentir a tendência à institucionalização dos ministérios. A distinção entre funções sacramentais e não sacramentais, entre ministros ordenados e não ordenados, vai sempre mais consolidar com o processo histórico de institucionalização da própria Igreja. A diferença entre essas duas realidades ministeriais (ministérios ordenados e não ordenados), no entanto, não está no valor pessoal nem no campo de ação ou no gênero de vida. É uma diferença de responsabilidade, não apenas de grau, mas de natureza, dirá o Concílio Vaticano II (LG 10), embora se ordenem um ao outro. Configura-se como algo de essencial, que diz respeito à estrutura da Igreja. Os ministérios ordenados e os não ordenados se relacionam mutuamente, mas não se confundem, não se reduzem um ao outro. Por natureza, são funções diversamente exercidas, buscando todas, porém, o mesmo objetivo: a construção do corpo de Cristo.

O Concílio Vaticano II retoma o conceito de serviço como vocação de todo o povo de Deus. Somente a partir dessa visão é possível criar espaço para outros ministérios permanentes na Igreja, além do episcopado e do presbiterado. A Igreja como realidade dinâmica que se constrói numa perspectiva escatológica, comporta uma variedade de ministérios que constantemente a edificam. Entre a comunidade eclesial e os ministérios, como também entre os vários ministérios, existe o contínuo esforço de comunhão e participação. Como observa Congar:

Não se pode considerar os ministérios, senão como uma estruturação no seio de uma comunidade cristã qualificada e viva. O ministério não cria a comunidade como vindo de fora ou de cima. É inserido nela pelo Senhor, a fim de dar-lhe a vida e constituí-la. Nem sequer se pode dizer que os ministérios emanam da comunidade, ao menos não se pode dizer de maneira simples. Existe, ainda, um segundo sentido, pelo qual os ministérios não só provêm da Igreja, mas são constituídos pela Igreja, representando e personificando a comunidade (CONGAR, 1973 p. 35-36.).¹⁹

3. 6 DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DO DIACONADO

A Igreja é chamada a dar continuidade a obra e missão dos apóstolos: o seu testemunho original faz dela um templo construído sob um único fundamento, que é Jesus Cristo. Esse templo é animado internamente pela força do Espírito Santo, de modo que todos nele possam operar pela sua vida, cada um de acordo com o que o Espírito lhe revela. Compreende-se, desse modo, a Igreja como templo vivo onde o Espírito faz brotar dons, carismas e ministérios para a utilidade de todos. É o que afirma São Paulo em sua teologia sobre a ação do Espírito na vida da Igreja (cf. 1 Cor 12,7), sem forçar uma nova compreensão

¹⁹ *Ministeri e comunione ecclesiale*, Bologna, 1973.

do ministério diaconal na Igreja contemporânea, como recordam Borrás e Pottier:

Em termos positivos diríamos, antes de tudo, que o diaconato está no ponto de encontro essencial dos carismas e dos ministérios. Os diáconos não são só únicos ministros da Igreja. Há em primeiro lugar os outros ministros ordenados, os bispos e os padres, cujo encargo é a presidência eclesial e eucarística. Os bispos exercem seu episcopado numa Igreja particular, e os padres são seus colaboradores natos na presidência das comunidades locais. Eles não fazem tudo, mas cuidam de tudo, mas cuidam para que tudo se faça. Daí a necessidade dos diáconos e dos outros ministérios. O diácono colabora com o bispo diocesano e exerce seu ministério em comunhão com ele e com seu presbitério. O diácono, porém colabora também com outros ministros, neste caso os fiéis leigos dotados das qualidades exigidas aos quais foi confiada uma tarefa (múnus) ou um ofício, a serviço da edificação da Igreja e da realização da sua missão nesse lugar. O diácono colabora no sentido ao qual é levado a trabalhar com outros batizados que contribuem para o anúncio do Evangelho e para a vitalidade da Igreja, por meio do seu testemunho pessoal e coletivo e pela atuação dos carismas recebidos. (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 143).

Numa perspectiva ministerial, toda tarefa de dedicação ao evangelho na Igreja é “serviço de diaconia”, desde a proclamação missionária até a edificação de comunidades, é o “Serviço do Evangelho” (cf. 2Cor 4,1; 5,18; Cl 1,23; Rm 11,13). Quem se entrega à proclamação do evangelho se faz diácono, servo(a) (1Cor 3,5; 2Tm 4,5.11). Os Atos dos Apóstolos ressaltam a importância do ministério da proclamação do evangelho. Ao seguir, de certo modo, a compreensão teológica dos textos, podemos identificar as variedades dos ministérios como sendo a “diaconia da Igreja”: (At 6,4; 20,24; 21,19. O objetivo da “Diaconia do Evangelho” é criar ‘*koinonia*’, comunhão e caridade, refletido no serviço ministerial da comunidade.

Em Lucas, identifica-se as características fundamentais de uma comunidade “cheia ou repleta do Espírito” *koinonia* e *diakonia*, como elementos indispensáveis à missão recebida em Pentecostes:

Para explicar como esta comunidade foi se tornando Igreja na concepção de Lucas e com as características de *koinonia* (comunhão) dos membros entre si e com o Pai, da *diakonia* (serviço) do testemunho dado na vida e na prática do dia-a-dia e da *deómai* (oração) feita em comum, tomo alguns episódios em mais significativos, nos quais o autor acentua a irrupção do espírito de Deus que impulsiona a comunidade para a missão.[...] Concebe-se então o Espírito como Pessoa atenta e ativa (*diakonia*) quando a Palavra se manifesta na prática da ação histórico-salvífica do próprio Deus [...] (BOFF, 2003, p. 202-203).

É pela diaconia que Jesus se define a si mesmo em Mc 10,45: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e entregar a sua vida pela multidão." E o seu testamento, na última ceia, foi o gesto típico da diaconia: lavar os pés (Jó 13,1-15). Por isso, Paulo vai designar a Jesus como "diácono dos circuncisos", enquanto veio "cumprir as promessas feitas aos pais" (Rm 15,8). Isto é, toda a missão de Jesus é diaconia. Por isso,

Jesus Servo é contemplado como princípio e paradigma (modelo) de toda a missão de seus discípulos e discípulas (Mc 10,43-45; Lc 22,26s. e Jó 12,25s.): seguir a Jesus é servir (cf. Mc 9,33-37).

Na tradição bíblica, os fundamentos do ministério diaconal são encontrados no contexto das primeiras comunidades cristãs. Lucas relata, nos Atos dos Apóstolos, que Estevão, “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6,5), foi escolhido pelos Apóstolos para exercer o ministério do serviço às mesas. Nessa perspectiva, o ministério diaconal fica instituído na Igreja desde o período apostólico, como um ofício ou encargo que se concede, mediante a imposição das mãos (At 6,6). Na definição dos Sete, embora Lucas não dê o nome de “diáconos”, ele enfatiza a palavra serviço de ‘*diakonia*’ (Fl 1,1; Tt 1,5), enfatizando também que eram homens “repletos ou cheios” do Espírito. Lucas, assim, identifica que o ministério do serviço ‘diaconal’ da comunidade está diretamente relacionado ao Espírito. A única condição exigida na escolha dos ‘sete’ novos ministros é que sejam “de boa fama, repletos do Espírito e de sabedoria”.

Como queremos investigar as atribuições do diácono justamente no ambiente neotestamentário, será preciso, então, dispor de outros meios. Um importante recurso para o deslinde é o Magistério católico, que, apoiando na tradição atestada já no século II d.C. por Irineu e que confluuiu para a Liturgia da ordenação dos diáconos ainda em voga, sempre relacionou a origem do ministério diaconal à escolha dos Sete (At 6, 1-7) (BENDINELLI, 2011, p.40).

Assim, são apresentados aos apóstolos, não levando em consideração que sejam hebreus ou gregos. O que se destaca como prerrogativa para o exercício do ministério é que sejam “cheios do Espírito” para servir. O ministério não surge autonomamente, mas sob a diretriz apostólica Pós-Pentecostes. O ministério lhes é confiado pela oração e imposição das mãos dos apóstolos.

De acordo com o relato de Lucas em Atos 6,1-7, os Apóstolos encarregaram sete helenistas do serviço às mesas por ocasião de um desentendimento entre a comunidade cristã de origem judaica e a de origem grega, devido à negligência no cuidado com as viúvas dos helenistas. Para seleção, foram definidos critérios: alguém que desse testemunho (*martyrouménous*) e que fosse cheio de Espírito e Sabedoria (*pléreis pneúmatos kai sophías*) (BENDINELLI, 2011, p.41).

Outro aspecto relevante na compreensão lucana deste novo ministério é que ele não se restringe somente ao serviço das mesas, mas também a pregação, ao anúncio da Palavra: Estevão, um dos sete, é também ele anunciador da Palavra (At 6,8 -7,53). Filipe, também um dos sete que serviam à mesa, é apresentado como evangelizador (At 8, 26-40). A eles é confiado este ministério como participação no ministério dos Apóstolos, que os enviam para pregação e serviço ao pobres e marginalizados.

Para o ofício foram eleitos Estevão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, apresentados aos Apóstolos, que oraram e impuseram as mãos sobre eles. Depois disso, os Atos dos Apóstolos mencionaram o ministério de apenas dois dos sete diáconos: Estevão e Filipe. Curiosamente, ambos jamais aparecerão exercendo funções de assistência social, das quais a expressão servir às mesas passou a ser sinônimo na atualidade. Ao invés disso, Estevão é apresentado realizando sinais entre o povo (At 6,8) e pregando a Palavra (At 6, 9-54), ao passo que Filipe é lembrado como missionário junto aos pagãos, antes mesmo de Paulo, e como fundador de comunidades cristãs fora da Judeia. Aparece pregando a Palavra de Deus na Samaria, onde realiza curas e sinais e batiza muitos, evangeliza e batiza um etíope no caminho de Jerusalém para Gaza; prega o Evangelho em Azoto em todas as cidades até a Cesareia, onde passou a residir com a família. Aliás, Paulo, que foi hóspede em sua casa, quando menciona Filipe, refere-se a ele como Evangelista (evangelizou) (BENDINELLI, 2011, p.41).

Na ordenação diaconal, no texto sugerido para a homilia do bispo, que se encontra no rito da Ordenação dos Diáconos, a Igreja afirma com profunda consciência e clareza que o ministério diaconal é dom que o próprio Espírito concede a Igreja na variedade dos seus ministérios:

Fortalecidos com o dom do Espírito Santo, deverão eles ajudar o Bispo e o seu presbitério no serviço da palavra, altar e caridade, mostrando-se servos de todos. Como ministros do altar irão proclamar o Evangelho, preparar o sacrificio e reartir entre os fieis o Corpo e Sangue do Senhor (PONTIFICAL ROMANO, 2002, p.93).

Ao recordar aos que exercerão o ministério diaconal pela imposição das mãos do bispo, a Igreja exorta-os a cuidar do ministério, guardando a fé por meio de uma consciência pura, testemunhando a Palavra proclamada para que o povo cristão seja, por meio deste ministério, vivificado no Espírito Santo:

Guardando o mistério da fé com a consciência pura, mostrai em vossos atos a palavra que proclamais, a fim de que o povo cristão, vivificado pelo Espírito Santo se torne uma oferenda agradável a Deus (...) (PONTIFICAL ROMANO, 2002, p.95).

Constituídos como diáconos pela imposição das mãos, do bispo e pela Prece de Ordenação, a Igreja invoca o Espírito Santo sobre aqueles que serão ordenados diáconos para o serviço do Povo de Deus:

Enviai sobre eles, Senhor, nós vos pedimos, o Espírito Santo que os fortaleça com os sete dons da vossa graça, a fim de exercerem com fidelidade o seu ministério. Resplandeça neles as virtudes evangélicas: o amor sincero, a solicitude para com os enfermos e os pobres, a autoridade discreta, a simplicidade de coração e uma vida segundo o Espírito (PONTIFICAL ROMANO, 2002, p.103).

Ao analisar o texto da prece da ordenação diaconal, Taborda ressalta os aspectos fundamentais para a compreensão e conceituação do ministério diaconal na sua restauração pelo Vaticano II:

[...] A Igreja é “aprimorada pela variedade de graças celestes”, os diversos dons e carismas (cf. 1 Cor 12,4-6). [...] Esse “organismo” é “admirável”, porque unido pelo Espírito Santo e não pela carne e pelo sangue. [...] O que Deus faz agora na Igreja pelo Espírito Santo, constituindo diversas ordens de ministérios, foi prefigurado na

primeira aliança pela eleição dos filhos de Levi. [...]. Na instituição dos sete é importante a forma como a prece ressalta a ação do Espírito Santo: Spiritu Sancto auctore, tomada literalmente do texto gálico. Auctor significa em latim não meramente “autor”, mas aquele que impulsiona a agir, o instigador. O surgimento histórico do terceiro grau da ordem é assim conhecido como fruto da ação do Espírito Santo na Igreja (cf. LG 28 [DH 4153]).

Discorrendo a respeito do restabelecimento e da novidade do Diaconato permanente na Igreja o teólogo Alfonso Borrás, afirma enfaticamente que o ministério diaconal, bem compreendido e bem executado “abre a Igreja para o trabalho do Reino”:

A Igreja recebe-se de Deus por Cristo no Espírito, ela brota da comunhão de vida divina e provém da vontade de um Deus vindo ao encontro da nossa humanidade pela sua encarnação em Jesus Cristo, pela sua morte e ressurreição e no Pentecostes do seu Espírito. (BORRAS, 2010, p. 42)

3.7 OS MINISTÉRIOS ECLESIAIS [UM SÓ ESPÍRITO, DIFERENTES MINISTÉRIOS]

A Igreja, plasmada pelo Espírito Santo, se constitui pela diversidade dos dons e carismas do mesmo Espírito. E todos os dons são concedidos em vista do bem comum: os diversos dons se constituem em diversos "ministérios". Paulo reafirma que a ação do Espírito suscita a variedade dos dons para a missão, favorecendo a diversidade na comunidade (1Cor 12,4). Em Rm 12,3-13, deste modo, o apóstolo fala da variedade de dons. Na interpretação de alguns exegetas se destaca o ministério diaconal como um ministério particular, isto é, o ministério do serviço em meio aos demais ministérios e carismas (Rm 12,7).

A diversidade carismático-ministerial é querida por Deus, é obra do Espírito [cf. 1Cor 12, 4-11; 12, 28; Rm 12, 6]. Todo ministério é dom [chárisma] de Deus: Deus é quem os ‘estabelece’ na Igreja [cf. 1Cor 12, 28]; é Cristo que ‘outorga’ a cada um uma função diferente [cf. Ef 4, 11]. Esta diversidade se dá no interior da Igreja [1Cor 12,2 8: ‘en té ekklesía’] e visa à edificação [oikodomé] do corpo de Cristo [Ef 4, 12; cf. 1Cor 14, 3-4; 14, 12; 2Cor 12, 19] (ALMEIDA, 1989, p. 21).

Paulo enfatiza que todos os dons precisam ser colocados com vistas ao bem de todos, "cada qual considerando a outrem como mais digno de estima" (Rm 12,10; 1 Cor 12,7), em tudo "servindo o Senhor". O Apóstolo Pedro exorta a comunidade e colocar-se a serviço: "Conforme o dom que cada qual recebeu, consagrai-vos ao serviço uns dos outros" (1 Pd 4,10). Na compreensão das primeiras comunidades, a diaconia, a ministerialidade e o serviço é a própria identidade da Igreja.

Podem-se encontrar as listas dos carismas em diversas cartas paulinas. Os dons são expressos, numa primeira forma, com uma série de substantivos: “profecia”, “diaconia”, “ensinamento”, “exortação”, “sabedoria”, “inteligência”, “fé”, “capacidade de curar”, de “fazer obras de misericórdia”. Depois se apresenta um elenco de substantivos de caráter pessoal: “apóstolos”, “profetas”, “doutores”, “evangelistas”, “pastores”. “Nestas listas, Paulo não põe tudo no mesmo nível: em alguns casos, enumera os dons seguindo certa ordem [cf. 1Cor 12,31; 14,1] e insiste

em que se aspire aos dons melhores [cf. 1Cor 12,31; 14,1]” (ALMEIDA, 1989, p. 16).

Ao falar da diversidade dos dons e ministérios (cf. Ef 4,1-16), Paulo diz que a finalidade de qualquer ministério específico é "aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo" (Cf. Ef 4,12). Compreende-se, pois, que cada ministério ou carisma específico tem como finalidade conduzir a comunidade ao amadurecimento daquilo que a identifica como comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus: a condição de servidores vocacionados à santidade. A Igreja toda é como sacramento, sinal e instrumento, da diaconia de Cristo. A Igreja toda é povo sacerdotal encarregado de proclamar, através de tudo o que faz, o poder transformador de Deus, encarregado da "diaconia do evangelho" (cf. 1Pd 2,9-10).

Dirigindo-se aos bispos da Igreja Católica, a Congregação para a Doutrina da Fé recorda o protagonismo do Espírito Santo na missão da Igreja e reafirma os ensinamentos do Concílio Vaticano II a respeito da diversidade dos dons e carismas na obra da evangelização:

A Igreja rejuvenesce com a força do Evangelho e o Espírito Santo renova-a continuamente, edificando-a e guiando-a “com diversos dons hierárquicos e carismáticos”. O Concílio Vaticano II pôs repetidamente em relevo a obra maravilhosa do Espírito Santo que santifica o Povo de Deus, guia-o, adorna-o de virtudes e enriquece-o de graças especiais em vista da sua edificação. A ação do divino Paráclito na Igreja é multiforme, como amam evidenciar os Padres. Escreve João Crisóstomo: «Quais são as graças que operam a nossa salvação que não nos são concedidas pelo Espírito Santo? Por seu intermédio, somos libertos da escravidão e chamados à liberdade, somos conduzidos à adoção filial e, por assim dizer, formados de novo, após ter deitado o pesado e odioso fardo dos nossos pecados. Pelo Espírito Santo, vemos assembleias de sacerdotes e possuímos multidões de doutores; desta nascente brotam dons de revelação, graças de cura e todos os outros carismas que adornam a Igreja de Deus»². Graças à mesma vida da Igreja, às numerosas intervenções do Magistério e à investigação teológica, felizmente cresceu a consciência da multiforme ação do Espírito Santo na Igreja, despertando assim uma atenção particular aos dons carismáticos, dos quais, em todo o tempo, o povo de Deus se enriqueceu para o desenvolvimento da sua missão²⁰ (MÜLLER; LADARIA, 2016, p.1).

É para o serviço da comunhão e da missão que o Espírito Santo enriqueceu a Igreja com a diversidade de dons e carismas que se complementam na comunhão Trinitária, que constitui a Igreja como Corpo do qual Cristo é a Cabeça.

É o serviço da comunhão e missão de todos que alguns recebem um ministério, na Igreja e pela Igreja – e acrescento, de boa vontade, para a Igreja: “ Para que a Igreja viva realize a sua missão a serviço do Evangelho neste mundo, é necessário que, nela, alguns aceitem servir para dispor para a sua missão – dito de outra maneira: de assegurar, no seu interior os ministérios”. Todos tomam parte na comunhão

²⁰ MÜLLER, Gerhard Ludwig; LADARIA, Luís F. *Carta Iuvenescit Ecclesia aos Bispos da Igreja católica Sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da igreja aos Bispos da Igreja católica*. Roma, 15 de maio 2016. Disponível em: http://www.seminariopropedeutico.org.br/arquivos/Carta_Iuvenescit_Ecclesia-PT.pdf. Acessado em novembro de 2017.

trinitária; todos fazem parte da missão de todo o Corpo eclesial de que Cristo é a Cabeça; todos beneficiam da assistência do Espírito Santo. Este prodigaliza os seus diversos dons a cada um para o bem de todos, em vista da edificação do Corpo inteiro (cf. Rm 12,4-8; 1 Cor 12,4-11; 1 Pd 4,10-11; cf. LG 32) (BORRAS, 2010, p. 86).

O Concílio Vaticano II significou uma “volta às fontes” bíblicas e patrísticas sobre a identidade e missão da Igreja. Deste modo, o Vaticano II resgatou o modelo de Igreja das comunidades cristãs primitivas. No seio delas, a exemplo do que Jesus queria, existia um único gênero de cristãos – os batizados – tal como registra a *Lumen Gentium*: “um é o Povo eleito de Deus: um só Senhor, uma só fé, um só batismo (Ef 4,5); comum na dignidade dos membros pela regeneração em Cristo; comum na graça de filhos; comum na vocação à perfeição” (LG 32b). Trata-se de uma comunidade toda ela profética (LG 35), sacerdotal (LG 34) e régia (LG 36), de onde brotam todos os ministérios para o serviço da comunidade. Inserida na sociedade, inclusive os ministérios ordenados:

ainda que alguns, por vontade de Cristo, sejam constituídos mestres, dispensadores dos mistérios e pastores em benefício dos demais, reina, contudo, entre todos, verdadeira igualdade quanto à dignidade e ação comum a todos os fiéis na edificação do Corpo de Cristo. (LG 32c).

Ao discorrer sobre a ação do Espírito Santo nos dons hierárquicos e carismáticos, a Congregação para a Doutrina da Fé enfatiza:

Destacar o horizonte trinitário e cristológico dos dons divinos também ilumina a relação entre dons hierárquicos e carismáticos. De fato, nos dons hierárquicos, enquanto ligados ao sacramento da Ordem, surge em primeiro plano a relação com o agir salvífico de Cristo, como por exemplo a instituição da Eucaristia (cf. Lc 22, 19s; 1 Cor 11, 25), o poder de perdoar os pecados (cf. Jó 20, 22s), o mandato apostólico com a tarefa de evangelizar e batizar (cf. Mc 16, 15s; Mt 28, 18-20); ao mesmo tempo, é evidente que nenhum sacramento pode ser conferido sem a ação do Espírito Santo⁴⁰. Por outro lado, os dons carismáticos dispensados pelo Espírito Santo, «que sopra onde quer» (cf. Jo 3, 8) e distribui os seus dons «como lhe apraz» (1 Cor 12, 11), são objetivamente relacionados com a vida nova em Cristo, uma vez que «cada um pela sua parte» (1 Cor 12, 27) é membro do seu Corpo. Portanto, a correta compreensão dos dons carismáticos é feita somente em relação à presença de Cristo e ao seu serviço; tal como afirmou João Paulo II, «os verdadeiros carismas não podem senão tender para o encontro com Cristo nos Sacramentos»⁴¹. Portanto, tanto os dons hierárquicos como os carismáticos aparecem unidos relativamente à relação intrínseca entre Jesus Cristo e o Espírito Santo. (MÜLLER; LADARIA, 2016, p.1)

Dirigindo-se ao bispos da República Tcheca, afirma o Papa Francisco:

Não pode faltar, de vossa parte, uma abertura vigilante e corajosa aos novos impulsos do Espírito Santo, que distribui seus dons e leva os fiéis leigos a assumirem responsabilidades e ministérios para a renovação e crescimento da Igreja.

Conforme afirma o Concílio Vaticano II:

O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cfr. Hebr. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27), não pode

enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, «desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis» (22), manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes. Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela ação do Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a direção do sagrado magistério que fielmente acata, já não recebe simples palavra de homens mas a verdadeira palavra de Deus (cfr. 1 Tess. 2,13), adere indefectivelmente à fé uma vez confiada aos santos (cfr. Jud. 3), penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida. Além disso, este mesmo Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas «distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz» (1 Cor. 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: «a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum» (1 Cor. 12,7). Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. (LG 12).

O ministério dos diáconos se insere, portanto, na manifestação do Espírito que enriquece a Igreja na variedade dos dons e carismas. Embora seja um ministério ordenado, não se sobrepõe a nenhum outro ministério, mas pelo contrário, deve ser exercido na comunhão e no fomento da comunhão e unidade da comunidade eclesial, realizando aquilo que lhe é próprio por força ou pela identidade do ministério que fora confiado pela Igreja.

[...] A presença do diácono na comunidade lembra constantemente que todos os batizados devem servir. Ligado diretamente ao bispo, não substitui, pois, o presbítero, mas tem sua função específica: “parceiros dos padres, os diáconos não são nem seus auxiliares, nem seus concorrentes. O cargo que o diácono recebe em sua ordenação é precisamente de relacionar a palavra, a caridade e a liturgia segundo uma lógica específica, a lógica do serviço. O ponto forte do diaconado é ser sinal do Cristo que veio para servir e não para ser servido. [...] (TABORDA, 2011, p.204).

Ao aprofundar a reflexão sobre a perspectiva pneumatológica e carismática do ministério diaconal, Borrás e Pottier reafirmam caráter de impulsionador da diaconia da própria Igreja junto à comunidade dos batizados e para além dela:

Paulo VI falou do diaconado como de uma ordem que se faz intérprete das necessidades e das esperanças das comunidades e promotora da diaconia da Igreja. Nessa perspectiva, não se poderia dizer que a ordem dos diáconos é chamada a ligar os diferentes “serviços” da Igreja, se não os dons multiformes do Espírito no seio do Povo de Deus? No cruzamento da energia dos carismas (a respeitar) e dos ministérios (a ajudar), os diáconos dão assistência ao bispo diocesano, segundo a diversidade inerente ao corpo diaconal, garantindo a convergência, senão a sinergia da corresponsabilidade batismal e da colaboração ministerial. (BORRAS, POTTIER, São Paulo, 2010, p. 145).

No sacramento da ordem, o diácono é chamado, fomentado e direcionado a este servir. Ele, o diácono, é, na Igreja, o ministro ordinário para a promoção deste serviço: a diaconia de Cristo.

O diácono, colaborador do bispo e do presbítero, recebe uma graça sacramental própria. O carisma do diácono, sinal sacramental de ‘Cristo Servo’, tem uma grande

eficácia para a realização missionária com vistas à libertação integral do homem (DP, n. 697).

Goedert, ao traçar o perfil teológico-pastoral do ministério diaconal, afirma que:

O ministério é um dom, uma vocação e um mandato do Senhor, não fechado em si mesmo, mas integrado num contexto de mútua colaboração de todos os membros da Igreja. O ministério ordenado não se reduz a simples reconhecimento, por parte da Igreja, de uma atividade exercida em decorrência do caráter batismal, mas constitui um verdadeiro e novo mandato conferido pela imposição das mãos. (GOEDERT,1995, p. 62).

Nas conclusões da Conferência Latino Americana e Caribenha, em Puebla, os bispos asseguram:

A missão e função do diácono não se devem avaliar como critérios meramente pragmáticos, por estas ou aquelas ações que poderiam ser exercidas por ministros não ordenados ou por qualquer batizado; nem tampouco como solução para a escassez numérica de presbítero que afeta a América Latina. A conveniência do diácono se depreende da sua contribuição eficaz para melhor cumprimento da missão salvífica da Igreja, graças a uma atenção mais adequada à tarefa evangelizadora.(DP, n. 698).

O diaconado permanente deve ser a expressão da Igreja servidora e os diáconos, testemunhas do evangelho vivo, “reconhecidos mais pelo que são do que pelo que fazem” (SD, n. 77). Ainda em Santo Domingo os bispos reafirmam o campo de missão específica para os diáconos:

São, de forma muito privilegiada, sinais do Senhor Jesus que ‘não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida e, resgate de muitos’ (Mt 20,28). Seu serviço será o testemunho evangélico em face de uma história em que a iniquidade se faz cada vez mais presente e se esfria a caridade (cf. Mt 24,12). O diácono permanente, por sua condição de ministro ordenado e inserido nas complexas situações humanas, tem um amplo campo de serviço em nosso Continente. Através da vivência da dupla sacramentalidade, a do Matrimônio e a da Ordem, ele realiza seu serviço, detectando e promovendo líderes, promovendo a corresponsabilidade de todos para uma cultura da reconciliação e da solidariedade... principalmente nas zonas rurais distantes e nas grandes áreas urbanas densamente povoadas, onde só através dele um ministro ordenado se faz presente” (SD 76-77).

Dirigindo-se ao diáconos do mundo, por ocasião da festa de São Lourenço, diácono e mártir, o Cardeal Dom Cláudio Hummes, prefeito para a Congregação do Clero, estimula os diáconos permanentes na sua missão caritativa:

Devemos amar os pobres de maneira preferencial, como o fez Jesus Cristo. Ser solidários com eles. Procurar construir uma sociedade justa, fraterna e pacífica. A recente carta encíclica de Bento XVI, “Caritas in Veritate” (A caridade na verdade), seja nosso guia atualizado. Nesta encíclica o Santo Padre afirma como princípio fundamental: “A caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja” (n. 2). Os Diáconos, com efeito, identificam-se especialmente com a caridade. Os pobres constituem um de seus ambientes cotidianos e objeto de sua incansável solicitude. Não se compreenderia um Diácono que não se envolvesse pessoalmente na caridade e na solidariedade para com os pobres, que hoje de novo se multiplicam (HUMMES, 2007).

Ao mencionar a função ministerial do diácono no exercício da diaconia da Palavra, recordam os Bispos do Brasil, nas Diretrizes para o Diaconato Permanente:

A missão evangelizadora do diácono não se restringe à homilia ou ao anúncio da Palavra no contexto litúrgico. Como anunciador da Palavra, ele dá, antes de tudo, o testemunho de um ouvinte assíduo e convicto do Evangelho. Transmite à comunidade a Palavra libertadora, da qual ele próprio já experimentou o poder de transformação. Identifica-se com a Palavra anunciada; é, em sentido pleno, servidor da Palavra. Anuncia a Palavra de Deus com a autoridade que nasce, especialmente, da convivência com o Evangelho (CNBB, 2003, p. 11).

O ministério diaconal torna-se instrumento indispensável para dinamizar, em todo o Povo de Deus, uma permanente abertura e conversão pastoral, que passa da concepção estreita da função cultural do ministério para a concepção muito mais missionária e criativa no mundo. A partir dessa concepção, o diácono permanente não se define mais pelo serviço sacramental, mas pela corresponsabilidade e presença na ação evangelizadora de toda a Igreja.

4 O DIACONADO EM SAÍDA MISSIONÁRIA

Cheios do Espírito Santo e enviados em missão (cf. At 6,3; Mt 28,), os diáconos são convidados a assumir o seu ministério em variados serviços na comunidade eclesial. Mais que nunca, faz-se necessário superar uma mentalidade de suplência dos presbíteros ou de mera substituição dos ministérios confiados aos leigos e leigas. Em resposta ao apelo do Papa Francisco por uma Igreja em saída – fazendo eco do mandato missionário do Senhor – os diáconos se veem interpelados a serem apóstolos nas famílias e na sociedade, como sinal diaconal-sacramental de uma Igreja acolhedora, próxima e samaritana, em estado de missão.

4.1 IGREJA EM MISSÃO

Reunidos na V Conferência Geral do Episcopado da América-Latina e Caribe, em Aparecida, os bispos analisaram a realidade vivida pelos povos dessas regiões e reafirmaram o compromisso de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do evangelho (cf. DAp, n. 11). Constataram que vive-se uma “mudança de época” e que o fenômeno da globalização constitui um desafio para a missão evangelizadora da Igreja e de cada cristão. Assim se expressam:

A novidade destas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm um alcance global que, com diferenças e matizes, afetam o mundo inteiro. Habitualmente elas são caracterizadas como o fenômeno da globalização. Um fator determinante destas mudanças é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de

manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas. Como se costuma dizer, a história se acelerou e as próprias mudanças se tornam vertiginosas, visto que se comunica com grande velocidade a todos os cantos do planeta (DAp, n. 34).

Diante dos desafios provenientes desta “mudança de época” nos diversos âmbitos da sociedade, os bispos discerniram também, os apelos e os caminhos para uma evangelização mais incisiva, capaz de alcançar as diversas fronteiras e os novos territórios culturais, promover a solidariedade, a justiça e a garantia dos direitos humanos.

Vivemos uma mudança de época cujo nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus; “aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes do último século... Que excluem Deus de seu horizonte, falsificam o conceito da realidade e só podem terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas²⁴. Surge hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual. Independentemente de sua forma, a liberdade e a dignidade da pessoa são reconhecidas. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando um papel primordial à imaginação. Os fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos estão na base da profunda vivência do tempo, ao que se concebe fixado no próprio presente, trazendo concepções de inconsistência e instabilidade. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e, muitas vezes, arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte (DAp, n. 44).

O episcopado latino-americano e caribenho, reunido em Aparecida, evidenciou a nova evangelização no Continente latino-americano, com a proposta de uma renovada missão, indicando o caminho do discipulado missionário para todos os membros do povo de Deus (cf. DAp 14). Com tal foco, as propostas da *Conferência em Aparecida* assumem a formação permanente dos discípulos-missionários na Igreja, com o compromisso de ir às novas fronteiras de missão, não somente territoriais, mas também culturais, comunicacionais e geracionais, onde novos areópagos se apresentam para o anúncio do Evangelho (cf. DAp 491). Esta dinâmica missionária e ministerial tem, em sua raiz, o dom pascal do Espírito – “guia e força” da missão (DAp 150) – como atesta o evangelho de João: “[Jesus] soprou sobre eles e disse: recebam o Espírito Santo! Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20??). Donde a observação de Congar:

Os enviados pregam o querigma “sob ação do Espírito” (1 Pd 1,12), e a palavra deles é poderosa “pela ação do Espírito Santo (1 Tm 1,5; At 4,31.33; Hb 2,3-4). Antes, porém, foram conformados por ele na verdade: Jo 16, 8-13; 1 Jo 5,6. A Igreja nasce e cresce pela pregação e graças ao apoio do Espírito Santo (cf. At 6,7; 4,33;9,31). O ministério apostólico é um “ministério do Espírito” (2 Cor 3, 4-18). (CONGAR, 2010, p. 65).

Vasto é o campo da missão para os discípulos-missionários; grandes são os desafios. Por outro lado, do campo missionário, com seus territórios, sujeitos e contextos, vêm também

os meios, as possibilidades e os interlocutores. Ademais, os discípulos missionários não atuam em nome próprio: são, sim, chamados e enviados em missão pelo Ressuscitado, na força do Espírito Santo, em Igreja. O ministério diaconal situa-se entre os demais como um ministério potencialmente missionário por sua própria natureza. Insere-se sacramentalmente no mover missionário da Igreja, animado pelo Espírito Santo:

O mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade até que o Corpo de Cristo alcance a estatura de sua Caneca (cf. Ef 4,15-16). Deste modo, pela eficaz presença de seu Espírito, até a parusia Deus assegura sua proposta de vida para homens e mulheres de todos os tempos e lugares, impulsionando a transformação da história e seus dinamismos. Portanto, o Senhor continua derramando hoje sua Vida pelo trabalho da Igreja que, com “a força do Espírito Santo enviado desde o céu” (1Pe 1,12), continua a missão que Jesus Cristo recebeu de seu pai (cf. Jo 20,21) (DAp 150).

Ao considerar os novos cenários da missão, *Aparecida* aponta para o grande desafio de formar atores sociais e culturais situados nos centros de conhecimento e decisão: empresários, políticos, formadores de opinião, dirigentes sindicais (Dap 492). Neste contexto, o diácono permanente pode colaborar bastante no processo de conversão pastoral, ao assumir o seu ministério numa Igreja em saída missionária e avançar para os espaços onde a Igreja tem se tornando ausante ou pouco atuante, como destacado acima: o mundo do trabalho e da cultura, através de escolas e universidades, da comunicação e, especialmente, os espaços geográficos das novas fronteiras da missão (Dap 205). Instaura-se, assim, um perfil de Igreja “em estado permanente de missão” (DAp 551). Nestes espaços, naturalmente, o diácono torna-se sinal sacramental da Igreja e pelo seu testemunho pode favorecer uma eficaz evangelização.

A sacramentalidade do diácono deve ser compreendida não de forma funcional, mas em chave simbólica, do grego, *sym-ballien*, que significa aquilo que reúne, congrega, põe junto. Queremos indicar neste caso, uma práxis sacramental e eclesial que pressuponha, identifique e reconheça, sim, as diferenças ministeriais, mas em vez de ressaltar a contraposição entre elas, empenhe-se por valorizar, integrar e complementar harmonicamente as particularidades de cada ofício ou serviço em benefício do todo. Todos os ministérios, carismas ou vocações refletem algum traço do ministério de Cristo e tornam-no presentes para colaborar com a salvação realizada por ele por meio da Igreja. (BENDINELLI, 2011, p. 129).

O Documento de *Aparecida* apresenta a compreensão da missão como atitude de toda a Igreja, dos ministros ordenados, leigos e leigas, religiosos e religiosas. Missão que não se reduz a programas muitas vezes proselitistas e sem compromisso de conversão pessoal e pastoral. O estado permanente de missão proposto por *Aparecida* não é uma campanha, mas uma atitude permanente. Agenor Brighenti recorda a compreensão deste estado de missão proposto pela V Conferência:

Outra novidade de *Aparecida* é que a “missão” não é tarefa apenas de alguns, do clero, de alguma congregação religiosa, nem tampouco algo esporádico, uma

campanha ou uma atividade ocasional. A igreja inteira é missionária, tanto em cada um de seus integrantes como em suas ações e estruturas. Por natureza, a Igreja está em estado permanente de missão (DAp, n. 551). Nessa perspectiva, o Documento não fala em discípulos ‘e’ missionários, mas em ‘discípulos missionários’, pois o discipulado é seguimento de Jesus, como continuação de sua obra. A missão ‘não é uma tarefa opcional, mas integrante da identidade cristã’ (DAp 144). ‘A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão’ (DAp, n.163), afirma o texto. Portanto, missão não é campanha, mas um estado de ser cristão (BRIGHENTI, 2008, p. 83).

O Papa Bento XVI, em seu discurso inaugural, na V Conferência em Aparecida, faz referência aos cristãos como discípulos missionários, e recorda o imperativo da missão, que é sair de si mesmo e ir ao encontro dos outros, como pessoas e como Igreja.

A Igreja tem a grande tarefa de custodiar e alimentar a fé do Povo de Deus, e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo, estão chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo. Isso leva a segui-lo, viver em intimidade com ele, imitar seu exemplo e dar testemunho. Todo batizado recebe de Cristo, como os apóstolos, o mandato da missão: “Ide por todo o mundo e proclamai a Boa Nova a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo” (Mc 16,15) (DI n.3).

O Papa Bento XVI afirma, ainda, que “ser discípulos missionários de Jesus Cristo e buscar a vida *nele* supõe estar profundamente enraizado nele” (DI 4). Os bispos, na mensagem final da V Conferência, reforçam que o chamado a ser discípulo-missionário requer “uma decisão clara por Jesus e o seu Evangelho, coerência entre a fé e a vida, encarnação dos valores do Reino, inserção na comunidade”; dizem ainda que “ser sinal de contradição e novidade em um mundo que promove o consumismo e desfigura os valores que dignificam o ser humano” também compõe essa decisão consciente por Jesus (DAp, n. 13).

O ministério diaconal, através do anúncio da Palavra, da caridade exercida (preferencialmente a quem vive à margem da sociedade) e mediante a liturgia (em especial pelos sacramentos do Batismo e Matrimônio), tornam possível a evangelização com relevantes frutos. Como proposto por Aparecida a todos os batizados, também os diáconos são chamados a assumir a sua corresponsabilidade na missão evangelizadora, deixando-se conduzir pela ação do Espírito Santo, o protagonista da missão (DAp, n. 171).

Os apóstolos estão conscientes de que o Espírito Santo os assiste (cf. At 5,32) e os guia pelos caminhos da missão. Pentecostes é um acontecimento permanente. O Espírito veio para permanecer sempre na Igreja. Leva os cristãos a se constituírem em comunidades missionárias, como as primeiras comunidades que eram, dinamicamente, missionárias e gozavam estima de todo o povo, crescendo o número dos seguidores de Jesus. A missão antes de ser ação, é testemunho e irradiação (PANAZZOLO, 2006, p. 48).

Este tríplice serviço – da Palavra, da caridade e do culto – insere o diácono no coração da Igreja, isto é, no centro de relações significativas de fraternidade e missão, em cada comunidade em que atua. Por isso, com maior ou menor ênfase, segundo as realidades locais da Igreja, confia-se aos diáconos a formação de novas comunidades eclesiais, muitas

vezes em seus primeiros estágios de agregação e organização. Isto ganha relevância, sobretudo quando ocorre naquelas fronteiras culturais e mesmo geográficas não alcançadas pela pastoral diocesana ordinária: ali a Igreja se faz serviço de anúncio, diálogo e encontro na pessoa dos diáconos. Cabe a estes, uma presença discipular-missionária estratégica. A eles, a V Conferência endereça essas palavras:

Alguns discípulos e missionários do Senhor são chamados a servir à Igreja como diáconos permanentes, fortalecidos, em sua maioria, pela dupla sacramentalidade do Matrimônio e da Ordem. Eles são ordenados para o serviço da Palavra, da caridade e da liturgia, especialmente para os sacramentos do batismo e do Matrimônio; também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja (DAp, n. 205).

Esta referência à “dupla sacramentalidade” expressa o valor do Matrimônio e da Ordem na vida diaconal, em que se inclui o papel de esposos e de pais. Os diáconos permanentes devem olhar para suas famílias, em especial suas esposas, e serem para todos, testemunhas vivas de Jesus Cristo. Seu ministério irradia-se também no âmbito da sua família e das demais famílias, como impulso missionário para que a Igreja se configure como família diaconal: comunidade de relações vinculantes, fundadas no amor e comprometidas com a missão eclesial – como dizem os bispos:

A V Conferência espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras de missão (DAp, n. 208).

Cabe, aos diáconos permanentes, influenciar a vida social com sua vida, testemunho, e pregação. “Não podemos nem devemos ficar à margem na luta pela justiça” (EG 183) (DD 177e). Os diáconos, inseridos na vida da comunidade, e especialmente acompanhando as diversas realidades de sofrimento, também são chamados a despertar na comunidade inteira a atenção, cuidados e libertação dos pobres (EG 187); como ministros da caridade, chamados a ouvir permanentemente o clamor dos pobres (EG 191); pela presença e testemunho, despertam na comunidade o senso de solidariedade e serviço aos pobres (EG 216). Veja o diz o *Evangelii Gaudium*:

As reivindicações sociais, que tem a ver com a distribuição de renda, a inclusão social dos pobres e os direitos humanos não podem ser sufocados com o pretexto de construir um consenso de escritório ou uma paz efêmera para uma minoria feliz. A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária uma voz profética (EG 218).

Com a sabedoria do Espírito (1 Cor 12,8), os diáconos são chamados a serem homens do diálogo social. Homens abertos ao diferente:

[...] Existem sobretudo três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente: [...] o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica (EG 238).

Cheios do Espírito (At 6,3), os diáconos devem ajudar as comunidades a se tornarem mais missionárias, abertas a diversidade de carismas e serviços, para que assim cumpram a sua missão e favoreçam o anúncio do Evangelho a todas as pessoas. O ministério diaconal aponta para uma Igreja próxima, acolhedora e profundamente ministerial.

Já os diáconos permanentes devem se dedicar a "grupos humanos específicos e pastorais ambientais", bem como devem ser "apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras da missão" (DAp, n. 208).

A saída do discípulo missionário é do “êxodo e do dom de sair de si mesmo, de caminhar e semear sempre de novo, sempre mais além” (EG 21), de levar a Boa Nova a exemplo do Cristo, “pois foi para isto que eu ‘saí’ (Mc 1,38). Ele, depois de lançar a semente num lugar, não se demora lá a explicar o melhor lugar ou a cumprir novos sinais, mas o Espírito leva-o a partir.

A presença do Espírito Santo é fundamental e decisiva na missão. Como na Igreja primitiva, o Espírito Santo continua suscitando testemunhas e profetas, inculcando coragem e impulsionando. Remove obstáculos, forma comunidades e abre os povos à fé cristã. É o Espírito que impele a ir sempre mais além, não só em sentido geográfico, mas também ultrapassando barreiras étnicas e religiosas, até chegar a uma missão verdadeiramente universal (PANAZZOLO, 2006, p. 78).

Para cumprir com êxito a tarefa de criar, dirigir e organizar novas comunidades, os diáconos precisam, antes de tudo, de carisma, adequada formação e abertura missionária. Mas, não poderão realizar bem sua missão sem abertura por parte dos bispos e presbíteros, que precisam conceder maior autonomia e estabilidade nas funções a eles confiadas (DAp, n. 206). Não se trata de um ministério de suplência, mas um ministério com identidade e missão próprias. Mais que um eventual substituto do padre, o diácono tem uma vocação e missão que lhes são próprias.

No grande horizonte da necessária e urgente diversificação dos ministérios, as diversas formas do exercício do diaconado sinalizam para a possível e ensejada descentralização geográfica e evangelizadora consagrada pelo Documento de Aparecida (DAp, p. 208). Referindo-se ao crescimento do ministério diaconal na Amazônia, o Cardeal dom Cláudio Hummes afirma:

O Papa insiste muito atualmente que as dioceses e prelazias da Amazônia invistam muito mais em diáconos permanentes casados para começar esta presença maior. É isto que ele está insistindo no momento. Depois, ele diz: ‘futuramente se verá como isso vai. Ele tem muita preocupação com isto: ter gente que mora ali dentro. Além disso, o diácono que assume uma ou um grupo de aldeias deve ter uma autonomia maior de trabalho do que tem hoje normalmente. Tudo isso significa que deve ser

elaborado um esquema pastoral para que este diácono possa ter mais autonomia e sentir-se realmente responsável por esta comunidade; e não apenas alguém que ajude o padre, que é pároco de uma grande área”²¹ (HUMES, 2016).

Na Igreja do Brasil, a CNBB propõe como alternativa para a missão do diácono permanente, três possibilidades de diaconia, inspiradas na prática da Igreja primitiva (séculos IV ao VIII) e adaptadas aos novos tempos. A primeira, seria a diaconia territorial, que surge com a missão de organizar o conjunto da prática pastoral e social da Igreja em determinada região. Este modelo de diaconia, além de possuir uma sede e eleger um padroeiro, como outras comunidades eclesiais, difere-se por se constituir com autonomia jurídica (DD 106). A segunda, é a diaconia setorial, criada em algumas dioceses e que leva em consideração as diversas áreas de organização social (saúde, cultura, educação etc.), tendo a sua frente um diácono profissionalmente qualificado para a sua coordenação e adequada evangelização (DD 107). E por último, surgem as diaconias ambientais, que tem características especiais (condomínios, empresas, fábricas, universidades etc.), onde o diácono que frequenta um destes ambientes, exerce ali o ministério, formando comunidades ou acompanhando famílias ou pessoas individualmente (DD 108). Embora estas propostas estejam indicadas nas Diretrizes para o Diaconato Permanente da Igreja do Brasil, prevalece o modelo tradicional do diácono ligado a uma determinada paróquia, sem a devida autonomia para o exercício do ministério. Visto que o modelo de pastoral centralizado na figura do padre ainda prevalece na maioria das paróquias e comunidades, é urgente a descentralização e o investimento em novos ministérios (DAp, n. 518; EG 49).

Terreno fértil para o exercício do ministério diaconal é a Iniciação a vida cristã (At 8,26-40). Através do ministério diaconal, é possível acolher e inserir homens e mulheres afastados na comunidade eclesial por meio do processo de iniciação a vida cristã, como catequistas e mistagogos, que favoreçam aos catecúmenos o encontro pessoal com Jesus Cristo (CNBB, Doc.107, n. 229, p. 94).

Em todo o processo de iniciação à vida cristã, diácono permanente, mensageiro do Evangelho de Cristo – é peça-chave. Ele é o agente que poderá dirigir de modo novo as ações catequéticas, acompanhando, nutrindo a formação dos fiéis em direção a maturidade cristã, a fim de torná-los capazes de responder com atos e palavras os motivos da sua esperança (1 Pd 3,15). Para isso, ajudará também a comunidade amadurecer na fraternidade e no compromisso catequético, formativo e social. Ele pode evangelizar os que estão afastados da comunidade, ensinar nas escolas, orientar a formação dos leigos nas diversas áreas e incentivar seu protagonismo na Igreja (BENDINELLI, 2011, p. 148).

²¹ Cardeal Cláudio Humes, Presidente da Comissão para Amazônia – CNBB/ Presidente da Rede Eclesial Pan-amazônica, em entrevista concedida à Rádio Vaticano, no dia 21/09/16. Disponível em: http://br.radiovaticana.va/news/2016/09/21/card_hummes_mais_autonomia_di%C3%A1conos_permanentes_casados/1258681. Acessado em novembro de 2017.

Inserido na vida social e profissional, o diácono permanente pode colaborar significativamente, no campo do diálogo ecumênico e inter-religioso, como agente qualificado para favorecer o encontro respeitoso e a escuta dos que, por várias razões, encontram-se distantes da Igreja Católica (EG 238). Ocasão propícia de encontro, diálogo e oração são as celebrações de formatura de estudantes do ensino médio ou superior e manifestações em defesa da vida, da justiça e da paz.

A oração comum e a partilha do pão da Palavra de Deus são campos privilegiados da ação do diácono permanente, sobretudo entre aqueles que estão unidos pela comunhão na mesma fé professada no Credo e na graça batismal. Nessa área, o constante desafio será evitar toda indiferença, derrotismo ou irenismo, uma vez que o ecumenismo pressupõe interesse, diálogo e reconhecimento das legítimas diferenças da lada a lado (BENDINELLI, 2011, p. 155).

Neste campo do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, não é suficiente apenas uma atitude de boa vontade, ou esforço intelectual. Antes de mais nada, é fundamental nutrir uma verdadeira espiritualidade ecumênica, capaz de permitir que o próprio Espírito gere proximidade e comunhão. O diácono permanente é também convidado a conversão do fechamento, do fundamentalismo e da intolerância religiosa por meio de uma espiritualidade verdadeiramente ecumênica (1 Jo 1,3) (cf. DD 177d).

Em última análise, o caminho ecumênico supõe um caminho espiritual. Somente o Espírito Santo, que deu o impulso originário ao movimento ecumênico, pode conduzi-lo a seu pleno cumprimento. Nós não podemos organizar ou inventar a unidade: esta será um dom do Espírito. O coração do ecumenismo é, portanto, o ecumenismo espiritual: a oração perseverante para que todos sejam um, a conversão do coração e a santificação da própria vida. Viver o Evangelho segundo as bem aventuranças é uma das melhores formas de ecumenismo: está no cerne do compromisso ecumênico vivido pela Igreja ao longo do ano litúrgico e, particularmente, durante a Semana de Oração pela a unidade dos Cristãos. (KASPER, 2014, p. 196)

Outro território vislumbrado para que o diácono contribua na evangelização, são as novas mídias e suas linguagens. Diante da cultura midiática formada a partir da revolução tecnológica e dos processos de globalização, os bispos ponderam: “Essas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade” (DAp, n. 484). Além disso: “A fim de formar discípulos e missionários nesse campo, nós, bispos reunidos na V Conferência, comprometemo-nos a acompanhar os comunicadores” (DAp, n. 486). Abre-se, assim, um largo campo de missão:

- a) Conhecer e valorizar esta nova cultura da comunicação.
- b) Promover a formação profissional na cultura da comunicação de todos os agentes e cristãos.
- c) Formar comunicadores profissionais competentes e comprometidos com os valores humanos e cristãos na transformação evangélica da sociedade, com particular atenção aos proprietários, diretores, programadores, jornalistas e locutores.

- d) Apoiar e otimizar, por parte da Igreja, a criação de meios de comunicação social próprios, tanto nos setores televisivos e de rádio, como nos sites de Internet e nos meios impressos;
- e) Estar presente nos meios de comunicação de massa: imprensa, rádio e TV, cinema digital, sites de Internet, fóruns e tantos outros sistemas para introduzir neles o mistério de Cristo.
- f) Educar na formação crítica quanto ao uso dos meios de comunicação a partir da primeira idade.
- g) Animar as iniciativas existentes ou a serem criadas neste campo, com espírito de comunhão.
- h) Suscitar leis para promover nova cultura que proteja as crianças, os jovens e as pessoas mais vulneráveis, para que a comunicação não transgrida os valores e, ao contrário, criem critérios válidos de discernimento.
- i) Desenvolver uma política de comunicação capaz de ajudar tanto as pastorais de comunicação como os meios de comunicação de inspiração católica a encontrar seu lugar na missão evangelizadora da Igreja (DAp, n. 486).

Traduzindo em termos ministeriais, trata-se do específico campo do serviço à Palavra, compreendida, é claro, nas formas e expressões adequadas às novas tecnologias e linguagens comunicacionais. Diante do quanto Aparecida prospecta sobre a evangelização na cultura midiaticizada, temos o apelo para que o diácono se insira neste campo, com uma diaconia apropriada à área da comunicação e seus meios, exercendo o serviço da Palavra nesses espaços. Afinal, este serviço tem sido um dos investimentos da Pastoral Diocesana em muitas partes do Continente e do Brasil, abrangendo a PASCOM e demais grupos afins, congregando os leigos engajados no objetivo de promover uma comunicação eficaz em termos de evangelização. Meios como Internet não ficaram de fora das reflexões dos bispos, que citaram João Paulo II em sua mensagem para a *36ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais: internet, um novo fórum para a proclamação do Evangelho*:

Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura da utilização do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica. Este desafio está no centro do que significa, no início do milênio, seguir o mandato do Senhor para “avançar”: *Duc in altum!* (Lc 5,4) (DAp, n. 487).

Os já mencionados novos areópagos e centros de decisão, caracterizam não só as formas civis e associativas de organização, mas também as universidades, os movimentos sociais e especialmente os territórios midiáticos, com seus sujeitos. Por sua presença cristã e conduta ética, os discípulos-missionários “continuam semeando os valores evangélicos nos ambientes onde tradicionalmente se faz cultura e nos novos areópagos” (DAp, n. 491).

4.2 IDENTIDADE MISSIONÁRIA DO DIÁCONO

Por meio da pregação, dos gestos, da paixão, morte e ressurreição de Jesus, os primeiros discípulos recebem o mandato missionário do Ressuscitado com a força de

Pentecostes. Pois serão eles as testemunhas e os missionários da Boa Nova do Reino de Deus, como nos recorda Francisco: “a evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: ‘Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo – Ensinai-os a observar tudo o que vos tenho ordenado (Mt 28,19-20)’” (EG 19).

A identidade missionária do diácono se assemelha a do Cristo Servo, que Cheio do Espírito, assume a missão que lhe fora confiada pelo Pai (Lc 4,1). Assim como Jesus vive o seu ministério e missão fortalecido pelo Espírito, o diácono é chamado a viver o seu ministério na participação especial da diaconia de Cristo, pela força do Espírito, através do sacramento da Ordem (DD 35). A comunidade cristã vê Jesus como um ungido pelo Espírito, o Cristo em quem as promessas são cumpridas (Mc 1,10-11) (EDWARDS, 2007, p. 135).

A configuração do diácono permanente relacionada ao Cristo-Servo, faz a originalidade e o dinamismo de seu ser e de sua missão. A partir dessa perspectiva, compreende-se melhor a diversidade de tarefas confiadas ao diácono e por ele assumidas nos dias de hoje. Através dos séculos, não existiu na Igreja diaconato imutável como grau inferior ao do sacerdócio hierárquico. Ao contrário, o exercício desse ministério apresentou formas históricas muito diversas, adaptadas às circunstâncias e necessidades concretas da Igreja.

Sem a força do Espírito, ou fechado aos sinais que Ele aponta, o ministério diaconal corre sério risco de tornar-se meramente funcional, perder o vigor da sua novidade na vida da comunidade e tornar-se suplência do presbítero, sem apresentar o rosto do Cristo Servo que Cheio do Espírito se colocou em missão (Lc 4,18).

Jesus é conduzido pelo Espírito em todos os aspectos da sua vida e ministério. Isso significa que ele precisa invocar o Espírito em circunstâncias específicas e que ele é conduzido pelo Espírito em novas maneiras quando confronta situações específicas. [...] Ele culmina com o derramamento do Espírito no Pentecostes. Como ressuscitado ele diz aos discípulos: “Recebei o Espírito Santo” (Lc 20,22) (EDWARDS, 2007, p. 137-139).

A Igreja “em saída” é aquela que entende a importância de ir aos “novos areópagos e desvendar o contexto no qual estamos situados, com todas as variantes e interrogações que o tempo hodierno nos traz” (KUSMA, 2014, p. 200-201). Esta é a nova evangelização no mundo atual, porque “é a saída que caracteriza a Igreja em sua essência, que a faz missionária” (*Idem*, p. 201).

[...] espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’. Constituamo-nos em ‘estado permanente de missão’, em todas as regiões da terra” (EG 25).

Os diáconos permanentes encontram fomento para o seu serviço diaconal numa Igreja em saída missionária. Esta Igreja em estado permanente de missão espera do diaconato permanente, na América Latina, uma nova atitude de desinstalação e de superação do clericalismo (EG 108). É preciso tornar-se verdadeiramente agente da evangelização nos mais variados meios sociais e culturais, bem como nos lugares mais longínquos onde a própria Igreja hoje não está alcançando. Para contribuir no novo impulso missionário, é fundamental que os diáconos tenham plena consciência da sua identidade, vocação e missão na ação evangelizadora da Igreja. Faz-se urgente a conversão pessoal e pastoral em vista do acolhimento da diversidade dos ministérios e carismas na vida da comunidade. É fundamental que o diácono permanente assuma o seu ministério a serviço de toda a comunidade e não somente a serviço de um segmento ou movimento eclesial (EG 98). Como observa Suess:

O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas. São dons para renovar e edificar a Igreja. (EG 130). As diferenças podem ser incômodas, mas “a diversidade deve ser conciliada com a ajuda do Espírito Santo, só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade [...]”. Por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isto não ajuda a missão da Igreja (EG 131) (SUESS, 2015 p. 99).

Por meio do ministério, o diácono permanente colabora com o presbítero na missão de evangelizar a comunidade paroquial, sem com isso, perder a vocação específica. O ministério efetiva-se junto às comunidades de periferia, tanto urbanas como rurais, nas quais a presença do ministério ordenado é frágil (SD 77). Como colaborador, não fará tudo nem substituirá ninguém (PB 715). Em comunhão com o presbítero e em sintonia com o bispo, anima a comunidade, dinamiza a ação missionária e evangelizadora, valoriza e promove os carismas de cada um para o crescimento e a construção da comunidade eclesial.

Para que o diácono permanente exerça o seu ministério com a devida autonomia e corresponsabilidade, torna-se urgente a renovação da mentalidade dos presbíteros para a compreensão da identidade e missão que são próprias do diácono. Torna-se preciso superar a mentalidade de que o diácono seja um mero assistente, muitas vezes reduzido a funções litúrgicas, pois a missão requer diferentes diaconias:

Sobre a renovação da mentalidade dos presbíteros é ainda necessário avançar no entendimento de que o diácono permanente não exerce o seu ministério na dependência dele, mas que é a outra mão do Bispo para “descentralizar” o ministério do Bispo. Só assim poderão surgir outros tipos de comunidades, modelos alternativos ao modelo paroquial, sejam denominadas diaconias ou com outros nomes. A pastoral urbana, por exemplo, recomenda que se aposte mais intensamente na experiência de comunidades ambientais (DURÁN, 2008, p. 44).

Requer-se do diácono permanente e do presbítero, clareza ministerial e de missão. Isso evita conflitos inúteis. Recebem eles o sacramento da Ordem, para servir ao povo de Deus em comunhão com o bispo (LG 29). A missão realizada nessa ótica, além de eficaz, revela-se profundamente evangelizadora. Ao contrário, em conflito aberto, torna-se contrassenso e antievangélica. Tal atitude, infelizmente presente nas comunidades, desvirtua-se de toda orientação eclesial, em especial se gerada pela busca de poder, *status* ou questões financeiras.

Reafirma-se aqui, o que destacou Aparecida: os diáconos permanentes são ministros ordenados, colaboradores do bispo, “fortalecidos pela dupla sacramentalidade, do Matrimônio e da Ordem” (DAp, n. 205). Além disso, deve-se recordar também, que “a promoção da caridade e do serviço constitui um campo privilegiado de evangelização” (DD 55). No campo missionário, o diácono, além do seu serviço habitual na vida paroquial e diocesana, teria uma diversidade de desafios, quais sejam: o acompanhamento na criação e na formação de novas comunidades eclesiais; o fortalecimento de uma comunhão entre os diáconos e os presbíteros; o ministério ao lado dos necessitados e excluídos da sociedade; além do apostolado familiar e da colaboração na renovação das Pastorais Sociais.

4.3 APÓSTOLOS EM SAÍDA MISSIONÁRIA

Na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (A alegria do Evangelho), o Papa Francisco insiste na índole missionária da Igreja – como já dito pelo Vaticano II – e convoca os cristãos para uma verdadeira conversão, saindo de uma pastoral de mera conservação, para uma Igreja decididamente missionária (EG 15). O Pontífice descreve a Igreja como ele a quer: “Uma Igreja ‘em saída’, que não olha para si mesma”. A intimidade da Igreja com Jesus é itinerante, e a comunhão se configura essencialmente como comunhão missionária (EG 20-23).

O diácono permanente, “cheio do Espírito” (At 6,3), é inserido na vida das comunidades eclesiais, chamado e enviado a ser criativo e ousado na missão, superando o forte clericalismo que amedronta, tira a alegria da missão e rouba o entusiasmo. O ministério diaconal é, portanto, o ministério da criatividade, da missionariedade e do serviço. Além disso:

A dimensão missionária, que pertence à própria natureza da Igreja, é intrínseca também a cada forma de vida consagrada, e não pode ser transcurada sem deixar um vazio que desfigura o carisma. A missão não é proselitismo, nem mera estratégia; a missão faz parte da «gramática» da fé, é algo de imprescindível para quem se coloca à escuta da voz do Espírito, que sussurra «vem» e «vai». Quem segue Cristo não

pode deixar de tornar-se missionário, e sabe que Jesus «caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária» (FRANCISCO, 2015).²²

A Igreja “em saída” é a comunidade dos discípulos missionários que tomam a iniciativa, que se deixam envolver e são capazes de ousar: “Ousemos um pouco mais ao tomar a iniciativa” (EG 24). Tudo isso, marcado pelo convite de “não sermos cristãos com cara de funeral” (EG 10). Ao falar da missão da Igreja, o Papa afirma com bastante ênfase: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, do que uma Igreja enferma pela oclusão e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). Borrás nos diz:

Já que o diaconado é “sacramento do ministério apostólico” (CIC 1536), faz parte integrante do ministério da sucessão apostólica: os diáconos participam à sua maneira (*suo modo*) na missão que os Apóstolos e os seus sucessores receberam de Cristo pelo seu Espírito, através da mediação eclesial. Pela sua ordenação, os diáconos participam, de fato, no ministério da atestação da fé apostólica. Colaboram no ministério apostólico assumindo tarefas ou uma missão, isto é, exercendo um ministério pelo qual a ordenação os habilitou formalmente (BORRAS, 2010, p. 232).

A missão da Igreja nasce da mesma missão de Jesus, que é enviado pelo Pai ao mundo para comunicar o amor de Deus por nós e instaurar o Reino pela pregação da Boa Nova. Ele é o modelo a ser seguido. Como nos afirma Francisco:

Jesus é o primeiro e o maior evangelizador. [...] Em toda a vida da Igreja, deve sempre manifestar-se que a iniciativa pertence a Deus, ‘porque Ele nos amou primeiro’ (1Jo 4,19) e é ‘só Deus que faz crescer’ (1Cor 3,7) (EG 12).

Jesus assume em sua vida a missão que o Pai lhe confia, a começar pela sua encarnação, e toda a sua vida pública será marcada por ela. Disse João Paulo II:

Queridos Diáconos, sede apóstolos ativos da nova evangelização. Levai todos a Cristo! Dilate-se, graças também ao vosso empenho, o seu Reino na vossa família, no vosso ambiente de trabalho, na paróquia, na Diocese, no mundo inteiro! Em tudo fiéis a Cristo, caríssimos Diáconos, sereis também fiéis aos vossos ministérios que a Igreja vos confia. Como é precioso o vosso serviço à Palavra e à catequese! Depois, o que dizer da diaconia da Eucaristia, que vos põe em contato direto com o altar do Sacrifício no serviço litúrgico? Além disso, justamente estais empenhados em viver de modo inseparável o serviço litúrgico com o da caridade nas suas expressões concretas. Isto torna evidente que o sinal do amor evangélico não é redutível a categorias puramente de solidariedade, mas se põe como coerente consequência do mistério eucarístico (JOÃO PAULO II, 2000).²³

²² Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial das Missões – Vaticano, 24 de maio de 2015– solenidade de Pentecostes.

²³ Discurso na celebração do Jubileu dos Diáconos Permanente, 19 de fevereiro de 2000).

Dirigindo-se aos diáconos permanentes do mundo, por ocasião celebração da Festa de São Lourenço, patrono dos diáconos, o Cardeal Claudio Hummes, então Prefeito da Congregação do Clero, dirige uma mensagem aos diáconos, no dia 10 de agosto de 2007 recordando a identidade dos diáconos como servidores da Palavra, chamados a evangelizar como discípulos missionários.

Portanto, vocês foram ordenados para o Serviço da Palavra de Deus. Isso significa que tudo o que se refere à pregação do Evangelho, à catequese, à difusão da Bíblia e sua explicação ao povo, lhes foi conferido ordinariamente, mas obviamente sempre sob a autoridade do vosso Bispo. Hoje, a Igreja chama todos os seus membros, principalmente os ministros ordenados, a serem missionários, ou seja a levantarem-se e irem de maneira organizada ao encontro, antes de mais nada, dos nossos batizados que se afastaram da prática da própria fé católica, mas também de todos aqueles que pouco ou nada sabem de Jesus Cristo e de sua mensagem, para repropor-lhes o primeiro anúncio de Cristo, o querigma e, assim, reconduzi-los a um encontro vivo e concreto com o Senhor. Num encontro assim renova-se a fé e revigora-se a adesão pessoal a Jesus Cristo, condição de uma fé viva e de um testemunho fiel no mundo (HUMMES, 2007).²⁴

Como legítimas testemunhas e servidores da palavra, os diáconos são chamados a colaborar para que a Igreja se abra ao anúncio do Evangelho, superando a acomodação e a colocando em estado permanente de missão, levando a todos a boa notícia do Evangelho, como observa também Hummes:

Não podemos mais fechar-nos e aguardar os batizados nas nossas Igrejas. Temos que ir buscá-los onde vivem e trabalham, com uma ação missionária permanente, com especial atenção aos pobres das periferias urbanas. Este ministério da Palavra requer de vocês, caros Diáconos, uma familiaridade constante com a Sagrada Escritura, principalmente com os Evangelhos. Ouvir, meditar, estudar e praticar a Palavra de Deus deve ser um permanente esforço para vocês. Assim vocês se tornarão cada vez mais discípulos do Senhor e se sentirão chamados e iluminados pelo Espírito para a missão (HUMMES, 2007).

Após o envio missionário do Ressuscitado, a sua missão agora passa a ser a de cada batizado; dela ninguém pode ficar de fora e se fazer de indiferente, pois ela tem sua ratificação plena em nosso batismo:

Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários” (EG 120).

²⁴ Mensagem aos Diáconos permanentes, 10 de Agosto de 2017.

Associado ao ministério de Cristo pelo sacramento da ordem, o diácono participa diretamente do apostolado missionário de Cristo na Igreja. O seu ministério aponta propriamente para uma Igreja em saída, quando ocupa os espaços para além do espaço litúrgico e desenvolve o seu ministério como aquele que está a serviço da Palavra e da caridade, especialmente nas periferias urbanas e rurais. (CCP 206).

4.4 SERVIR COMO DISCÍPULOS E MISSIONÁRIOS: FAMÍLIAS

“A V Conferência espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras da missão” (DAp, n. 208). A Igreja espera dos diáconos um testemunho evangélico. Mas, o que significa dar testemunho evangélico? Significa amar como Jesus nos amou. Estar comprometido com as causas do Reino, da justiça, da paz e do bem comum, anunciar o evangelho e praticar a caridade. E, como diácono permanente, significa, especificamente, ser testemunhas de Cristo-Servo.

A Igreja espera deles um impulso missionário (DAp, n. 208). É preciso sempre reavivar a consciência de que são missionários. A missão de evangelizar tem que ganhar maior impulso. Não por motivos da possível perda de fiéis ou pela desmotivação dos que ainda se dizem cristãos, mas porque o Deus que habita neles, o Deus Trindade, é missionário. Eles são, por natureza, comunicadores da vida trinitária. Sem missão não resistem como cristãos.

Exercer o apostolado na própria família (DD 91) é um dos campos mais difíceis hoje em dia, no apostolado, não só para o diácono permanente, mas para todas as famílias cristãs. Sobretudo, um apostolado feito de coerência entre o falar e o agir.

Visto que a família é o valor mais querido por nossos povos, cremos que se deve assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda ação evangelizadora da Igreja. Em toda diocese se requer uma pastoral familiar “intensa e vigorosa” para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados (DAp, n. 435).

O Papa Francisco escreve, na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, sobre o Amor na Família, ele diz:

Os Padres Sinodais insistiram no fato de que as famílias cristãs são, pela graça do sacramento nupcial, os sujeitos principais da pastoral familiar, sobretudo oferecendo “o testemunho jubiloso dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas”. Para isso, sublinharam, é preciso fazer-lhes “experimentar que o Evangelho da família é

alegria que enche o coração e a vida inteira, porque em Cristo, somos libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento” (EG 1). À luz da parábola do semeador (cf. Mt 13,3-9), a nossa tarefa consiste em cooperar na sementeira: o resto é obra de Deus. E não se deve esquecer também que a Igreja, que prega sobre a família, é sinal de contradição, mas os esposos agradecem que os pastores lhes ofereçam motivações para uma aposta corajosa em um amor forte, sólido, duradouro, capaz de enfrentar todos os imprevistos que lhes surjam” (AL 200).

Ao que Durán acrescenta:

Outra tarefa que os diáconos permanentes podem assumir com maior atenção e intensidade é o da pastoral familiar. Eles podem com suas esposas e filhos serem excelentes evangelizadores das outras famílias. O Documento de Aparecida propõe uma ação missionária capaz de chegar à vida de todas as famílias. Isso exige pessoas dedicadas de corpo e alma a esta missão. Esse é um campo pastoral desafiador e ao mesmo tempo apaixonante que pode realizar plenamente o ministério do diácono permanente (DURÁN, 2008, p. 58).

Como Apóstolo na família, o diácono permanente é chamado a promover e a viver a dupla sacramentalidade (Matrimônio e Ordem) com alegria, testemunhando o evangelho do qual foi constituído ministro, pela ação do Espírito no sacramento da ordem. Fazer da família a Igreja doméstica, primeira a tornar-se o seu campo de apostolado e serviço (DAp, n. 205 e 208).

A dupla sacramentalidade – Matrimônio e Ordem – abre ao diácono permanente a possibilidade de assumir com autoridade de causa uma diversidade de serviços, pois a família e a comunidade eclesial lhe são confiadas como campos naturais de atuação. Em decorrência disso, ele pode exercer de modo novo as atividades de evangelização ligada a preparação de noivos, aconselhamento familiar e acompanhamento de casais de segunda união. Todas essas são frentes nas quais a sua experiência pessoal e familiar acrescenta muito à prática pastoral em relação aos demais ministros ordenados, uma vez que o diácono permanente é chamado a ser em todas elas sinal do Cristo Servo, mas ser também, na sua especificidade de ministro casado, símbolo esponsal entre Cristo e a sua Igreja, referencial de vivência no amor e de disponibilidade para o perdão (BENDINELLI, 2011, p. 151).

4. 5 PROMOÇÃO HUMANA E PASTORAIS SOCIAIS

Aparecida dá um passo à frente a respeito das quatro Conferências anteriores. Pela primeira vez, se fala de pastoral social e se pede às Conferências Episcopais e às Igrejas locais que promovam renovados esforços para fortalecê-la e estruturá-la (DAp, n. 401). Sobre isso, o Papa Francisco declara:

Ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessa aos cidadãos (EG 183).

A pastoral social é chamada de Serviço da Caridade e este serviço faz parte da essência da Igreja. Isto é, não pode faltar em hipótese alguma. Do contrário, corre-se o risco de desfigurar a Igreja de Cristo. Um campo privilegiado para o exercício do ministério

diaconal são as diversas pastorais sociais que acolhem e servem aos mais pobres (DAp, n. 402).

O serviço da caridade é peculiar do diácono (DD 55). O diácono permanente está comprometido até a medula com o projeto da solidariedade globalizada. Ele tem compromisso de fazer com que América Latina seja não só o Continente da esperança, mas o Continente do amor (cf. DAp, n. 543). Pois a realidade social desumana que vive o nosso Continente requer respostas urgentes de solidariedade. A solução dos problemas sociais é um desafio que requer um trabalho de todos os povos sem distinção de etnia, religião ou cultura, para superar o estado de degradação social da maioria (EG 189).

O Papa Francisco tem convocado a Igreja a não se preocupar somente com sua estrutura interna (EG 47), ou seja, com uma Igreja de grandes eventos, de templos suntuosos, com uma Igreja triunfalista e clerical, que quer se impor pelo poder e pela ostentação. É preciso deixar de ser auto referencial para ser despojada, inserida no meio dos pobres (EG 24). Formar Comunidades de Base, aliada aos Movimentos Populares e a todos aqueles e aquelas – entidades e pessoas – que lutam pela justiça e pelos direitos humanos e ambientais.

As comunidades, paróquias e dioceses, “ouvindo o clamor dos pobres”, são chamadas a apoiar e a investir no importante trabalho realizado pelas pastorais sociais presentes na Igreja. Estas pastorais realizam um verdadeiro ministério de solidariedade no meio da sociedade, especialmente no meio dos pobres. Importante valorizar e fortalecer a sua relação com os movimentos populares, respeitando e valorizando sua identidade e suas diferentes manifestações culturais e religiosas (EG 191).

O ministério do diácono permanente é o de ajudar a abrir os olhos da comunidade para enxergar a realidade dos pobres, excluídos, marginalizados, desamparados. Ao mesmo tempo suscitar ações, não apenas momentâneas e circunstanciais, mas permanentes que conduzam a recuperação completa do bem-estar e cidadania dos assaltados pelo capitalismo desumano (DURÁN, 2008, p. 63).

Campo fecundo e propício para o exercício do ministério diaconal são as diversas pastorais sociais pelas quais a Igreja serve aos mais pobres e excluídos da sociedade. Antes de mais nada, o diácono deve estar atento a realidade e sensível aos impulsos do Espírito. Ele precisa acolher, apoiar e acompanhar os diversos serviços prestados pela Pastoral social.

Com as pastorais sociais a Igreja deve dar acolhida e acompanhamento às pessoas dos pobres e excluídos. Os moradores de rua requerem da Igreja cuidado especial. É expressão da caridade da Igreja o acompanhamento pastoral dos migrantes. As dioceses devem estimular a Pastoral da Saúde a incluir diferentes campos de atenção. Uma grande prioridade é fomentar uma pastoral com pessoas que vivem com AIDS. A Igreja está ao lado dos dependentes de drogas. Com os detidos em prisões a Igreja deve fortalecer a pastoral carcerária, onde se inclua a tarefa de evangelização e promoção humana. Na diocese, na paróquia ou nas comunidades o

diácono permanente estará sempre atento e vigilante para apoiar e incentivar as pastorais sociais (DURÁN, 2008, p. 64).

O diácono permanente, inserido na vida da Igreja e no mundo, poderá viver plenamente o seu ministério, quando, nutrido da sua fé ao redor da mesa da Palavra e da Eucaristia, seja testemunha autêntica daquele que o escolheu e o chamou a missão. A espiritualidade diaconal é, antes de tudo, eucarística. Pelo exercício ministerial da liturgia expressa a diaconia de toda a comunidade, chamada para servir a Cristo nos irmãos e irmãs, especialmente, nos mais pobres (EG 47).

4.6 MUNDO DO TRABALHO E DOS TRABALHADORES

O Papa Francisco afirma:

Embora se possa dizer, em geral, que a vocação e a missão próprias dos fiéis leigos é a transformação das diversas realidades terrenas para que toda a atividade humana seja transformada pelo Evangelho, ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social: A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza são exigidos a todos. Temo que também estas palavras sejam objeto apenas de alguns comentários, sem verdadeira incidência prática. Apesar disso, tenho confiança na abertura e nas boas disposições dos cristãos e peço-vos que procureis, comunitariamente, novos caminhos para acolher esta renovada proposta (EG 201).

No serviço da mediação positiva, está a inserção do diácono no diálogo entre a Igreja e o mundo, entre a hierarquia e os leigos. Diálogo que favoreça, no seio da Igreja, a integração de todos os ministros, em vista de uma comum vocação ao serviço; diálogo *ad extra*, no relacionamento com o mundo, que promova os verdadeiros valores e esteja aberto aos sinais dos tempos, acusando, ao mesmo tempo, as injustiças e os desvios. Uma presença fraterna e missionária, acima de tudo, pelo testemunho pessoal. Um engajamento na realidade social, nas indústrias, na política não partidária, no setor civil. O diácono deve estar preparado para assumir os compromissos no próprio ambiente social, em defesa dos mais necessitados. Ele precisa de uma visão realista da própria comunidade, a fim de poder desenvolver, com maior vigor, a missão salvífica da Igreja:

Muitos de vós desempenhais uma atividade de trabalho nos escritórios, nos hospitais e nas escolas: em tais ambientes, sois chamados a ser servidores da Verdade. Anunciando o Evangelho, podereis transmitir a Palavra capaz de iluminar e dar significado ao trabalho do homem, ao sofrimento dos doentes, e ajudareis as novas gerações a descobrir a beleza da fé cristã. Deste modo, sereis Diáconos da Verdade que liberta, enquanto conduzireis os habitantes desta cidade rumo ao encontro com Jesus Cristo. Acolher o Redentor na própria vida constitui, para o homem, uma fonte de profunda alegria, um júbilo que pode infundir a paz até nos momentos de prova. Por conseguinte, sede servidores da Verdade para vos tornardes

portadores da alegria que Deus deseja transmitir a cada um dos homens (BENTO XVI, 2006).²⁵

Diz o Papa Francisco:

Depois, falando de testemunhos, a alegria. A alegria da minha vida é plena, a alegria de ter escolhido bem, a alegria que vejo diariamente que o Senhor me é fiel. A alegria é ver que o Senhor é sempre fiel a todos. Quando não sou fiel ao Senhor, aproximo-me do sacramento da Reconciliação. Os consagrados e os sacerdotes maçadores (aborrecidos), com amargura no coração, tristes, têm alguma coisa errada e devem consultar um bom conselheiro espiritual, um amigo e dizer: «Não sei o que está a acontecer na minha vida». Quando não se sente alegria, algo não está bem. Sem alegria não atraís para o Senhor nem para o Evangelho (PAPA FRANCISCO, 2015).²⁶

4.7 SERVIÇO DA CARIDADE

O ministério da Caridade é, por assim dizer, o centro e principal *mínus* a ser exercido pelo diácono em seu ministério. O que fundamenta e justifica a vocação diaconal na Igreja é, justamente, o serviço da caridade. O ministério da caridade na Igreja é consequência irrenunciável da missão que ela recebeu (Lc 9,2; 24,27). Assim sendo, o ministério da caridade é como que um núcleo de toda missão da Igreja. Todo ministério, todo serviço e toda diaconia tem como fonte, como centro e fim, a caridade. A caridade envolve uma diversidade de ministros e de pastorais, organismos, movimentos, congregações, associações e serviços. A história do cristianismo é profundamente marcada por diversos testemunhos de santos e santas que doaram sua vida para servir aos pobres e excluídos do seu tempo.

O Papa Bento XVI, em sua Encíclica *Deus caritas est*, recorda a história das primeiras diaconias da Igreja e aponta o testemunho do Diácono São Lourenço como primeiro mártir da caridade eclesial, ícone para toda a comunidade, especialmente para os diáconos:

Relativamente a Roma, as diaconias são documentadas a partir do Séc VII e VIII; mas naturalmente já antes, e logo desde os primórdios, a atividade assistencial ao pobres e doentes, segundo os princípios da vida cristã expostos nos Atos dos Apóstolos, era parte essencial da Igreja de Roma. Esse dever encontra sua viva expressão na figura do diácono Lourenço (+ 258). A dramática descrição do seu martírio era já conhecida por Santo Ambrósio (+397) e, no seu núcleo, mostra-nos seguramente a figura autêntica do Santo. Após a prisão do seus irmãos na fé e do Papa, a ele, como responsável pelo cuidado dos pobres de Roma, fora concedido mais algum tempo de liberdade, para recolher os tesouros da Igreja e entregá-los às

²⁵ BENTO XVI. *Discursos Bento XVI: durante a audiência de Roma*. Sábado, 18 de fevereiro de 2006. Disponível em: <http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/d51.htm>. Acesso em: novembro de 2017.

²⁶ PAPA FRANCISCO. *Encontro com o clero, os religiosos e os diáconos permanentes*. Basílica de Nápoles: 2015. Disponível Em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150321_napoli-pompei-incontro-duomo.html. Acesso em: novembro de 2017.

autoridades civis. Lourenço distribuiu o dinheiro disponível pelos pobres e, depois, apresentou estes às autoridades como verdadeiro tesouro da Igreja. Independentemente da credibilidade histórica que se queira a tais particulares, Lourenço ficou presente na memória da Igreja como grande expoente da caridade eclesial (DCE 23).

No ministério da Caridade, temos como modelo, por excelência, o Cristo-Servo que viveu totalmente ao serviço de Deus para bem dos homens. Ele se apresentou pessoalmente como o servo anunciado no primeiro canto do *Livro de Isaías* (cf. Lc 4, 18-19), qualificou expressamente a sua ação como diaconia (cf. Mt 20, 28; Lc 22, 27; Jo 13, 1-17; Fil 2, 7-8; 1Pd 2, 21-25) e recomendou a seus discípulos fazer o mesmo (cf. Jo 13, 34-35; Lc 12, 37).

Ainda na reflexão sobre a Encíclica *Deus caritas est*, o Papa Bento XVI reafirma que a Caridade, à luz de Jesus Cristo, é um dever da Igreja como continuadora da missão confiada pelo Senhor:

O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de tudo para cada um dos fiéis, mas o é também para a comunidade inteira, e isso em todos os seus níveis: desde a comunidade local, passando pela Igreja particular, até a Igreja universal, na sua globalidade. A Igreja também como comunidade deve praticar o amor. Consequência disso é que o amor tem necessidade também de organização como pressuposto para um serviço comunitário organizado (DCE 20).

Partindo do princípio de que a caridade como expressão do serviço da Igreja deve ser organizada, o Santo Padre recorda o surgimento da instituição do ministério diaconal na Igreja nascente:

Um passo decisivo na difícil busca de soluções para realizar esse princípio eclesial fundamental torna-se patente naquela escolha de sete homens que foi o início do ofício diaconal (cf. At 6,5-6), este grupo não devia realizar um serviço meramente técnico de distribuição: deviam ser homens “cheios do Espírito Santo e de sabedoria”. Quer dizer que o serviço social que tinham de cumprir era concreto sem dúvida alguma, mas ao mesmo tempo era também um serviço espiritual; tratava-se, na verdade, de um ofício verdadeiramente espiritual, que realizava o dever essencial da Igreja, o do amor bem ordenado ao próximo. Com a formação do organismo dos Sete, a “diaconia”, o serviço do amor ao próximo exercido comunitariamente e de modo ordenado ficara instaurada na estrutura fundamental da própria Igreja (DCE 21).

O ministério diaconal é parte integrante da Igreja em sua missão de servidora da humanidade, especialmente dos pobres e excluídos. O Papa Francisco afirma que a missão da Igreja e dos seus ministros ordenados é ser, antes de tudo, uma comunidade acolhedora, servidora e solidária com as dores da humanidade. Como sinal do Cristo servo, os diáconos, pelo seu testemunho, devem recordar sempre à Igreja, a sua especial missão junto aos mais pobres (EG 198).

4.8 O MINISTÉRIO DA CARIDADE NA IGREJA DA AMÉRICA LATINA

A Igreja na América Latina, particularmente, impulsionada pelo Concílio Vaticano II, logo de início, se manifestou sensível e aberta às necessidades pastorais da implantação do ministério diaconal no continente, por entender que este ministério é parte constitutiva da hierarquia da Igreja e, por conseguinte, deve estar inserido na missão evangelizadora de toda a Igreja. Quando o episcopado latino americano se reuniu em Medellín, em agosto de 1968, fazia apenas pouco tempo que o Papa Paulo VI havia restaurado o Diaconato Permanente. Assim sendo, o episcopado regional, em realização da sua segunda Conferência, dedica algumas poucas palavras a respeito do ministério diaconal e da sua restauração:

Em alguns países da América Latina realizam-se experiências de formação de diáconos, que, por ser (essas experiências) ainda principiantes, não têm alcançado o suficiente grau de maturidade que permita avaliação. Contudo, nota-se que a promoção do Diaconato surgiu em vista de determinadas exigências pastorais. Isto tem dado lugar a uma relativa pluralidade de formas na concepção, preparação e realização dos candidatos a diácono, de acordo com os ambientes (MEDELLÍN, Cap. 13).

Quase onze anos mais tarde, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro, ocorre a terceira Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, em Puebla, solenemente aberta pelo Papa João Paulo II. Nesta Conferência, o tema do Diaconato Permanente foi abordado mais extensivamente como sendo uma necessidade na realidade da América Latina:

A missão e função do diácono não se devem medir segundo critérios meramente pragmáticos, por estas ou aquelas ações que poderiam ser exercidas por ministros não ordenados (EN 73) ou por qualquer batizado; nem tampouco em vista de uma solução para a escassez numérica de presbíteros (LG 29) que atinge a América Latina. A conveniência do diácono deduz-se da eficaz contribuição para a igreja cumprir melhor sua missão salvadora (AG 16) por meio de uma atenção mais adequada à tarefa evangelizadora (DP 698).

As atuais Diretrizes para o Diaconato Permanente no Brasil, reafirmam a missão do diácono como ministério do lava-pés:

A missão do diácono está ligada ao Cristo-servo. Ele coloca em evidência e potencializa para todo o Povo de Deus a dimensão de serviço. Sua veste característica é a estola, que lembra a toalha do lava-pés, gesto da atitude diaconal de Cristo. Ser ícone de Cristo servidor constitui a identidade profunda do diácono. Ao vê-lo, deveríamos ser interpelados aos gestos concretos e à alegria do serviço (DD 40).

No tocante a missão do Cristo-Servo, vivenciada pelo diácono em seu ministério de coordenar ou organizar a dimensão da caridade, está claro que o fundamento que o leva a realizar as “obras de caridade” é o Amor, isto é, é a Caridade de Cristo que nos impulsiona a servir os irmãos. Referindo-se a missão do diácono como servidor, ressalta Dom Luciano

Mendes de Almeida, em sua homilia na missa do III Congresso Nacional de Diáconos Permanentes do Brasil:

O diácono não precisa ser um super-coordenador de ações. Ele tem que ser capaz de transmitir este amor de pastor, no meio do povo, em contato muito cotidiano com esse povo que está aí. Esse amor é que faz o diácono. O diácono é alguém capaz de amar o povo, de fazer gratuitamente o bem, de entender que o bem se faz bem, de que a maior retribuição é a felicidade do outro (ALMEIDA, 2003).²⁷

Ao chamar a atenção para a missão do diácono naquilo que lhe é específico, o ministério da caridade, Dom Luciano Mendes de Almeida afirma:

Naturalmente, da mesma forma que os leigos, participam, segundo seus dons e carismas, tanto de uma ação no ambiente da vida social como no ambiente da comunidade eclesial, assim também o diácono participa na realização da sua missão e ministério em todos os ambientes que fazem parte da sua vida. Reduzir a nossa atuação intereclesial à dimensão litúrgica pode realmente desfigurar a identidade do diácono, que só aparecerá na sua integridade, se ressaltando a dimensão da caridade, tiver uma atuação conseqüente na liturgia e na diaconia da palavra (ALMEIDA, 2003).²⁸

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Ecclesia in América*, situa o contexto da nova configuração do ministério da caridade na realidade latino americana de empobrecimento e exclusão. No texto, convoca a Igreja a implementar o projeto de nova evangelização, com atenção especial às situações de injustiça, a fim de que não haja nenhum marginalizado:

A Igreja na América deve encarnar nas suas iniciativas pastorais a solidariedade da Igreja universal pelos pobres e pelos marginalizados de toda espécie. Sua posição deve compreender a assistência, a promoção, a libertação e a acolhida fraterna. (EA 58).

A Igreja na América Latina, ao percorrer o seu itinerário Evangelizador e Missionário e a sua tradição de “comunhão e participação”, reafirma na V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, em Aparecida, a sua comunhão com a Igreja universal e convoca todos os seus membros a fazer, em primeiro lugar, experiência de renovar-se pelo Espírito Santo para que aconteça de fato, um novo Pentecostes:

A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente. Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança (DAp, n. 362).

Em segundo lugar, Aparecida convoca a Igreja a uma verdadeira conversão pastoral e a renovar o seu ardor missionário, através da escuta do que “o Espírito está dizendo às Igrejas”, para que todos os membros da Igreja se tornem verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo:

²⁷ Homilia na missa do III Congresso Nacional dos Diáconos em 23/02/2003.

²⁸ *Idem.*

Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta (DAp, n. 366).

Aparecida constata e chama à atenção para a realidade que envolve toda a Igreja. Percebe-se que muitos dos discípulos missionários encontram-se cansados e alguns envolvidos por certa apatia e acomodação que os impedem de realizar com entusiasmo a missão evangelizadora da Igreja. Apesar de constatar algumas sombras, Aparecida destaca também alguns aspectos positivos:

Apesar das dificuldades e ambiguidade de alguns dos seus membros, a Igreja teve e tem uma atuação junto aos pobres. Nos últimos anos houve um maior conhecimento da Bíblia, melhor catequese, renovação da liturgia com esforço de inculturação. A dedicação, presbíteros, o desenvolvimento do diaconato permanente. A grande quantidade de ministérios assumidos por leigos (DAp, n. 99).

Como em Puebla, em Aparecida os Bispos reconhecem o rosto dos pobres e dos que sofrem. Neste sentido também apontam caminhos para a atuação do ministério da caridade exercido pela Igreja, especialmente na atuação do diácono permanente.

Comunidades indígenas e afro-americanas tratadas sem dignidade e igualdade de condições; mulheres excluídas, por razões de sexo, raça ou situação econômica; jovens com educação de baixa qualidade, sem possibilidade de entrar no mercado de trabalho e de constituir família; pobres, desempregados, migrantes, desalojados, sem-terra, que buscam sobreviver na economia informal; crianças submetidas à prostituição infantil e ao aborto; milhões de pessoas e famílias que vivem na miséria e inclusive passam fome; dependentes de drogas, deficientes físicos, portadores do HIV, tuberculose e malária, excluídos da convivência familiar e social; sequestrados, vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança urbana; idosos, excluídos do sistema de produção e muitas vezes rejeitados por suas famílias, presidiários em situação desumana. (DAp, n. 65).

Ao considerar a realidade dos pobres e dos que sofrem, Aparecida fala do valor da Pastoral Social e pede as Conferências Episcopais e igrejas locais que promovam renovados esforços para fortalecê-la e estruturá-la. Neste sentido, os planos de ação pastoral implantados nas dioceses, paróquias e pequenas comunidades devem levar em consideração e, ao mesmo, também assumir a opção preferencial pelos pobres a partir do rostos dos que sofrem. A Pastoral Social é chamada de Serviço da Caridade e este serviço faz parte da essência da Igreja. Isto é, não pode faltar em hipótese alguma. Do contrário corre-se o risco de desfigurar a igreja de Cristo.

O serviço da caridade é peculiar do diácono. Ele deve estar comprometido até a medula com o projeto da solidariedade globalizada. O compromisso de fazer com que a América Latina seja não só continente da esperança, mas de amor (DAp, n. 543).

O teólogo e diácono Duran y Duran afirma que:

O ministério do diácono permanente é o de ajudar a abrir os olhos da comunidade para enxergar a realidade dos pobres, excluídos, marginalizados, desempregados. Ao mesmo tempo suscitar ações, não apenas momentâneas e circunstanciais, mas permanentes que conduzam a recuperação completa do bem-estar e cidadania assaltados pelo capitalismo desumano (DURÁN, 2008, p. 63).

O diácono permanente é chamado a animar a comunidade eclesial e os diversos ministros, a trabalhar pela solidariedade e pela paz. Na medida em que, pelo seu testemunho, anima e suscita o serviço da comunidade, o diácono torna-se verdadeiramente construtor da solidariedade e da paz. Assim sendo, Aparecida nos desperta para que nas diversas realidades eclesiais (diocese, paróquia, comunidades) e o diácono se coloque sempre como o primeiro animador, apoiador e articulador das pastorais sociais, e esteja disposto a suscitá-las aonde ainda não existe, como reafirma o Documento de Aparecida:

As Conferências Episcopais e as igrejas locais têm a missão de promover renovados esforços para fortalecer uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral que, com a assistência e a promoção humana, se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está mais ameaçada. No centro desse agir está cada pessoa, que é acolhida e servida com cordialidade cristã. Nessa atividade a favor da vida de nossos povos, a Igreja católica a apoia a colaboração mútua com outras comunidades cristãs (DAp, n. 401).

A atuação do diácono junto a essas realidades de exclusão se sustenta na radicalidade da “opção pelos pobres”, assumida pela igreja, que está fundamentada na radicalidade da sua adesão a Jesus Cristo. É o que reafirma o Papa Bento XVI no seu discurso inaugural da Conferência de Aparecida: "a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2 Cor.8,9)" (DI, n.3).

Ao aderir ao projeto do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo, os diáconos consequentemente fazem do programa de Jesus o seu programa de vida e a sua opção. O ministério diaconal encontra sua força na experiência do Espírito que anima e sustenta a missão do próprio Cristo.

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Is 61,1-2).

Um dos campos próprios para o exercício do ministério diaconal é a realidade dos pobres e excluídos. O Documento de Aparecida procura discernir os sinais dos tempos (cf. DAp, n. 33), como fez o Concílio Vaticano II, e volta o seu olhar especial para as situações de injustiça geradoras de uma cultura de morte. Para os bispos, as condições de vida dos milhões e milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso em favor da cultura da vida. O Reino

de Vida que Cristo veio trazer, é incompatível com essas situações desumanas. Fechar os olhos diante dessas realidades é negar a essência da fé cristã, pois há uma inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, especialmente aos excluídos. Todas as preocupações por desenvolver estruturas mais justas ou por transmitir os valores sociais do Evangelho situam-se nesse contexto de serviço à vida digna (cf. DAp, n. 358).

Referindo-se aos desafios e a missão própria dos diáconos, o Papa Francisco, na homilia feita durante a celebração eucarística no Jubileu Extraordinário da Misericórdia com os Diáconos permanentes, os encoraja a exercer o ministério com generosidade e espírito de oração e serviço.

Queridos diáconos, podeis pedir diariamente esta graça na oração, numa oração em que apresenteis as fadigas, os imprevistos, os cansaços e as esperanças: uma oração verdadeira, que leve a vida ao Senhor e traga o Senhor à vida. E, quando servirdes à Mesa Eucarística, lá encontrareis a presença de Jesus, que Se dá a vós para que vos doeis aos outros. Assim, disponíveis na vida, mansos de coração e em diálogo constante com Jesus, não tereis medo de ser *servos de Cristo*, de encontrar e acariciar a carne do Senhor nos pobres de hoje (FRANCISCO, 2016).²⁹

Por estar ligado à própria missão de Cristo-Servo da Igreja, a missão do diácono permanente torna-se ícone de Cristo-Servidor. Dessa forma, as Diretrizes para o Diaconato permanente da Igreja no Brasil recordam que a missão diaconal também torna-se protótipo para a comunidade: “Ele coloca em evidência e potencializa para todo o povo de Deus a dimensão do serviço. Ao vê-lo deveríamos ser interpelados aos gestos concretos e à alegria do serviço” (DD 40). O testemunho requer do diácono permanente unidade eclesial: “Ordenando diáconos, a Igreja evidencia que a palavra e a caridade, primeiras exigências da evangelização, requerem testemunhas em integral comunhão com ela” (DD 41). O diácono, ordenado para o serviço, deve ter Maria como inspiradora e auxiliadora em seu ministério.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou uma abordagem pneumatológica do diaconado a respeito da missão. Através dela, evidenciou-se a indispensável e fundamental ação do Espírito Santo, que sendo Deus e agindo por meio do ministério messiânico de Cristo, missionário por convocação do Pai, constitui a Igreja, seu Povo habitado pelo Espírito (Ef 2, 19-22).

²⁹ PAPA FRANCISCO. *Homilia: Jubileu Extraordinário da misericórdia*. Praça São Pedro: Domingo, 29 de Maio de 2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160529_omelia-giubileo-diaconi.html. Acesso em: novembro de 2017.

Pentecostes constitui a Igreja como comunidade ministerial e carismática (1 Cor 12, 5-7). Por meio do batismo, o Povo de Deus participa do único sacerdócio de Cristo como sacerdote, profeta e Rei. Este Povo Sacerdotal celebra e vive o dom do sacerdócio, seja por meio do sacerdócio comum dos fiéis, ou através do sacerdócio ministerial ou hierárquico, todos se tornam participantes, a seu modo, do sacerdócio único de Cristo (1 Pd 2, 4) (cf. LG 2-4).

O Espírito Santo habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1 Cor 3, 16; 6, 19); e neles ora e dá testemunho da sua adoção filial (cf. Gl 4, 6; Rom 8, 15-16. 26). Ele introduz a Igreja no conhecimento de toda a verdade (cf. Jo 16, 13), unifica-a na comunhão e no ministério, edifica-a e dirige-a com os diversos dons hierárquicos e carismáticos e enriquece-a com os seus frutos (cf. Et 4, 11-12; 1 Cor 12, 4; Gl 5, 22)” (LG 4).

Embora muitos dos documentos do magistério apontem para a presença e ação do Espírito na vida da Igreja, a pesquisa apontou para a existência de uma efetiva carência da experiência pneumatológica no exercício dos ministérios. Assim sendo, muitas vezes os ministérios, ordenados ou leigos, caem num funcionalismo ou numa mera execução de tarefas. Falta a abertura para uma verdadeira experiência significativa do Espírito no exercício do ministério. Deste modo, o ministério diaconal se reduz a mera suplência do presbítero ou substituição dos ministérios laicais.

A partir da abordagem pneumatológica a presente pesquisa identifica o diácono, ministro ordenado e participante do sacerdócio de Cristo, como um potencial missionário nos diversos ambientes. Ele deve se fazer presente, prioritariamente, nas periferias existenciais e geográficas, em uma permanente atitude de saída missionária (EG 20,30).

Além disso, a pesquisa aponta para a urgência de a Igreja renovar seu empenho em realizar uma verdadeira saída missionária. O que se discute nesse dissertação, é a prioridade de ir ao encontro dos que estão afastados ou indiferentes, à mensagem do evangelho. O ministério diaconal pode contribuir para um renovado anúncio e testemunho nos diversos meios, locais e realidades. São areópagos, onde a presença do diácono pode e deve promover a vida, a fé e a esperança. Onde o rosto do Cristo Servidor é revelado a todos através da presença diaconal (EG 127, 131).

“Cheios do Espírito” (At, 6,3), os diáconos permanentes dedicam-se ao ministério nas três dimensões diaconais: da palavra, da liturgia e da caridade. Não importa o ambiente ou a ação pastoral que ele realiza. Importa, sim, que no desenvolvimento do ministério tudo tenha como objetivo a missão evangelizadora. O ministério diaconal trabalha e efetiva-se junto às pastorais nas celebrações sacramentais, na diaconia da caridade, no cuidado de comunidades

distantes, entre outras atividades. Em tudo, testemunhará qualificadamente a alegria do evangelho, sobretudo no atendimento aos mais pobres.

O ministério diaconal constitui-se fonte de esperança, de renovação eclesial e dentro das comunidades, atingindo setores que dificilmente seriam alcançados pelos presbíteros. A ação missionária do diácono permanente torna-se relevante, à medida que se integra nas comunidades, especialmente, nas imensas áreas abandonadas nas periferias das grandes cidades e mesmo na zona rural.

Como todos os ministros da Igreja, os diáconos estão a serviço do Evangelho. Assim como os outros ministros ordenados, bispos e presbíteros, eles participam do ministério apostólico, isto é, deste serviço que representa a escolha e envio dos Doze. Cheios do Espírito (At 6,3), chamados pelo sacramento da ordem, consagrados e enviados para a missão de apresentar a novidade do Evangelho e o rosto de Cristo, os diáconos são servidores. Desse modo, o diaconado permanente tem a função de possibilitar à comunidade acolher e valorizar a diversidade ministerial e carismática de toda a Igreja que desde Pentecostes, é agraciada com os diversos dons e carismas do Espírito para a missão.

O diaconado permanente, quando vivido e assumido com abertura ao Espírito, coloca a Igreja em estado de missão por trazer a sua originalidade e novidade: servir no anúncio do Evangelho, servir no ministério da Liturgia e da caridade como homens “cheios do Espírito”, discípulos missionários de Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio José de. *Sois um em Cristo Jesus*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. *Novos ministérios: a necessidade de um salto à frente*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. *Os ministérios não-ordenados na Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Loyola, 1989.
- _____. *Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1989.
- BENDINELLI, Julio C. *Diaconia da Palavra: o ministério e a missão do diácono permanente*. São Paulo: Paulus, 2011. (Col. Comunidade e missão).
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. Edição Pastoral. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BLANK, Renold. *Ovelha ou protagonista? A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas e Atos: para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida em resumo: o documento oficial com referência às mudanças efetuadas no documento original*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Col. Sinais dos tempos).
- _____. *A pastoral que dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé: manual básico de teologia pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Col. Livros básicos de teologia; 15)
- _____. *Para compreender o Documento de Aparecida: pré-texto, o contexto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008 (Col. Comunidade e missão).
- BORN, A. Van Den. *Dicionário enciclopédico da bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- BORRAS, Alphonse. *O diaconado sob o risco da sua novidade*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BORRAS, A. e POTTIER, B. *A graça do diaconato : questões atuais relativas ao diaconato latino*. São Paulo : Loyola, 2010.
- CANTALAMESSA, Raniero. *O canto do espírito: meditações sobre o Veni Creator*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CARVALHO, Humberto Robson de. *Paróquia Missionária: Projeto de evangelização e missão paroquial na cidade*. São Paulo: Paulus, 2015.
- COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Temas de Atualidade).
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, “O diaconato: evolução e perspectivas”. *SEDOC*, v. 35, n. 297, p. 521-614, 2003.
- CONCÍLIO VATICANO II – *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – A conversão pastoral da paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

_____. *Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2012.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta Iuvenescit Ecclesia aos Bispos da Igreja Católica: Sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja*. Disponível em: < https://press.vatican.va/content/dam/salastampa/it/fuori-bollettino/pdf/PO%20IUVENESCIT%20ECCLESIA_Portugues.pdf>. Acesso em 26 de outubro de 2017.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONGAR, Yves. “*Ele é o Senhor e dá a vida*”. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO. *Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola, 2013.

DURÁN y DURÁN, José. *Os Diáconos, discípulos missionários de Jesus servidor*. Brasília: Edições CNBB, 2008.

FORTE, Bruno. *A Igreja: ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 1987.

GOEDERT, V. *A restauração do diaconato permanente*. São Paulo: Loyola, 1983.

KASPER, W. unidade dos cristãos e pentecostalismo: quais as perspectivas? Cenários, sujeitos e prática. In: MAÇANEIRO, Marcial (Org.). *Teologia em Questões*. Aparecida/SP: Edições Santuário, 2014.

KEHL, Medard. *A Igreja: Uma eclesiologia católica*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MIKUSZKA, Gelson Luiz. *Por uma paróquia missionária: à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2012.

MOLTMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PANAZZOLO, João. *Igreja comunhão, participação, missão*. São Paulo: Paulus, 2010.

PAULO VI, Motu próprio *Ministeria Quaedam*. Petrópolis: Vozes, 1972.

- _____. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. (1968). In: *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1998 (Coleção Documentos da Igreja, 3).
- PAULO VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- PEREIRA, Pe. José Carlos. *Paróquia Missionária à luz do Documento de Aparecida: Procedimentos Fundamentais*. Brasília: Edições CNBB, 2012.
- PONTIFICAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2000.
- STORNIOLO, Ivo. *Como ler os atos dos apóstolos: o caminho do Evangelio*. São Paulo: Paulus, 1993.
- SUESS, Paulo. *Dicionário da exortação Evangelii gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da exortação apostólica Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho -, do Papa Francisco, sobre o anúncio do Evangelho no Mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2015.
- _____. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. *Missão e misericórdia: a transformação missionária da Igreja segundo a Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011.